

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL

**ENTRE OS VALORES DO PATRÃO E OS DA NAÇÃO, COMO FICA O  
OPERÁRIO?**

**(O Frigorífico Anglo em Pelotas: 1940-1970)**

Neuza Regina Janke da Silva

Dissertação elaborada sob a orientação da  
Professora Doutora Margaret Marchiori Bakos  
e apresentada como requisito parcial e final para obtenção  
do grau de Mestre em História / Área de História do Brasil.

Porto Alegre

Agosto de 1999

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**DEDICO ESTE TRABALHO**

*In Memoriam*

*A avó Maria Josefa Pereira das Neves, por ter-me amado sem restrições  
Aos trabalhadores Vildeman Garcez e Hugo Huckembeck, por suas histórias*

## AGRADECIMENTOS

A Professora e orientadora Doutora Margaret Marchiori Bakos, pela paciência, dedicação e auxílio nos momentos difíceis, partilhando, comigo, sua experiência de vida e acadêmica.

Aos professores e amigos Fábio Vergara Cerqueira e José Plínio Fachel, pelo incentivo inicial e apoio constante.

A Professora Mestre Cláudia Mauch, por ter me ensinado os caminhos e descaminhos da História Cultural.

Aos trabalhadores do Frigorífico Anglo e aos moradores do bairro da Balsa, por terem aceitado dividir, comigo, suas histórias.

A Carla Pereira e Rosana Sanches, funcionárias do Curso de Pós-Graduação em História da PUCRS, pela amizade e dedicação para a resolução dos assuntos de meu interesse.

A Sônia Tavares Garcia e Zilda Duarte Sedrez, funcionárias da Biblioteca Pública Pelotense, pela atenção, carinho e disponibilidade em colaborar na busca de fontes para a pesquisa desta dissertação.

À mana e professora Nara Giovania, pelas leituras críticas e sugestões.

A professora Nara Rejane da Silva, pela revisão gramatical e sugestões ao original.

Ao amigo, companheiro professor Paulo Bernardo Schinnor, pelas traduções.

Ao André, César, Francisco, Luciana, Tiago, Humberto, Paulo, Ricardo, pela paciência permanente, ao me ensinarem a “domar o bicho computador”.

Ao Tiago e ao Ricardo, também pelas discussões, elaboração de tabelas, mapas e formatação.

Aos manos Francisco e Luciana, por dividirem seu lar comigo, permitindo, dessa forma, conforto e tranquilidade em Porto Alegre, durante o curso de Pós-Graduação.

Aos colegas de Curso, mas, especialmente a Liane, Nikelen, Luís Augusto, Rosana e Roger, pelo apoio e colaboração na descoberta da cidade de Porto Alegre.

À Márcia, minha filha de Passo Fundo, por **TUDO**.

À Maria, mana estimada, por dividir, comigo, a tarefa de mãe e avó.

Aos meus Pais.

Aos filhos Rafael, Raquel, Michele, Gabriela e Débora, à neta Janaina, por terem compreendido tantas ausências e ainda por terem oferecido apoio e incentivo.

Ao meu esposo, por todas as razões.

A CAPES, pelo auxílio financeiro, sem o qual teria sido impossível a realização do Curso.

**MUITO OBRIGADO**

## SUMÁRIO

<b>LISTAS DE FIGURAS .....</b>	<b>6</b>
<b>LISTAS DE QUADROS .....</b>	<b>6</b>
<b>RESUMO .....</b>	<b>7</b>
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 A PRINCESA DO SUL ACOLHE A ARISTOCRACIA INGLESA DA CARNE FRIGORIFICADA.....</b>	<b>32</b>
2.1 A ARISTOCRACIA INGLESA ENCANTOU-SE COM A PRINCESA: A CHEGADA DOS VESTEY BROTHERS.....	38
2.2 A CONQUISTA DEFINITIVA DA PRINCESA: OS VESTEY BROTHERS ESTÃO DE VOLTA.....	42
2.3 QUEM ERAM OS ARISTOCRATAS QUE SE ENCANTARAM COM A PRINCESA?.....	51
2.4 O FUNCIONAMENTO DO FRIGORÍFICO ANGLO.....	54
2.5 REFLETINDO-SE SOBRE ALGUMAS QUESTÕES ACERCA DA MÃO-DE-OBRA.....	59
<b>3 OS TRABALHADORES ESTÃO CHEGANDO... A OCUPAÇÃO DO BAIRRO DA Balsa EM PELOTAS (RS) 1950-60.....</b>	<b>64</b>
3.1 ANTECEDENTES DA ÁREA DO BAIRRO DA Balsa .....	72
3.2 O BANHADO TRANSFORMA-SE: COM A PARTICIPAÇÃO DO FRIGORÍFICO?.....	77
3.3 DE ONDE VIERAM OS TRABALHADORES DO FRIGORÍFICO QUE OCUPARAM O BAIRRO DA Balsa.....	83
3.4 AS CONQUISTAS DOS MORADORES DO BAIRRO DA Balsa.....	86
<b>4 FATOS QUE MARCARAM A HISTÓRIA DE UMA PRINCESA: UM ESTUDO DAS RELAÇÕES ENTRE OS TRABALHADORES E OS DIRIGENTES DO FRIGORÍFICO ANGLO.....</b>	<b>1</b>
4.1 GOLF E FESTAS: CLUBE CAMPESTRE - 1944.....	94
4.2 1956: UMA CIDADE SEMIDESTRUÍDA PELAS ÁGUAS .....	103
4.3 A GREVE DO FRIGORÍFICO ANGLO EM 1958.....	113
4.4 CHUVAS E AUMENTO DE PREÇOS: A LUTA E A ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES PELOTENSES EM 1959.....	121
4.5 O MOVIMENTO DA LEGALIDADE E OS TRABALHADORES PELOTENSES.....	127
4.6 ENTRE OS VALORES DO PATRÃO E OS DA NAÇÃO, COMO FICA O OPERÁRIO? .....	132
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>144</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>150</b>
<b>7 BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>153</b>
7.1 FONTES.....	160

## **LISTAS DE FIGURAS**

Figura 1 Mapa demonstrativo do investimento inglês no Rio Grande do Sul.....	21
Figura 2 Mapa dos principais roteiros e distâncias aproximadas de Pelotas.....	32
Figura 3 Mapa dos Bairros de Pelotas.....	33
Figura 4 Prédio da Estamparia do Frigorífico Anglo.....	54
Figura 5 Prédio da Conserva de extrato de carne do Frigorífico Anglo.....	54
Figura 6 Seção de carnes do Frigorífico Anglo.....	55
Figura 7 Foto da Rampa do Frigorífico Anglo.....	56
Figura 8 Mapa demonstrativo do Frigorífico Anglo e do Bairro da Balsa.....	64

## **Listas de Quadros**

Quadro 1 Relação de alguns dirigentes do Clube Campestre e seu registro como funcionários do Frigorífico Anglo.....	98
Quadro 2 Principais manchetes da imprensa local no mês de agosto de 1959.....	124

## RESUMO

Neste trabalho, narra-se a história do Frigorífico Anglo de Pelotas, RS, no período de 1943 a 1970, buscando-se investigarem as relações que possam ter existido entre o desenvolvimento dessa empresa estrangeira e o processo de ocupação do Bairro da Balsa, localizado na mesma cidade. Como subsídio ao estudo dessas relações, resgatam-se seis fatos que envolveram os dirigentes ingleses do Frigorífico, os trabalhadores da empresa, os moradores do Bairro da Balsa e a sociedade pelotense.

A localização de uma indústria estrangeira de frigorificação de carne próxima a um núcleo habitacional popular foi o fator que instigou a realização desta pesquisa, sendo que, através dela, pretende-se contribuir para se preencher parte da lacuna da historiografia do século XX referente a Pelotas, visto que os estudos dessa natureza produzidos sobre a cidade têm se concentrado no século XIX.

Conclui-se que o Anglo não contribuiu, diretamente, para a construção das moradias de operários, mesmo porque, quando da instalação da empresa, em 1943, o capitalismo encontrava-se em um estágio de desenvolvimento que não mais demandava a construção de vilas operárias por parte dos industrialistas. Conclui-se ainda que, se num primeiro momento, os trabalhadores não foram beneficiados através da construção de moradias, por outro lado, quando do encerramento das atividades da empresa, esses mesmos trabalhadores não perderam, também, suas casas.

## ABSTRACT

This research narrates the History of the Frigorífico ANGLO, during the period of 1943 to 1970, in Pelotas-RS-Brazil searching the relations between the development of the foreign firm and the process of the space occupation in the Area of Balsa. The study of this relation rescue some facts occurred in the city that involved the English staff of the Frigorífico ANGLO, the workers of the firm, the residents of the Area of Balsa and the society of Pelotas.

The installation of foreign industry of meat located near a popular residence center, was the propeller and provoker factor of this research.

The present study intends to contribute to fill in the historiographic blank of the history of Pelotas during the 20th century, since the studies about the city were centered in the 19th century.

The research concludes that the ANGLO didn't interfere directly in the construction of houses for its workers because when in 1943, it began its function the historical period of development of the capitalism didn't oblige the owner of the capital to build workers' house. If in the first moments the workers didn't receive from the firm the houses to live, closed its activities, the workers valued the attitude of the English staff favorable to them because when they lost their jobs, they didn't lose their houses.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem dois objetivos principais. O primeiro deles é narrar a história, compreendida entre os anos de 1943 a 1970, da instalação e do desenvolvimento, em Pelotas, do Frigorífico Anglo S.A., cujo proprietários eram ingleses. O segundo objetivo é o de investigar se essa empresa, de alguma forma, contribuiu para o desenvolvimento do bairro da Balsa, localizado em suas cercarias. Ao se buscar compreender o modo como se deu essa ocupação do espaço, investigam-se, nesse processo, questões relativas à industrialização e urbanização na cidade a partir da década de 1940, bem como procura-se resgatar relações que ocorreram envolvendo dirigentes e os trabalhadores do Frigorífico Anglo, moradores daquele bairro e a sociedade pelotense.

O título desta dissertação relaciona-se a um fato que marcou a vida dos trabalhadores do Frigorífico Anglo: no dia 23 de junho de 1970, quando a seleção brasileira de futebol retornava ao Brasil, com o título de Campeã Mundial do Futebol, o Presidente da República decretou feriado nacional. No entanto, em Pelotas, os dirigentes ingleses do Anglo não permitiram que seus trabalhadores fizessem esse feriado, para festejarem, com os demais brasileiros a conquista do Tri

campeonato. Tal atitude da empresa teve repercussão junto à Justiça do Trabalho,<sup>1</sup> que autuou o Frigorífico, por denúncia realizada pelos trabalhadores do mesmo, através do Sindicato de Carnes e Derivados.

A idéia original desta pesquisa surgiu da necessidade de se elaborar um trabalho de conclusão para a disciplina História do Rio Grande Sul, do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Quando se pensava sobre o tema que seria desenvolvido nessa disciplina, realizou-se uma visita<sup>2</sup> ao antigo prédio do Frigorífico Anglo, hoje abandonado, e constatou-se que, em suas imediações configurara-se uma área de ocupação populacional sem nenhum planejamento arquitetônico, quer na disposição de seus espaços públicos (ruas e praças), quer na construção das moradias, levando a pesquisadora ao questionamento sobre as possíveis relações que poderiam ter ocorrido entre o início do funcionamento do Frigorífico e a formação daquele espaço. No ano de 1996, quando a autora era bolsista de aperfeiçoamento da FAPERGS, foi realizado um levantamento de fontes para o entendimento do processo de implantação do Frigorífico Anglo em Pelotas na década de 1920.<sup>3</sup> A partir desse trabalho, pôde-se ampliar a pesquisa e buscar narrar a história da formação do Bairro da Balsa, bem como o seu eventual relacionamento com o Frigorífico, em 1943.

---

<sup>1</sup>Conforme relato do Sr. Sílvio Cavalheiro Paulo. Entrevista concedida à autora em fevereiro de 1998.

<sup>2</sup>No prédio do Frigorífico Anglo, desenvolviam-se em 1995, dois trabalhos de assistência social. Um era o do Centro do Amor Exigente (CAEX) que trabalhava com dependentes de drogas, em regime de internato, e o outro era o realizado por senhoras dos bairros, sob a coordenação da Irmã Assunta, relacionado a medicina popular e a psicoterapia de florais de Bach.

<sup>3</sup>Ver relatório aprovado pela FAPERGS em abril de 1997.

O Frigorífico Anglo foi instalado às margens do canal São Gonçalo, onde havia anteriormente, segundo o depoimento de alguns moradores antigos,<sup>4</sup> um banhado. Em frente ao Frigorífico, organizaram-se, paulatinamente, inúmeras moradias, que deram origem ao Bairro da Balsa. O nome do bairro refere-se à *balsa* ou *barca*, embarcação que fazia a travessia, pelo canal São Gonçalo, entre as cidades de Pelotas e Rio Grande.

A instalação de uma indústria de carne frigorificada, com alta tecnologia e capital estrangeiro, em 1943, afigurou-se tão marcante para a região, que possibilitou levantar-se a hipótese de que a criação do Frigorífico teria sido a responsável pelo desenvolvimento, em Pelotas, do Bairro da Balsa.<sup>5</sup> Assim pensando, articularam-se algumas questões/problemas que nortearam esta pesquisa: como se teria dado a ocupação desse local? O Frigorífico, de fato, contribuiu para a sua ocupação? De que maneira? Buscou-se, também, analisar as relações entre os dirigentes do Frigorífico, seus trabalhadores, os moradores do Bairro da Balsa e a sociedade pelotense em geral. No estudo dessas relações, escolheram-se alguns fatos que envolveram, de forma pontual, os dirigentes do Frigorífico, os trabalhadores e os moradores daquele bairro.

---

<sup>4</sup>Esses depoimentos estão incluídos nas várias entrevistas que foram realizadas com moradores do Bairro e com ex-operários do Frigorífico, as quais serão identificadas ao longo do trabalho.

<sup>5</sup>Essa idéia surgiu de conversa informal com moradores do bairro, da qual se depreendia que eles traziam, na memória, as imagens dos proprietários do Anglo como pessoas preocupadas com o bem-estar de seus operários. Além disso, as primeiras pesquisas dos jornais valorizavam, ingenuamente, a grande amizade presente entre ingleses e brasileiros e o quanto essa amizade estava consolidando-se com a reinauguração do Frigorífico em Pelotas.

Entendendo a história como uma narrativa que procura a verdade,<sup>6</sup> comprometida com as fontes, já nas primeiras entrevistas informais e leituras na imprensa local,<sup>7</sup> percebeu-se que, apesar da imagem que transparecia nessas fontes sobre os ingleses dirigentes do Anglo, *de patrões justos, legalistas e muito bons*, isso não significava que eles haviam interferido diretamente na construção de moradias para seus trabalhadores.

Ao iniciar-se a pesquisa nos jornais de Pelotas, encontrou-se um vazio de informações sobre o Frigorífico, sendo que, após as reportagens acerca da reinauguração da empresa, não se verificou nenhuma referência ao seu funcionamento. Isso apesar de ser comum, nos anos pesquisados, a publicação, pelas empresas da cidade, de grandes propagandas nos jornais. Nem mesmo isso o Frigorífico Anglo fazia, do mesmo modo como, a partir do ano de 1935, não publicou mais os relatórios anuais de prestação de contas na imprensa local, conforme dispunha lei federal e a exemplo do que faziam as outras empresas. Diante do silêncio dessas fontes, buscou-se, nas entrevistas com trabalhadores do Frigorífico e com moradores do Bairro da Balsa, encontrar as respostas necessárias

---

<sup>6</sup>Sobre narrativa e conhecimento, ver: CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro; 7, n 13, p. 109, 110 e 111. 1994.

<sup>7</sup>Sobre os jornais de Pelotas, Beatriz Loner coloca, em seu artigo *Jornais pelotenses diários na República Velha*, que o *Diário Popular* foi fundado em 27 de agosto de 1890, tornando-se o jornal oficial do Partido Republicano Rio-Grandense, em Pelotas, durante toda a República Velha. Favorecido por pertencer ao órgão oficial, seria o primeiro jornal a ampliar o número de página. O jornal *A Opinião Pública*, segundo a autora, foi fundado em 05 de maio de 1896, tendo-se já definido, desde então, como órgão republicano e tendo pertencido, em alguns períodos, à família que o fundara e, em outros, tendo sido arrendado por jornalistas inovadores como Antônio Gomes da Silva. Vale citar a posição da autora sobre o jornal *A Opinião Pública*: “Para o pesquisador, apresenta-se como um dos principais órgãos a serem investigados, justamente pelas mudanças que apresenta e as alterações que provoca no ‘status quo’ da cidade, quando muda de posição política ou apresenta inovações na linha editorial. Normalmente os grupos que tomam a direção do jornal têm função mais inovadora que o grupo vinculado à família da viúva, com o que, nos momentos em que a família reassume o controle, observa-se uma falta de criatividade e o jornal ressurte-se de uma falta de estilo e projeto editorial” (p 15).

para se narrar a história da ocupação daquele bairro e estabelecerem-se as relações entre ele e o Frigorífico. Foi a partir dos depoimentos dos trabalhadores e moradores, que se tomou conhecimento de alguns fatos marcantes<sup>8</sup> que foram vivenciados pelos dirigentes estrangeiros, trabalhadores do Frigorífico, moradores do Bairro da Balsa e sociedade pelotense.<sup>9</sup>

Minuciosa pesquisa empírica demonstrou que a direção do Frigorífico Anglo não planejou, não construiu e não colaborou para a construção de moradias no Bairro da Balsa. Nesse sentido a teoria que norteou a hipótese de que grandes industrialistas construiriam vilas operárias para seus trabalhadores, com o objetivo de mantê-los sob disciplina e cativos próximo à fábrica,<sup>10</sup> não encontrou respaldo na atitude dos dirigentes do Frigorífico. Assim, procurou-se estudar mais sobre o processo de industrialização brasileira, que se pode, simplificarmente, dividir em duas etapas fundamentais, marcadas por níveis diferenciados de relacionamento entre patrões e trabalhadores quanto à decisão de construção de vilas operárias.

---

<sup>8</sup>Esses fatos, que foram apontados pelos entrevistados, serão narrados no terceiro capítulo deste trabalho e referem-se à fundação do Clube Campestre, à enchente de 1956, à greve de trabalhadores do Frigorífico, ocorrida em 1958, às dificuldades que os trabalhadores pelotenses enfrentaram em 1959, ao movimento da Legalidade em Pelotas, em 1961, e ao episódio que envolveu os dirigentes do Frigorífico e seus trabalhadores, na Copa de Futebol de 1970.

<sup>9</sup>CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: 7, 13, 1994, p.101 e102. Embasando-se na análise de Roger Chartier, que propõe uma história não somente estruturalista e/ou quantitativa, e sim uma história que venha *identificar estruturas e regularidade e, portanto, formular relações gerais*, optou-se por valorizar a narrativa dos fatos apontados nas entrevistas e, dessa forma, realizar um estudo das relações presentes na história dos dirigentes do Frigorífico Anglo, de seus trabalhadores, dos moradores do Bairro da Balsa e comunidade pelotense. Textualmente, Chartier coloca que: *“O objeto da história, portanto, não são, ou não são mais, as estruturas e os mecanismos que regulam, fora de qualquer controle subjetivo, as relações sociais, e sim, as racionalidades e as estratégias acionadas pelas comunidades, as parentela, as famílias, os indivíduos”*.

<sup>10</sup>Sobre essa teoria, ver os trabalhos de LOPES, José Sérgio Leite. *O vapor do Diabo: o trabalho dos operários do açúcar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2 ed. 1978; *A tecelagem dos conflitos de classe na “cidade das chaminés”*. São Paulo/Brasília, Marco Zero/Editora da UnB, 1988; RAGO, Margareth.. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade Disciplinar: Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. Ver também artigo de ALVIM, Rosilene, LOPES, José Sérgio Leite. Vila operária e cidadania. *Revista de Sociologia e Política*. n 2, São Paulo, p. 99 a109, 1994.

No primeiro momento da industrialização brasileira, marco temporal delimitado nos últimos anos do século XIX até os anos 30 do século XX, os empresários utilizavam mão-de-obra não-especializada, e ainda havia grande carência de operários. Daí os donos das grandes indústrias, principalmente as têxteis, terem a preocupação de recrutar mão-de-obra e de oferecer condições para que esses trabalhadores permanecessem na fábrica, de preferência, próximos o suficiente para se impor-lhes a disciplina necessária ao funcionamento da empresa. O modelo administrativo presente nas fábricas, nesse período, era, predominantemente, o *fordista*.

Na segunda etapa do estágio de desenvolvimento do sistema capitalista, com a introdução de novas tecnologia, o modelo fordista sofreu alterações, e, nesse sentido, os empresários passaram a exigir maior qualificação por parte dos trabalhadores. Nessa época, também, ingressou, no Brasil, a mão-de-obra imigrante, o que gerou reserva de trabalhadores e redução do poder de pressão dos assalariados. Todos esses fatores, o aumento da reserva de mão-de-obra, a necessidade de qualificação e a utilização de um menor número de trabalhadores devido ao uso das novas tecnologia, desestimularam os empresários a continuarem construindo vilas operárias.<sup>11</sup>

Em consonância com esse contexto histórico e conforme demonstrado pela pesquisa empírica deste trabalho, a direção e os responsáveis pelo Frigorífico

---

<sup>11</sup>Sobre o papel dos estágios do capitalismo na industrialização brasileira, que nortearam este trabalho, ver BLAY, Eva Alteman.. *Eu não tenho onde morar: vilas operárias na cidade de São Paulo*. São Paul: Nobel, 1985. De igual contribuição, há o artigo de BORBA, Sheila Villanova. Notas sobre o papel da indústria na estruturação das áreas urbanas. *Ensaio da FEE*: Porto Alegre,15,1: 253-268,1994.

Anglo em Pelotas, instalado definitivamente na década de 1940, não se preocuparam em construir vilas operárias para seus trabalhadores. A partir dessa constatação e tendo-se tornado ainda maior a curiosidade sobre a história do Bairro da Balsa, a investigação tomou um novo rumo. Seguindo-se a recomendação de Sheila Villanova Borba,<sup>12</sup> buscou-se analisar a história, a partir da instalação do Frigorífico, de seu desenvolvimento em Pelotas, e as suas possíveis relações com o processo de ocupação do Bairro da Balsa e com o contexto da cidade no período de 1940 a 1970.

Ao mesmo tempo em que se procuravam esclarecimentos a respeito dessas questões, durante a análise bibliográfica relativa à industrialização e urbanização no Brasil, verificaram-se inúmeras referências quanto à presença inglesa no processo histórico do País. Alguns trabalhos colaboraram para se desmistificar a fala dos trabalhadores entrevistados, segundo os quais os ingleses seriam *bons, honestos e legalistas*. Esses escritos possibilitaram interpretar-se melhor as atitudes dos dirigentes do Frigorífico Anglo, bem como sistematizarem-se estudos sobre as formas de atuação britânica em nosso País, do ponto de vista econômico e sócio-cultural.

---

<sup>12</sup>Para o estudo específico da urbanização no Rio Grande do Sul, na perspectiva dos estágios do desenvolvimento capitalista, a autora recomenda que se conduzam as pesquisas (...) *a partir do ramo ou complexo industrial, antes que por núcleos ou aglomerados urbanos*". BORBA, Sheila Villanova. Notas sobre o papel da indústria na estruturação das áreas urbanas. *Ensaio da FEE*: Porto Alegre, 15, 1: 253-268, 1994. p. 266.

Na sua obra de 1941, *Os Ingleses Eram Assim*,<sup>13</sup> Philip Carr, traça aquilo que considera serem os principais aspectos da cultura inglesa. O autor descreve do seguinte modo as características do homem inglês:

*Em primeiro lugar, direi que ele quase não pensa: pelo menos não constrói conscientemente, não cria coisa alguma no campo das idéias. Sonha. Chupa seu grande cachimbo e ruma. Não é pela razão e pela lógica que chega às suas conclusões, cujas premissas tampouco submete à análise crítica, como fazem os franceses, com o fim de atingir algo de coerente e proporcionado. (...) O mais importante aspecto do caráter do inglês talvez seja o senso de humor. Muito difícil se torna explicar aos estrangeiros o que ele entende por isso. Humor, portanto, é alguma coisa mais que comicidade... é uma questão de caráter e não de inteligência. (...) É profunda sua capacidade de sentir, mas os instintos tendem a impedir que dê expressão aos sentimentos - e esses instintos se fortalecem no treino a que se vê sujeito desde a infância: o famoso self-control inglês.*<sup>14</sup>

Além dos aspectos relativos ao caráter do homem inglês, outros dois merecem atenção na obra de Carr. O primeiro, refere-se à falta de curiosidade britânica para com as outras pessoas, sua completa indiferença diante daquilo que os outros pensam. Esse sentimento, dificilmente, é compreendido por quem não seja inglês, pois é comum que qualquer indivíduo, estando em um país estrangeiro, sintasse inclinado a estabelecer relações, fazer novos amigos, manter conversas com outras pessoas. A maioria dos ingleses, segundo o autor, não são assim. O segundo aspecto relaciona-se com a honestidade. Carr escreve textualmente que o inglês *deve ser tão honesto que ninguém ouse tentar suborná-lo, e tão digno de crédito, que não ocorra a ninguém duvidar de sua palavra.*<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup>CARR, Philip. *Os Ingleses Eram Assim*. Trad. Othon M. Garcia. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1941.

<sup>14</sup>CARR, Philip. *Os Ingleses Eram Assim*. Trad. Othon M. Garcia. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1941. p.11,13,14.

<sup>15</sup>CARR, Philip. *Os Ingleses Eram Assim*. Trad. Othon M. Garcia. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1941. p. 24.

Em seu livro *Ensaio Sociais, Políticos e Econômicos*, Roberto Simonsen<sup>16</sup> escreve sobre a indústria no Brasil, ressaltando, em algumas passagens da obra, a importância que teve o capital inglês para o desenvolvimento da industrialização brasileira. O autor enfatiza, ainda, ter sido a Inglaterra o país que desenhou o destino da humanidade, lembrando, nesse sentido, a influência exercida pela diplomacia inglesa no episódio da Independência do Brasil e da Abolição da Escravatura brasileira. Simonsen refere-se, também, à contribuição inglesa para o ensino em nosso país e à significativa união de Brasil e Inglaterra na luta pela defesa dos princípios cristãos no período da Segunda Guerra Mundial.

Ainda sobre a presença britânica no Brasil, José Murari Bovo, em sua Dissertação de Mestrado, intitulada *Desenvolvimento Econômico e Urbanização: influência do capital inglês na estrutura urbana da cidade de São Paulo (1850-1930)*,<sup>17</sup> desenvolve um estudo sobre a forma como o capital inglês influenciou a urbanização daquela cidade, o qual foi investido na infra-estrutura e na implantação de indústrias. Através de pesquisa realizada em diversas fontes, mas, principalmente na *Coleção de Leis do Império e da República do Brasil*, o autor discorre genericamente, sobre a presença dos grupos ingleses no País, desde 1850. Bovo elaborou tabelas que mostram a marcante presença do capital inglês em São Paulo e nos demais estados brasileiros, nos setores primários, secundários e terciários,

---

<sup>16</sup>SIMONSEN, Roberto C. *Ensaio sociais, políticos e econômicos*. São Paulo: Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, 1943.

<sup>17</sup>BOVO, José Murari. *Desenvolvimento econômico e urbanização: influência do capital inglês na estrutura urbana da cidade de São Paulo (1850-1930)*. São Paulo: 1974. (mimeografado).

concluindo que o investimento desses recursos em saneamento e transportes, entre outros, beneficiou o desenvolvimento da capital paulista.<sup>18</sup>

Ressaltam-se alguns dados presentes nas tabelas de Bovo: primeiro: a Inglaterra possuía o maior número de empresas autorizadas a funcionar no Brasil, em todo período coberto pelo estudo; segundo: o Rio Grande do Sul estava em terceiro lugar na quantidade de companhias inglesas instaladas, perdendo apenas para os estados de Rio de Janeiro e São Paulo; terceiro: no período de 1926 a 1930, sete empresas inglesas receberam autorização para funcionar no Brasil. No Rio Grande do Sul, apenas uma empresa estrangeira é beneficiada.<sup>19</sup>

Por ocasião do Biênio da Colonização e Imigração, em 1975, Francisco Riopardense Macedo escreveu o livro *Os Ingleses no Rio Grande do Sul*,<sup>20</sup> no qual o autor resgata a importância dos imigrantes especificamente neste estado. Na apresentação da obra, Macedo relaciona empresas e faz referência ao Frigorífico Anglo de Pelotas. Porém, na relação dos nomes das famílias inglesas presentes no Rio Grande do Sul, não se verifica o sobrenome *Vestey*, dos proprietários do Frigorífico. Essa *ausência* numa obra específica sobre o tema pode se levar a pensar

---

<sup>18</sup>Sobre a influência do capital inglês, no caso específico de Pelotas, ver: ANJOS, Marcos Hallal dos. *Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX*. Porto Alegre: PUCRS, 1996. Nesse trabalho, o autor aponta a presença do elemento estrangeiro no processo de modernização da cidade, e percebe-se que os ingleses não foram significativos nessa dinâmica até o início de 1900.

<sup>19</sup>Essas tabelas encontram-se na obra de BOVO, José Murari, *Desenvolvimento Econômico e Urbanização: influência do capital inglês na estrutura urbana da cidade de São Paulo (1850-1930)*. São Paulo: USP, 1974. p. 34 e 69 e no anexo de número 6. Ainda que não se apresentem dados mais específicos, pode-se auferir que essa única empresa gaúcha autorizada a funcionar tenha sido o Frigorífico Anglo de Pelotas, beneficiado com as leis rio-grandenses em 1924. Apesar da importante contribuição de Bovo, o autor não apontou a razão social das empresas estrangeiras estudadas, apenas referindo-se ao setor ao qual elas pertenciam. Essa lacuna limita um pouco a utilização do trabalho como fonte, sobretudo em um estudo de caso como o que ora se realiza.

<sup>20</sup>MACEDO, Francisco Riopardense. *Os Ingleses no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Nação, 1975.

ou que esses empresários não imigraram para Pelotas<sup>21</sup> ou que raramente estiveram presentes na cidade. Do mesmo modo, pode ter ocorrido que algumas das famílias apontadas por Macedo, tenham trabalhado no Frigorífico, mas que a insuficiência de dados sobre os funcionários da empresa não permita uma identificação precisa.<sup>22</sup> Sendo um estudo centrado no Rio Grande do Sul, a obra de Macedo torna-se referência essencial a este trabalho, devido às fontes que a embasaram quanto à presença dos ingleses especificamente no Estado.

Olga Pantaleão, na obra *O Brasil Monárquico*, escreve um capítulo intitulado *A presença Inglesa*.<sup>23</sup> A autora aponta que a penetração britânica em território brasileiro, ocorreu durante todo o século XIX, quando os ingleses dominavam a maior parte de nosso mercado comercial, trazendo mercadorias de toda espécie, e, ao mesmo tempo, levando, para Europa, nossas matérias-primas, como algodão, produtos agrícolas e derivados de pecuária. Buscando abranger vários aspectos da vida brasileira, nas quais se possa encontrar a ascendência inglesa, Pantaleão demonstra, com autoridade, a presença e as influências que decorreram desse processo, como se constata no texto a seguir:

*(...) A eles deve-se a introdução do gosto pela residência em casas isoladas por jardins bem tratados (...), freqüentemente em contato direto com a natureza agreste; as transformações no interior das casas, com a adoção de cômodos, novos arranjos, novos móveis e melhor higiene; o refinamento das maneiras de comer, com o uso do garfo e da faca; modificações na moda, não somente quanto às*

<sup>21</sup>Segundo entrevistas com ex-gerentes do Frigorífico, a família Vestey, legítima proprietária da companhia inglesa, nunca morou no Brasil e sempre dirigiu os frigoríficos diretamente da Inglaterra.

<sup>22</sup>Ao discutir a industrialização da carne no Rio Grande do Sul, Macedo menciona a venda da charqueada do Paredão, situada no município de Cachoeira, de propriedade da firma rio-grandina Viúva Clasen e Cia, a qual passou a ser propriedade de uma empresa inglesa - *The Brazilian Extract of Meat and Hide Factory* em setembro de 1887.

<sup>23</sup>PANTALEÃO, Olga. A presença inglesa. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Brasil Monárquico*. São Paulo: Difel, 1976. (História da Civilização Brasileira, Tomo II.)

*cores preferidas, como também quanto às fazendas e ao tipo de vestuário; os chapéus redondos, por exemplo, em lugar dos de três bicos. Os produtos ingleses, louças e porcelanas, cristais e vidros, panelas de ferro, cutelaria e uma infinidade de outros objetos conquistaram as casas brasileiras e nelas es instalaram como mercadoria de qualidade superior.(...) Remédios ingleses fizeram época: a magnésia, os calamelonos, os unguentos de Inglaterra entraram nas farmácias brasileiras. Carruagens inglesas invadiram as cidades mais importantes<sup>24</sup>.*

A autora disserta sobre a influência intelectual dos ingleses no meio cultural brasileiro através da literatura em prosa e verso, dos livros técnicos e científicos, dos métodos de ensino e do estudo da língua inglesa. Segundo Pantaleão, *O século XIX, sobretudo em sua primeira metade, foi assim, no Brasil, o século inglês por excelência.*<sup>25</sup>

Ainda no livro *O Brasil Monárquico*, encontra-se outro capítulo relacionado à presença inglesa no Brasil, de autoria de Pedro Moacyr Campos, intitulado *O Reconhecimento do Império*,<sup>26</sup> no qual o autor, com a colaboração de Olga Pantaleão, analisa as negociações promovidas pelo Brasil junto à Inglaterra para o reconhecimento da Independência política da ex-colônia portuguesa. Observa-se, novamente, a marcante influência inglesa na história brasileira.

Clássico na historiografia brasileira sobre os ingleses é o trabalho de Gilberto Freyre, *Os Ingleses no Brasil*,<sup>27</sup> no qual o autor aborda os vários aspectos da influência britânica em nosso país, desde o século XVIII, detendo-se principalmente, no século XIX.

---

<sup>24</sup>PANTALEÃO, Olga. A presença inglesa. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Brasil Monárquico*. São Paulo: Difel, 1976. (História da Civilização Brasileira, Tomo II.) p.64-65.

<sup>25</sup>Id. *ibid.*, p.65.

<sup>26</sup>CAMPOS, Pedro Moacyr. O reconhecimento do Império. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Brasil Monárquico*. São Paulo: Difel, 1976. (História da Civilização Brasileira, Tomo II.)

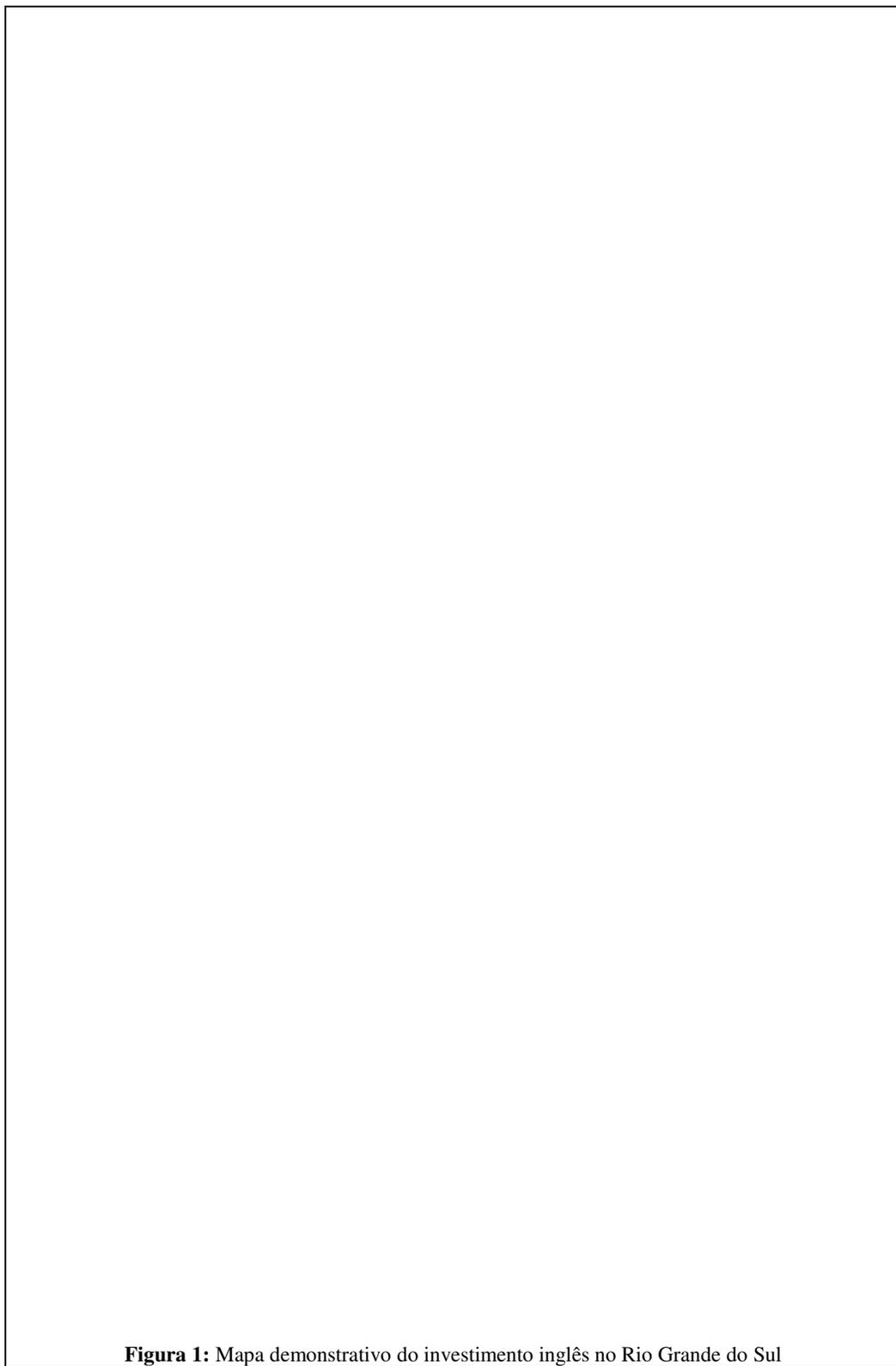
<sup>27</sup>FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil*: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

Antecedendo a Introdução do livro, Freyre apresenta um mapa descritivo, no qual assinala a presença inglesa nos diversos estados brasileiros e os tipos de estabelecimentos nos quais os britânicos atuavam. Para o Rio Grande do Sul, no município de Bagé, o autor registrou um estabelecimento de comércio ou indústria. Pela região onde se localizava esse estabelecimento, por ele ter estado relacionado a indústria ou comércio e baseando-se em pesquisa bibliográfica, pode-se inferir que se trata da Charqueada do Visconde Ribeiro Magalhães, que tem como sócio o Grupo *Vestey Brothers*.<sup>28</sup> O autor não menciona o fato de que a presença do capital inglês no Rio Grande do Sul, na indústria da carne ocorreu desde 1887, na Charqueada do Paredão, em Cachoeira e Barra do Quaraí, através da *Brazilian Extract of Meat and Hide Factory Limited*.<sup>29</sup> (conferir mapa n 1) Além disso por privilegiar o século XIX, o estudo de Freyre não traz elementos através dos quais se possa, diretamente, identificar as famílias e os executivos ingleses do Frigorífico Anglo de Pelotas.

---

<sup>28</sup>Ver MARQUES, Alvarino Fontoura. *Economia do charque*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992. p. 100-101.

<sup>29</sup> Id. *ibid.*, p. 101.



**Figura 1:** Mapa demonstrativo do investimento inglês no Rio Grande do Sul

Sob a perspectiva da História Social, Freyre demonstra a importância que tiveram os ingleses na vida cultural brasileira. Os limites que apresenta relacionados ao Rio Grande do Sul, como os já anteriormente apontados, devem-se, principalmente, à escolha das fontes para a pesquisa, restrita aos jornais de Pernambuco, Rio de Janeiro e Bahia publicados no início do século passado.<sup>30</sup>

Sandra Pesavento, em *República Velha Gaúcha: charqueadas, frigoríficos e criadores*,<sup>31</sup> escreve sobre o avanço do imperialismo do capital inglês na indústria da carne, através do poderoso grupo dos *Vestey Brothers*, que dominava a rede dos frigoríficos Anglo em vários países do mundo. São palavras da autora:

*Ligada ao grupo capitalista da Vestey Brothers, estava a Union Cold Storage Co., além de outras mais que operam simultaneamente no Prata, Brasil, China, Venezuela, Austrália e Nova Zelândia. (...) No Brasil, o Trust inglês era dono de um frigorífico em São Paulo e agora com a compra do Frigorífico Rio Grande, deitava suas raízes na industrialização da carne gaúcha através do frio.*<sup>32</sup>

Sobre a participação do capital inglês na indústria brasileira, mais especificamente na industrialização da carne no Rio Grande do Sul, Alvarino Marques, em *A Economia do Charque*,<sup>33</sup> coloca que *...O ano de 1887 marca o início da intromissão de capitais estrangeiros na indústria saladeiril do Rio Grande do Sul, que mantinha-se, até então, genuinamente nacional. Como se vê, desde 1887, verifica-se a presença do capital inglês nas charqueadas rio-grandense; no entanto, Marques afirma que, somente em 1911, “outra empresa genuinamente britânica”*

<sup>30</sup>Interessante análise sobre os limites relacionados ao tempo e espaço na obra de Gilberto Freyre, é apresentada por HOLANDA, Sérgio Buarque, Tentativas de Mitologia. Guinsburg, J. *Coleção Debates*. São Paulo: Ed. Perspectiva, (s/d) p. 118.

<sup>31</sup>PESAVENTO, Sandra Jatahy. *República Velha gaúcha: charqueadas, frigoríficos, criadores*. Porto Alegre: Movimento/IEL, 1980.

<sup>32</sup>Id. *ibid.*, p.195. A autora refere-se à compra da Companhia Rio-grandense pelos ingleses da família Vestey em 1921.

<sup>33</sup>MARQUES, Alvarino da Fontoura. *A economia do charque o charque nas artes. Culinária do charque*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992. p.101-102.

(*The Anglo Meat Co. Ltd.*) associou-se à charqueada em Bagé. Contudo, já em 1910, os ingleses da família *Dickinson* haviam fundado o Saladeiro São Felipe em Itaqui.

Tanto Macedo como Pesavento e Marques fazem menção à importância do capital britânico na economia rio-grandense. Marques, inclusive, alude ao fato que, embora o charque não fosse um grande investimento para o capital estrangeiro, ao penetrar nas charqueadas, os britânicos expandiam-se num complexo muito amplo, dominando vários setores da economia do Rio Grande do Sul, desde a primária, passando pela secundária e a terciária.

Como referencial de conhecimento sobre Pelotas, utilizaram-se várias publicações<sup>34</sup> sobre a história da cidade. Especificamente, sobre o Bairro da Balsa e o Frigorífico,<sup>35</sup> consultaram-se a imprensa local (jornais *Diário Popular*, *A Opinião Pública*, *A Alvorada*), documentos da Prefeitura Municipal e da Câmara Municipal de Pelotas, as Atas do Clube Campestre, Registros de Imóveis da cidade, o Plano Diretor de Pelotas - 1924, 1947, 1967, Leis da Assembléia dos Representantes do

---

<sup>34</sup>AUTORA, Antônio Jaime. *O garoto do Porto*. Porto Alegre: Gráfica Metrópole S.A. (s/d); ROSA Mário. *Geografia de Pelotas*, Pelotas: Grafosul, 1986; AZEVEDO, Vânia Regina. *O processo de acumulação de capital e suas conseqüências sócio-econômica na agricultura: o caso de Pelotas*. Porto Alegre: UFRGS, 1986; CRUZ, Glenda Pereira da. Pelotas: espaço construído no início da República. In: WEIMER, Günter, *Urbanismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1992; MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e cultura na província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas-1860-1890*. Pelotas: UFPEL/Livraria Mundial, 1993; VIEIRA, Sidnei Gonçalves. *A fragmentação social do espaço urbano: uma análise da (Re) produção do espaço urbano em Pelotas, RS*. UFRGS, 1997 e GILL, Lorena Almeida. “*Clientelchiks*”: Os Judeus da Prestação em Pelotas (RS) 1920-1945, Porto Alegre: PUCRS, 1998. Ressalta-se a importante colaboração do artigo sobre a história dos jornais em Pelotas, de Beatriz Ana Loner, *Jornais Pelotenses Diários na República Velha*, publicado na *Ecos Revista* em abril de 1998.

<sup>35</sup>Fundamental é esclarece-se que não foram encontrados documentos oficiais relativos ao Frigorífico Anglo e que, com relação ao Bairro da Balsa, a Prefeitura Municipal de Pelotas não possui registros, por ser essa uma área de posseiros e também por que não existe lei em Pelotas que identifique os limites dos bairros. “*Legalmente o Município não tem suas áreas habitacionais delimitadas, ou seja, os espaços urbanos não existem de forma oficial. A questão será discutida na Câmara de Vereadores com o Departamento de Planejamento e Ação Governamental e o IBGE. A Prefeitura tem Projeto de Lei que cria sete bairros em Pelotas*”. *Diário Popular*. Pelotas. 6 de julho de 1999.

Estado do Rio Grande do Sul, Mensagem e Proposta de Orçamento enviadas à Assembléia de Representantes do Estado do Rio Grande do Sul. Os documentos acima relacionados, com exceção para as Atas do Clube Campestre e os Registros de Imóveis, encontram-se na Biblioteca Pública Pelotense.

A bibliografia consultada acerca da urbanização<sup>36</sup> também contribuiu para o entendimento da questão teórica sobre moradias operárias no Brasil. Dois autores, Ruben Oliven e Sheila Villanova Borba foram fundamentais para a pesquisa: Ruben Oliven em *A Cidade como Categoria Sociológica*,<sup>37</sup> revelou a possibilidade de se estudar a história das cidades pelo viés das diferentes relações. A leitura de Sheila Villanova Borba<sup>38</sup> colaborou para a reflexão teórica que fez compreenderem-se os possíveis motivos que levaram os dirigentes do Frigorífico Anglo a não construírem as moradias operárias. Complementarmente, a dissertação de mestrado de Vera do Prado Lima Albornoz,<sup>39</sup> que traz um estudo de caso sobre o frigorífico Armour, na

---

<sup>36</sup>SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. *Capitalismo e Urbanização*, São Paulo: Contexto, 1968; STREET, Jorge. *Idéias Sociais de Jorge Street*, Brasília: Senado federal; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1980; Encantou-me muito o trabalho de CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo: Brasiliense, 1984. Nesse estudo sobre o Bairro de São Miguel Paulista, a autora privilegiou o espaço geográfico do Bairro Jardim das Camélias e, num estudo antropológico, descreveu a experiência comum dos moradores na construção do bairro. Igualmente de grande contribuição foi o livro de LUCENA, Célia Toledo. *Bairro do Bexiga: a sobrevivência cultural*. São Paulo: Nação, 1984. De fundamental importância, foi a leitura de: BLAY, Eva Alteman. *Eu não tenho onde morar: vilas operárias na cidade de São Paulo*, São Paulo: Nobel, 1985; LOPES, José Sérgio Leite. *O vapor do Diabo: o trabalho dos operários do açúcar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978 e *A Tecelagem dos conflitos de classe na "cidade dos chaminés"*. São Paulo/Brasília: Marco Zero/Ed. da UnB, 1988, assim como a leitura do artigo de ALVIN, Rosilene. Vila Operária e cidadania: Sobre um processo de transformação exemplar de uma situação de imobilização da força de trabalho pela moradia. *Revista de Sociologia e Política*. n 2, 99 a 109, São Paulo: 1997.

<sup>37</sup>OLIVEN, Ruben. G. A cidade como categoria sociológica. *Revista Dados*, Rio de Janeiro: n. 19, p. 135-146, 1978.

<sup>38</sup>BORBA, Sheila Villanova. Notas sobre o papel da indústria na estruturação das áreas urbanas. *Ensaio FEE*, Porto Alegre: n. 15, p.253-258, 1994.

<sup>39</sup>ALBORNOZ, Vera do Prado Lima. *O frigorífico Armour na fronteira Sant'Ana do Livramento-Rivera*. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado- PUCRS, 123 p. 1997.

fronteira de Sant'Ana do Livramento com Rivera, trouxe entendimentos específicos sobre os frigoríficos.

O estudo sobre as relações culturais, sociais e econômicas envolvendo os dirigentes do Frigorífico Anglo, seus trabalhadores e os moradores do Bairro da Balsa tiveram, como fundamento, leituras efetuadas no curso de Graduação em História,<sup>40</sup> que foram incorporadas à visão de mundo da autora deste trabalho.

As fontes orais foram valorizadas para o entendimento da história dos trabalhadores do Frigorífico e dos moradores do Bairro da Balsa, por trabalhar-se com uma realidade que ainda não havia sido sistematizada na forma escrita, e por encontrar-se num tempo ainda próximo, aos dos eventos, quando os sujeitos ainda vivem e, portanto, podem contribuir para a reconstrução dessa realidade. As entrevistas realizadas transformam-se em documentos com características próprias, demonstrativos da relação entre sujeito e objeto, pois, conforme as palavras de Amado, são resultado

*(...) do diálogo entre entrevistador e entrevistado, entre sujeito e objeto de estudo; isso leva o historiador a afastar-se de interpretações fundadas numa rígida separação entre sujeito/objeto de pesquisa, e a buscar caminhos alternativos de interpretação.*<sup>41</sup>

---

<sup>40</sup>Durante o curso de Graduação, teve-se a oportunidade de frequentar duas disciplinas que foram de fundamental importância para a realização desta pesquisa. Na primeira delas, sob a orientação da Prof.a. Flávia Rieth, Cultura Brasileira e Identidade Nacional, quando se estudaram autores como Geertz, Ruben Oliven, Roberto Da Matta, Renato Ortiz e Janet Lever, foi possível refletir-se sobre a cultura no Brasil, analisando-se sua produção e consumo. Foi dado destaque ao estudo do carnaval, do samba, da malandragem, do futebol e da feijoada como elementos para se desvendar o processo da construção da identidade nacional, que implica na reelaboração de símbolos que, inicialmente, são expressões de um grupo transformados em símbolos nacionais. A outra disciplina foi História Cultural, sob a orientação da Prof.a. Cláudia Mauch, quando através de leituras de autores como Magali Engel, Lynn Hunt, Robert Darnton, Edward Thompson, Natalie Zemon Davis, Carlo Ginzburg, Sidney Chalhoub, Roger Chartier e Peter Burke, refletiu-se sobre História, cultura e Antropologia.

<sup>41</sup>AMADO, Janaína, Marieta de Moraes Ferreira, Coord. *Usos e abusos da história oral* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. XIV.

Grande número de leituras sobre história oral preencheu a lacuna de uma formação teórica que havia sido falha, nesse aspecto, para a pesquisadora durante sua formação acadêmica em História.<sup>42</sup> Nesse sentido foi fundamental a obra de Janaína Amado e Marieta Moraes Ferreira. Essas autoras comungam com a idéia de outros que entendem a história oral como metodologia que estabelece e ordena procedimentos de trabalho, tais como: as entrevistas e suas implicações para a pesquisa; as várias possibilidades de transcrição dos depoimentos; as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e a influência disso sobre o trabalho, funcionando então como ponte entre teoria e prática. Nas palavras das autoras:

*Esse é o terreno da história oral, que a nosso ver não permite classificá-la unicamente como prática. Mas, na área teórica, a história oral é capaz apenas de suscitar, jamais solucionar questões; formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas. As soluções e explicações devem ser buscadas onde sempre estiveram: na boa e antiga teoria da história. Aí se*

---

<sup>42</sup>O livro de Paul Thompson, *A Voz do Passado*, reforçou a importância da história de vidas das pessoas como matéria-prima para a história com uma nova dimensão. Grande contribuição teórica encontramos em vários textos publicados pela *Revista Brasileira de História: Memória, História, Historiografia*, na qual autores como Maria de Lourdes Mônaco Janotti refletem sobre as preocupações referentes ao processo de produção das fontes orais. Encontramos, nessa revista, textos de Pedro Paulo de Abreu Funari (Memória Histórica e Cultura Material), Antônio Torres Montenegro (História Oral, Caminhos e Descaminhos), e Nelson Schapochnik, (Como se Escreve a História?). Dois textos importantes para discussão das fontes, da metodologia e de conceitos como história regional e local foram os de Ângelo Priori, *História Regional e Local: métodos e fontes*, e de Gilmar Arruda, *Viagem ao Mundo dos Trabalhadores da Matte Laranjeira*. Encantamento é o termo certo para definir o sentimento transmitido pela leitura de Ecléa Bosi, em *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. De fundamental importância teórica foram os textos de Marieta de Moraes Ferreira, *História Oral e Tempo Presente*; de Déa Ribeiro Felon, *O Papel da História Oral na Historiografia Moderna*; de Alice Beatriz da Silva Gordo Lang, *História Oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta*; de José Carlos Sebe Bom Meihy, *História Oral: Um locus disciplinar federativo*; de Maria de Lourdes Mônaco Janotti, *Refletindo sobre História Oral: procedimentos e possibilidades*; de Carlos Humberto Corrêa, *História Oral: considerações sobre suas razões e objetivos*; de Elina Pessanha, *Fronteiras Disciplinares e o Uso da História Oral: por que, de quem, para quem?*, publicados na *Revista da USP*, resultado do I Encontro Regional de História Oral, do Sudeste e Sul do País realizado, em 26/27/28 de abril de 1995, em São Paulo. Um momento importante de reflexão teórica sobre história oral, foi o curso *Caminhos da Lembrança: Metodologia de História Oral*, realizado em 1996 pela Associação Nacional de História, núcleo RS, quando se teve a oportunidade de refletir sobre os caminhos, métodos e teorias de história oral, além de ter ocorrido rica troca de experiência entre os profissionais que utilizam essa metodologia. Nesse curso, teve-se a oportunidade de tomar conhecimento do trabalho da historiadora Regina Weber, e foi importante a leitura de seu artigo, *Relatos de Quem Colhe Relatos: Pesquisa em História oral e Ciências Sociais*.

*agrupam conceitos capazes de pensar abstratamente os problemas metodológicos gerados pelo fazer histórico.*<sup>43</sup>

Realizaram-se vinte entrevistas,<sup>44</sup> que devem ser valorizadas mais qualitativa, que quantitativamente. Pontuaram-se, nas entrevistas dos trabalhadores do Frigorífico, alguns critérios, como seu tempo de trabalho na empresa, sem ter havido a preocupação quanto à função desempenhada. Entrevistaram-se também, moradores que pudessem ter sido trabalhadores do Frigorífico ou não, mas que tivessem construído moradia no Bairro no início de ocupação daquele espaço, e três ex-dirigentes do Frigorífico Anglo,<sup>45</sup> um diretor do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Alimentação em Pelotas e o advogado que representava os sindicatos em 1958, ano da greve no Frigorífico Anglo. Optou-se por uma entrevista dirigida, mas flexível, de maneira que os informantes pudessem sentir-se à vontade ao

<sup>43</sup>AMADO, Janaína e Marieta de Moraes Ferreira (Coord). *Usos e abusos da história oral* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. XVI.

<sup>44</sup>Maria Tereza Teixeira, 45 anos, safrista do setor de desossa; Onofre Miranda, 60 anos, trabalhador na matança, câmaras e rotulagem; Maria de Lourdes, 48 anos, trabalhadora do setor de conserva de frutas e carne; Sr. Alberto, 50 anos, mecânico; José Mário Schiavon, 48 anos, Diretor do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Alimentação de Pelotas; Sr. Virgílio, 57 anos, quatorze anos de trabalho no Frigorífico em diversos setores; D. Cleni, 60 anos, moradora do Bairro da Balsa desde o ano de 1948, quando seu pai, funcionário do DAER, foi transferido para trabalhar na manutenção das barcas; Sr. Sílvio Cavalheiro, 56 anos, trabalhou 29 anos no Frigorífico como mecânico; João Islabão, 69 anos, trabalhou 16 no Frigorífico como eletricitista; Hugo Huckembeck, 67 anos, chefe das Câmaras frias do Frigorífico por 32 anos; Jacó Moreira, 58 anos, filho do mecânico que veio para Pelotas com o Frigorífico, oriundo da cidade de Barretos, e trabalhou três anos na sala das máquinas do Frigorífico; Sebastião dos Santos, 84 anos, semi-analfabeto, trabalhou 26 anos nas Câmaras Frias do Frigorífico e exerceu a função de diretor do Sindicato dos Trabalhadores, tendo assumido a presidência do órgão na década de 1960; Vildeman Garcez, 68 anos, formado pela Escola Técnica Federal de Pelotas, trabalhou 43 anos no setor de mecânica de engenharia do Frigorífico; Reni Brito, 56 anos, morador do Bairro desde 1957; Osni, 71 anos, morador do Bairro desde 1940, funcionário do DAER; Jesus Corrêa Conceição, 53 anos, morador no Bairro desde 1954, e trabalhou no Frigorífico na década de 1960; Oliver Murray Cunningham, 70 anos, trabalhou no Frigorífico desde 1958, tendo chegado a exercer a gerência da empresa em Pelotas a partir de 1970; Jonh G. Griffiths, Gerente do Frigorífico de 1947 a 1950 em Pelotas, tendo sido nomeado, em 1958, para Presidente Geral da Família *Vestey* na América do Sul. Respondeu por carta a nossa entrevista, pois, atualmente, reside em Portugal; Dr. Clóvis Gotuzzo Russomano, 70 anos, advogado trabalhista desde 1948. Em 1958, quando da greve dos trabalhadores do Frigorífico, era o representante jurídico dos empregados. Recebeu-se também correspondência, oriunda da Irlanda, de um ex-gerente do Frigorífico,.

<sup>45</sup>As entrevistas foram gravadas, duraram, em média, duas horas e foram realizadas na residência dos entrevistados. São exceções as cartas e a entrevista com o Sr. Cunningham, que foi realizada no bar do Clube Campestre, onde o Senhor praticava Golf. Dois dos gerentes do Frigorífico responderam às

relatarem suas lembranças. Realizou-se a transcrição literal das entrevistas e optou-se por se atualizarem as falas, interpretando-se, cuidadosamente os depoimentos.

Trabalhar-se a história do tempo contemporâneo significa enfrentarem-se sérios obstáculos, que vão desde a dificuldade para se encontrar bibliografia específica sobre o tema, até a pesquisa em arquivos públicos desorganizados, aos quais, muitas vezes, não é permitido o acesso.<sup>46</sup> Apesar dessas dificuldades, concorda-se com Roger Chartier, para quem o historiador modernista causa inveja, na medida em que ele mesmo pode construir seus arquivos e manter um encontro direto entre o objeto/sujeito, pesquisado e pesquisador, (...) *antes de tudo, inveja de uma pesquisa que não é uma busca desesperada de almas mortas, mas um encontro com seres de carne e osso que são contemporâneos daquele que lhes narra a vida.*<sup>47</sup>

O presente trabalho está dividido em três capítulos, cuja organização seguiu a trajetória do processo de implantação do Frigorífico Anglo, em 1943, contextualizando-se o fato na história da cidade de Pelotas.

No primeiro capítulo expõe-se o contexto histórico e geográfico da cidade, salientando-se seu principal produto no início do século XIX- o charque. Observa-se também, a diversificação econômica, apontando-se incentivo à agricultura e à pecuária e finaliza-se com a introdução dos frigoríficos. Nesse capítulo, aborda-se ainda a instalação definitiva, em Pelotas, da família *Vestey*, a

---

entrevistas através de cartas, por estarem residindo, atualmente, em Portugal e Irlanda, respectivamente.

<sup>46</sup>Encontraram-se sérias dificuldades e não se pôde pesquisar nas atas da Associação Rural de Pelotas, bem como não foi possível consultarem-se os arquivos da Delegacia Regional do Trabalho em Porto Alegre. Apesar da receptividade dos funcionários daquela Delegacia, eles alegaram, completo desconhecimento do lugar onde poderiam estar os arquivos de multas e autuações de 1970.

legítima proprietária do Frigorífico Anglo, e sua trajetória *imperialista* na indústria da carne e discutem-se alguns aspectos relacionados à mão-de-obra utilizada na Empresa.

No segundo capítulo, aborda-se o processo de ocupação do Bairro da Balsa entre 1950-60, buscando-se apreenderem as relações de envolvimento possíveis entre a existência e funcionamento do Frigorífico e os moradores que naquele Bairro instalaram-se. Descreve-se a situação geográfica do bairro, que era um grande banhado, sua transformação pela ocupação, os aspectos da trajetória de vida de seus moradores e as formas de organização por eles construídas para reivindicarem serviços que atendessem às suas necessidades básicas, como água, esgoto e energia elétrica.

No terceiro capítulo estudam-se os acontecimentos que marcaram a história do Frigorífico Anglo, dos seus dirigentes, dos trabalhadores e dos moradores do Bairro da Balsa. Busca-se analisar os seguintes fatos: a fundação do Clube Campestre em 1944; a enchente que assolou Pelotas em 1956; a greve realizada pelos trabalhadores do Frigorífico em 1958; o problema das chuvas e o aumento abusivo de carne, que esteve presente na vida dos trabalhadores pelotenses em 1959; o movimento da Legalidade e o envolvimento dos pelotenses em 1961. Por fim, analisa-se o episódio ocorrido por ocasião da chegada, ao Brasil, dos tricampeões mundiais de futebol, em 1970, quando o Presidente da República decretou feriado nacional, e os dirigentes do Frigorífico, contrariando o decreto, não consentiram que seus trabalhadores realizassem o feriado para festejar o título de Campeões Mundial

---

<sup>47</sup>CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: AMADO, Janaína, Marieta de Moraes

do Futebol. Escolheram-se esses fatos por eles favorecerem a compreensão do relacionamento entre os dirigentes ingleses do Frigorífico Anglo, os trabalhadores e os moradores do Bairro da Balsa, bem como da atuação desses protagonistas no contexto mais amplo da cidade de Pelotas e do estado do Rio Grande do Sul.

A visão que perpassa este trabalho parte do pressuposto de que o ser humano é agente da História. Nessa perspectiva, busca-se narrar a trajetória dos trabalhadores do Frigorífico Anglo, que, a partir da necessidade de moradia, ocuparam e transformaram um espaço de banhado no Bairro da Balsa, bem como o envolvimento desses sujeitos em fatos que marcaram a história da *Princesa do Sul*.

## **2 A PRINCESA DO SUL ACOLHE A ARISTOCRACIA INGLESA DA CARNE FRIGORIFICADA.**

Depois de ter percorrido por duas vezes em toda a sua largura a Província do Rio Grande do Sul, depois de ter estado em suas pretensas vilas e cidades, Pelotas aparece aos olhos cansados do viajante como uma bela e próspera cidade. (...) De fato, é Pelotas a cidade predileta do que eu chamarei a aristocracia rio-grandense, se é que se pode empregar o termo aristocracia falando-se de um país do novo continente.<sup>1</sup>

Muito antes das charqueadas,  
da invasão de Zeca Neto /  
Eu existo em **Satolep** /  
E nela serei pra sempre /  
o nome e cada pedra /  
e as luzes perdidas na neblina /  
Quem viver verá que estou ali...<sup>2</sup>

Pelotas é descrita, pelos antigos viajantes, como o berço da *aristocracia rio-grandense*<sup>3</sup> e cantada, com paixão, por seus filhos. A cidade carrega, desde sua fundação, uma tradição de cultura e opulência.<sup>4</sup> Localizada na região do Rio Grande do Sul denominada Encosta do Sudeste,<sup>5</sup> predominam duas grandes paisagens no relevo da cidade: a serrana e a planície. A posição geográfica de Pelotas, além de influir no seu clima, também confere características peculiares à sua vida econômica. Desde a sua formação, a cidade tem sido um importante centro comercial, por suas ligações fluviais, que lhe proporcionam fácil acesso, assim como por sua rede viária, construída já nos primórdios do centro urbano, que a liga com às demais regiões do estado, ao restante do País e também ao exterior, por Pelotas,

---

<sup>1</sup> CONDE d'EU. *Viagem militar ao Rio Grande do Sul*. São Paulo: Itatiaia, 1981. p.134-135

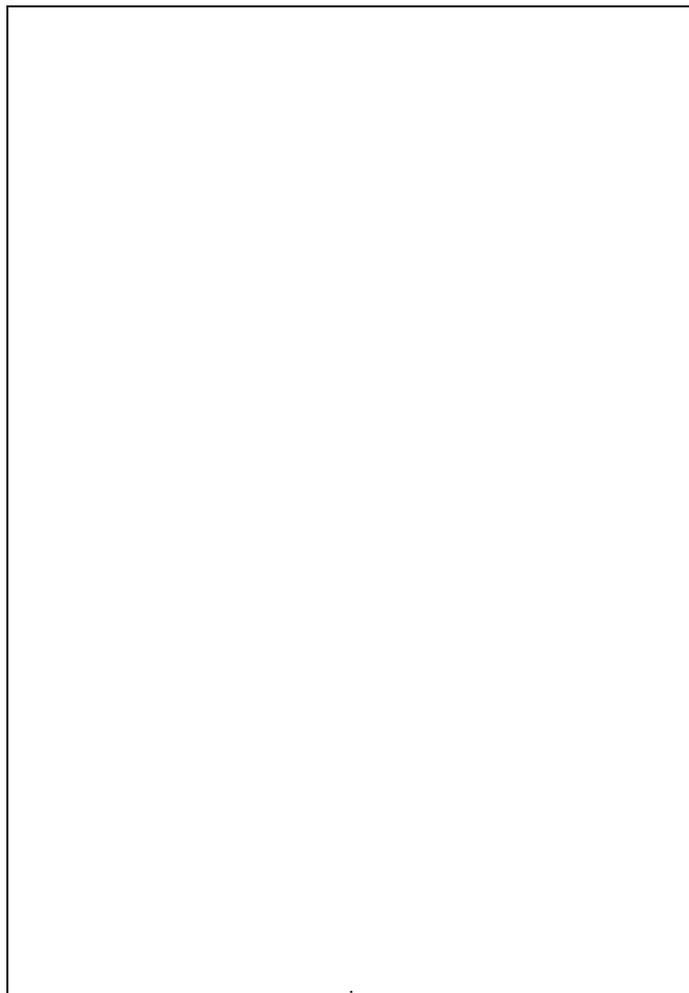
<sup>2</sup> RAMIL, Vítor. Cantor e compositor pelotense. SATOLEP, é o nome da cidade de PELOTAS, escrito de trás para frente. Essa foi uma forma carinhosa encontrada pelo poeta para denominar sua cidade.

<sup>3</sup> CONDE d'EU, op. cit., p.134-135.

<sup>4</sup> A tradição de cultura e opulência de Pelotas encontra-se muito bem resgatada na obra de MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas: (1860-1890)*. Pelotas: UFPEL, 1993.

<sup>5</sup> A análise geográfica que segue está embasada na obra de ROSA, Mário. *Geografia de Pelotas*. Pelotas: Grafosul, 1986.

estar localizada próxima das fronteiras do Brasil com a Argentina e com o Uruguai, conforme se pode verificar no mapa a seguir.

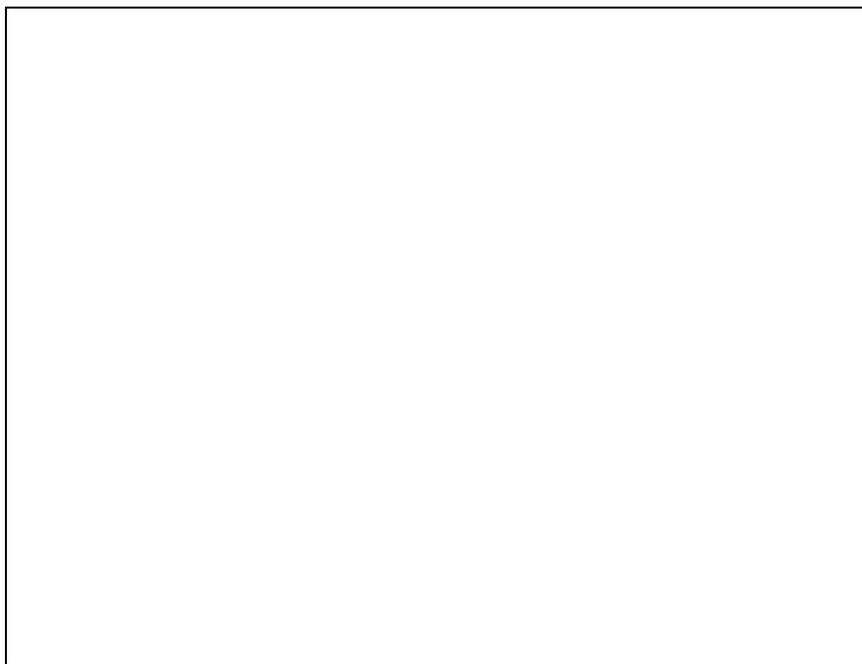


**Figura 2:** Mapa dos principais roteiros e distâncias aproximadas de Pelotas  
Fonte: Revista Projeção, Ano 1 Nº1, 1991

Atualmente, a área urbana de Pelotas é formada por quatro grandes zonas, Centro, Fragata, Três Vendas e Areal que constituem um núcleo compacto ao sul, junto ao canal São Gonçalo, e por três prolongamentos em direção ao oeste, norte e leste.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup>Dados extraídos de *Diagnóstico*, documento que reúne as principais características do Município, produzido pela Secretaria de Governo da Prefeitura Municipal de Pelotas, abril de 1997, p. 29-30. A



**Figura 3:** Mapa dos bairros de Pelotas - ano 1990

Fonte: E. E. E. Fundamental Dr. Procópio Duval

Uma peculiaridade do traçado urbano de Pelotas é sua forma em *xadrez*. Conforme Magalhães,<sup>7</sup> isto resultou da maneira como os antigos donos das terras do município dividiram-no para posterior venda e ocupação.<sup>8</sup> O Bairro da Balsa chama a atenção porque foge à característica *xadrez* dos demais bairros e vilas de Pelotas. Apresenta ruas e praças com disposição completamente desordenadas formando, à beira do canal São Gonçalo, um desenho urbano quase circular.

---

área que está localizada ao sul, junto ao canal São Gonçalo, abrange o espaço geográfico específico deste estudo.

<sup>7</sup>MAGALHÃES. Mário Osório. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas: (1860-1890)*. Pelotas: UFPEL, 1993. p.27-29.

<sup>8</sup>Sidnei Gonçalves Vieira aponta que o Jardim Europa é um dos únicos bairros que fogem à característica do formato quadrado. CF. VIEIRA, Sidnei Gonçalves, em *A fragmentação social do espaço urbano: uma análise da (RE) produção do espaço urbano em Pelotas, RS*. Porto Alegre: UFRGS, 1997, p.145.

Segundo Glenda Pereira da Cruz,<sup>9</sup> as condições favoráveis para a produção do charque, como a matéria-prima, a facilidade de acesso aos mercados, a demanda de mercados e a mão-de-obra escrava, facilitaram o surgimento das charqueadas. A autora ressalta que, além dessas condições propícias havia a *localização ideal para a implantação deste tipo de atividade às margens do canal São Gonçalo*.<sup>10</sup> Ao descrever a formação urbana de Pelotas, a autora explica que a ocupação do espaço, originalmente não se dava em um único local, mas o que ocorria é que os arraiais se espalhavam às margens do arroio Pelotas, passando pelo Areal, Laranjal, Passo Rico, Capão do Leão, arroio Santa Bárbara e canal São Gonçalo.

Também a historiografia sobre Pelotas caracteriza-se por ressaltar a localização geográfica privilegiada da cidade, que permitiu o desenvolvimento da atividade econômica mais importante no Rio Grande do Sul, no final do século XIX - o charque. Essa idéia, atualmente, não é consensual. Entre os autores que não concordam com ela, encontra-se Sidnei Gonçalves Vieira, o qual, no trabalho, *A Fragmentação Social do Espaço Urbano: uma análise da (RE) produção do espaço urbano em Pelotas, RS*, desenvolve a idéia de o espaço ser um produto, analisando fatores históricos, sociais, econômicos e geográficos que levaram à implantação e pleno desenvolvimento das charqueadas em Pelotas. Dessa forma, contraria a idéia corrente de um determinismo natural. Conforme suas palavras:

---

<sup>9</sup>CRUZ, Glenda Pereira da. Pelotas Espaço construído no início da República. In: WEIMER, Günter. *Urbanismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

<sup>10</sup>CRUZ, Glenda Pereira da. Pelotas Espaço construído no início da República. In: WEIMER, Günter. *Urbanismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1992. p.110.

*A comparação do relevo e da vegetação existentes na parte setentrional do estado com a existente na parte meridional, pode nos conduzir a uma linha de raciocínio cuja tendência seja a de aceitar uma espécie de determinismo natural. (...) É admitido, no mesmo sentido, que a natureza produz a sociedade, ou seja, que a sociedade é que é uma produção espacial. Trata-se, assim, de uma concepção avessa aquela que se tem propagado neste trabalho: o espaço como um produto social.<sup>11</sup>*

No século XIX, conforme bibliografia consultada,<sup>12</sup> Pelotas, juntamente com Rio Grande, teve um desenvolvimento econômico e cultural tão elevado quanto Porto Alegre,<sup>13</sup> o qual lhe valeu alguns títulos. Um desses se mantém até os dias atuais: *Princesa do Sul*.

A *Princesa do Sul* deve seu progresso, cultura e opulência àquelas que foram, originalmente, a base de sua economia, as charqueadas, que se desenvolveram ao longo do arroio Pelotas e próximo ao canal São Gonçalo, desde a formação da cidade. Conforme demonstra Magalhães:

*procuramos salientar, cronologicamente, que o desenvolvimento econômico produziu o desenvolvimento urbano, e ambos o desenvolvimento social e cultural. Assim, vimos que a indústria saladeiril, estabelecida a partir de 1779 às margens do Canal São Gonçalo e do Arroio Pelotas, permitiu que se formasse grandes fortunas nesta região ao longo do século XIX. Já na terceira década deste século, os industrialistas, com os rendimentos da produtividade do charque, começaram a construir sobrados numa área relativamente afastada das charqueadas, ajudando a edificar a Vila de São Francisco de Paula (1832), e depois cidade de Pelotas(1835).<sup>14</sup>*

---

<sup>11</sup>VIEIRA, Sidnei Gonçalves. *A fragmentação social do espaço urbano: uma análise da (RE) produção do espaço urbano em Pelotas, RS*. Porto Alegre: UFRGS, 1997. p.67,68. Aceitando-se essa idéia, que perpassa a historiografia sobre a cidade, ter-se-ia que concordar, também, com os autores que defendem que o declínio econômico de Pelotas foi causado inclusive por sua localização. No entanto, concorda-se com Vieira que *a estagnação econômica atual foi produzida por uma série de outros fatores*, os quais o autor descreve com propriedade, no decorrer do seu trabalho.

<sup>12</sup>Conferir: MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas: (1860-1890)*. Pelotas: EdUFPEL, 1993, também MARQUES, Alvarino da Fontoura, *Episódio do ciclo do Charque*. Porto Alegre, Edigal, 1987. p.83-119.

<sup>13</sup>Sobre o processo de desenvolvimento de Pelotas e Rio Grande, ver: SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Nacional, 1977.

<sup>14</sup>MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas: (1860-1890)*. Pelotas: EdUFPEL, 1993. p.298.

No final do século XIX e início do século XX, as charqueadas começaram a apresentar sinais evidentes de decadência,<sup>15</sup> devido às limitações na produção, à tecnologia ultrapassada e à concorrência com o charque platino. A crise levou os setores políticos, empresariais e os próprios charqueadores a pensarem em outras formas de investimentos.<sup>16</sup> Nesse período, tanto o Rio Grande do Sul como o Brasil passavam por um processo de transformação econômica, quando despontavam alguns elementos que levariam à crescente industrialização que ocorreria em meados do século XX<sup>17</sup>. Pelotas inseria-se nesse processo de mudança, em consonância com o ritmo de produção no estado, que desembocaria na implantação e afirmação do capitalismo industrial. A estrutura das charqueadas apresentava alguns entraves para sua própria modernização, tais como, mão-de-obra escrava, charqueadores sem grande visão de empreendimentos capitalistas e tecnologia precária.<sup>18</sup>

Ocorreu, então, o que Vânia Regina Azevedo denomina *diversificação econômica onde a economia nacional dava seus primeiros passos positivos*.<sup>19</sup> Lorena de Almeida Gill refere-se à mudança na economia pelotense, no início do século XX, da seguinte maneira:

---

<sup>15</sup>PESAVENTO, Sandra Jatahy. *República Velha Gaúcha: charqueadas, frigoríficos, criadores*. Porto Alegre: Movimento/IEL, 1980. p.36.

<sup>16</sup>AZEVEDO, Vânia Regina. *O processo de acumulação de capital e suas conseqüências sócio-econômicas na agricultura: o caso de Pelotas*. Porto Alegre: 1986. Dissertação de Mestrado - PPG em Sociologia da UFRGS. p.60

<sup>17</sup> Sobre o processo de mudanças na economia gaúcha, ver: REICHEL, Heloísa Jochims. A industrialização no Rio Grande do Sul na República Velha. In: CÉSAR, Guilhermino. *RS: Economia e Política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979. p.271.

<sup>18</sup>PESAVENTO, Sandra Jatahy. *República Velha Gaúcha: charqueadas, frigoríficos, criadores*. Porto Alegre: Movimento/IEL, 1980. p.23-24.

<sup>19</sup>AZEVEDO, Vânia Regina. *O processo de acumulação de capital e suas conseqüências sócio-econômicas na agricultura: o caso de Pelotas*. Porto Alegre: 1986. Dissertação de Mestrado - PPG em Sociologia da UFRGS. op. cit. p.64.

*Ao invés de modernizarem-se, os charqueadores buscavam a tutela do Estado para resolver problemas que se colocavam principalmente no âmbito da comercialização do produto final. A saída encontrada pelo governo para a crise na pecuária foi o desenvolvimento do setor agrário. Em Pelotas, plantou-se arroz e cultivaram-se frutas, sobretudo o pêssego.<sup>20</sup>*

## **2.1 A Aristocracia inglesa encantou-se com a Princesa: A chegada dos Vestey Brothers...**

Além da diversificação econômica, ligada à produção agrícola, o advento da primeira Guerra Mundial trouxe a demanda de grande quantidade de carne, o que apressou a implantação de frigoríficos no Brasil.<sup>21</sup> O primeiro frigorífico brasileiro foi criado em 1913,<sup>22</sup> em Barretos, São Paulo, pela Companhia Frigorífica Pastoral. Salienta-se que os frigoríficos também foram fruto do processo de avanço do capitalismo industrial, justificado nos discursos das lideranças políticas e nos documentos da época, como se ilustra a seguir:

*O futuro pertence sem dúvida à indústria do frio e para ele devemos caminhar, com previdência e segurança.(...) O aproveitamento completo do animal e a elaboração moderna dos subproductos, da forma porque se realiza nos Packing Houses Norte Americanos, importa um aumento considerável de riqueza, pelo maior preço de alguns dos artigos obtidos e a valorização de outros totalmente perdidos pela nossa industria de carnes.<sup>23</sup>*

No Rio Grande do Sul, os frigoríficos apresentaram-se, naquele momento, como uma possível alternativa de solução para a crise que se fazia presente nas charqueadas. Nesse tipo de indústria, a matéria-prima, abundante no Rio

<sup>20</sup>GILL, Lorena de Almeida. “*Clienteltchiks*”: Os Judeus da Prestação em Pelotas (RS) 1920-1945. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado - PGH da PUCRS. agosto de 1998. p 77.

<sup>21</sup>GILL, Lorena de Almeida. “*Clienteltchiks*”: Os Judeus da Prestação em Pelotas (RS) 1920-1945. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado - PGH da PUCRS. agosto de 1998. p.76.

<sup>22</sup>Em SUZIGAM, Wilson. *Os investimentos estrangeiros no início da industrialização do Brasil*. Campinas: UNICAMP/I.E., 1994. p.9, encontra-se a informação de que a Cia. Frigorífica e Pastoral de Barretos formou-se no ano de 1910, vinculada à Cia. Mecânica e Importadora de capital nacional.

<sup>23</sup>*Mensagem e proposta de orçamento enviadas à Assembléia de Representantes do Estado do Rio Grande do Sul, pelo presidente Antônio Augusto Borges de Medeiros*. Porto Alegre: Gráfica A Federação, 1919, p.55.

grande do Sul, seria, integralmente, aproveitada e ainda beneficiaria outros ramos da economia, como a agricultura e os laticínios.<sup>24</sup>

A importância da carne frigorificada passou a ser discutida já no final do século XIX, quando os europeus começaram suas experiências com carnes congeladas, como demonstra o seguinte texto, publicado em 1889:

*Experiências sucessivas ao princípio, e depois, os extraordinários sucessos, e as imensas vantagens, alcançadas pelas primeiras empresas que levaram em vapores frigoríficos carnes frescas da Austrália, para serem consumidas em Londres, atraíram a atenção de sábios, de jornais, de revistas científicas da Inglaterra, França, Bélgica, Alemanha, e outros países da Europa e da América, sobre a nova indústria, e o prodigioso comércio resultante.*<sup>25</sup>

A discussão sobre a necessidade de implantação dos frigoríficos no Rio Grande do Sul, que se tornou mais acirrada após a criação, em 1913, de um frigorífico em São Paulo, concretizou-se com a instalação, em 1917, do Frigorífico da Swift, em Rio Grande. Em 1918, a Swift começou a operar também em Rosário do Sul. Em 1917, a Armour criou um frigorífico em Santana do Livramento, e a *Wilson and Co Ltd.* começou a funcionar em 1918, também na mesma cidade. Ressalta-se que as três grandes empresas de carnes frigorificadas instaladas no Rio Grande do Sul, nesse período, originaram-se de capital norte-americano.<sup>26</sup>

O avanço do capitalismo internacional, que primava por tecnologia e produção mais qualificadas, levando os pecuaristas gaúchos a porem, em prática, o projeto de um frigorífico de capital nacional.<sup>27</sup> Apoiados pelo Governo do Estado, esses pecuaristas elaboraram um plano para a criação de um frigorífico para

<sup>24</sup> PESAVENTO. Sandra Jatahy. *República Velha Gaúcha: charqueadas, frigoríficos, criadores*. Porto Alegre: Movimento/IEL, 1980. p.104-105.

<sup>25</sup> *FRIGORÍFICOS. S/A*. Porto Alegre: Gundlach, 1889. p.5. Este livro faz um importante histórico do surgimento da carne frigorificada, e justifica a necessidade do Rio Grande do Sul partir para este tipo de produção de carne.

<sup>26</sup> Ver MARQUES. Alvarino da Fontoura. *Episódio do Ciclo do Charque*. Porto Alegre: Edigal, 1987. p.102.

<sup>27</sup> Esse frigorífico foi construído com investimentos dos pecuaristas gaúchos, por isso *nacional*.

industrializar a carne dos rebanhos gaúchos. Pelotas foi a cidade escolhida para a realização desse projeto, e a Intendência Municipal cedeu uma área, que, outrora, havia pertencido à charqueada Moreira, à beira do canal São Gonçalo, para a construção do frigorífico. Em 1915, foram elaborados os Estatutos do Frigorífico Nacional, que foi fundado em 1917 e teve, como incorporadores, a União dos Criadores do Rio Grande do Sul, a Associação Comercial de Pelotas e, seu maior acionista, o Banco Pelotense.<sup>28</sup> A história da Companhia Frigorífica Rio Grande, segundo nos relata Marques, foi passageira:

*A vida da Companhia Frigorífica Rio Grande, foi curta e apagada. Espernearam durante quatro anos mas não puderam superar as dificuldades iniciais de falta de dinheiro. Por fim, a firma britânica Vestey Brothers adquiriu o controle da Companhia Frigorífica em 1924, transformando-o no Frigorífico Anglo de nossos dias.*<sup>29</sup>

A Companhia Frigorífica Rio Grande foi vendida para a Companhia *Lancashire General Investment Trust Limited*, de propriedade do Grupo *Vestey Brothers* em 1921. Essa companhia formou, no Rio Grande do Sul, a sociedade anônima *The Rio Grande Meat Company*, com sede em Pelotas, tendo recebido autorização para funcionar, no Estado, através do decreto nº 2.766 daquele ano.<sup>30</sup>

Em 1924, a *The Rio Grande Meat Company* passou a denominar-se Anglo S.A., como consta na ata da assembléia realizada em sete de julho daquele ano, a qual registra, também, os argumentos apresentados para essa troca: *o atual (nome) não designa clara e especificamente o fim social que é a exploração da*

<sup>28</sup>Para maiores detalhes sobre a formação da Companhia Frigorífica Rio Grande, Ver: PESAVENTO, Sandra Jatahy. *República Velha Gaúcha: charqueadas, frigoríficos, criadores*. Porto Alegre: Movimento/IEL, 1980. cap. 2.

<sup>29</sup>Ver MARQUES. Alvarino da Fontoura. *A Economia do Charque. O charque nas artes. Culinária do charque*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992. p.109. Sobre esta citação de Marques, cabe salientar que o autor esclarece sobre os problemas enfrentados pela Companhia Frigorífica Rio Grande, mas, deixa em confusão as informações sobre data de venda da mesma à Companhia dos *Vestey Brothers*. A Companhia inglesa comprou o frigorífico nacional em 1921, e a referência de Marques é de 1924.

<sup>30</sup>A Ata da sessão extraordinária da Assembléia Geral está publicada, na íntegra, no *Diário Popular*, Pelotas, 19 de julho de 1924.

*indústria da carne e além do mais é expressa em língua estrangeira(...)*.<sup>31</sup> Essa mudança foi aprovada pelo Governo Estadual através da lei nº 3.371 de 24 de setembro de 1924, e pelo decreto nº 16.690 de dois de dezembro do mesmo ano.<sup>32</sup>

Quando a companhia inglesa comprou o Frigorífico, este funcionava em pequena escala. Já em 1921, o Frigorífico abateu gado para a produção de charque e carne frigorificada, e, segundo Pesavento,<sup>33</sup> nesse mesmo ano, a companhia inglesa foi beneficiada com as leis que haviam contemplado o Frigorífico Nacional.<sup>34</sup> Entre outros benefícios, estavam as isenções de impostos.

A companhia inglesa não voltou a abater gado, em 1922 e em 1923, devido à instabilidade do mercado financeiro, prejudicado, no Rio Grande do Sul, devido à Revolução de 1923. Essa revolução tinha, como atores principais, os criadores e pecuarista rio-grandenses, líderes políticos das facções liberal e republicana, que se enfrentavam pela defesa de seus interesses políticos e econômicos.

Em 1924 e em 1925, quando a Companhia já estava sob a denominação de Frigorífico Anglo, foram abatidas algumas cabeças de gado para charque e produção de carne frigorificada. Já em 1926, fecharam-se as portas do Frigorífico, tendo sido mantidos o prédio e as máquinas até 1943, quando, então, a empresa

---

<sup>31</sup>*Diário Popular*, Pelotas, 19 jul. 1924

<sup>32</sup>O comunicado dos decretos foi publicado no *Diário Popular*, de Pelotas, nos dias 28 e 30 de dezembro de 1924.

<sup>33</sup> PESAVENTO. Sandra Jatahy. *República Velha gaúcha: charqueadas, frigoríficos, criadores*. Porto Alegre: Movimento/IEL, 1980. p.194.

<sup>34</sup>O conteúdo dessas leis encontra-se nos anais *de o Estado do Rio Grande do Sul: Leis da Assembléia dos Representantes*. Exercício de 1917. Porto Alegre: Ofic Gráf. A Federação, 1916. *Lei nº 206*, de 25 de novembro de 1916: "Concede favores aos estabelecimentos frigoríficos que se fundarem no Estado". *Lei nº 215*, "Concede favores as companhias que se fundarem no Estado, com capitaes nacionaes, para a exploração de estabelecimentos frigoríficos". *Lei nº 223*: "Amplia os favores concedidos aos estabelecimentos frigoríficos pela Lei nº 206 de 25 de novembro de 1916". Além dessas, ainda foram promulgadas as Leis de nº 240, de dez. de 1918; 241, de dez. de 1918; Lei 249, de dez. de 1919; 274, de novembro de 1921. Todas elas eram referentes a benefícios e isenção de impostos para os frigoríficos do Estado.

reabriu, com larga escala de produção para exportação.<sup>35</sup> Pouco se tem conhecimento sobre as relações que se estabeleceram entre os capitalistas internacionais do Frigorífico e os trabalhadores brasileiros durante a primeira fase de funcionamento do Anglo.

## 2.2 A conquista definitiva da *Princesa*: Os *Vestey Brothers* estão de volta...

No início da década de 40, o Brasil era um país que oferecia grandes possibilidades de investimento, tanto por sua localização, distante dos territórios onde tomava lugar a segunda Guerra Mundial, como por estar passando por um processo de consolidação de sua indústria.<sup>36</sup> No *Diário Popular*, do dia 03 de abril de 1942, o discurso do editor, destaca a importância desempenhada pela posição geográfica e pelas possibilidades de desenvolvimento industrial do Brasil e, conseqüentemente, de Pelotas, para o retorno do Frigorífico:

*Diante da situação internacional, dia a dia mais grave e insegura, a direção dos frigoríficos Anglo, achou de bom aviso desenvolver seus negócios nos países amigos e, por assim dizer, aliados da comunidade inglesa. Por sua atitude clara, firme e decidida, ao lado das nações democráticas, o Brasil, país hospitaleiro e honesto, atraiu a atenção dos dirigentes britânicos, que o elegeram como lugar ideal para empregar capitais e desenvolver indústrias. Assim sendo, nada mais natural do que o aproveitamento do Frigorífico Anglo de Pelotas, que desfruta de excelentes condições tanto geográficas como técnicas para a industrialização da carne.*

---

<sup>35</sup>Este breve histórico sobre a Companhia pode ser encontrado na bibliografia já referida e também no jornal *Diário Popular*. Pelotas: Anos 1921-1922-23-24-25, até 1935, e dez. de 1943. Sendo que até o ano de 1935, consta no jornal as convocações para a Assembléia dos Acionistas e a publicação do relatório anual da Companhia.

<sup>36</sup>FAUSTO, Bóris. *História do Brasil*. 5ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997. p.370.

O Brasil, embora, então, estivesse, envolvido no conflito, encontrava-se geograficamente afastado, tornando-se o local ideal para o desenvolvimento de uma indústria do porte da Anglo S/A. Essa idéia de *local adequado* para se produzir carne e servir aos Aliados estava presente na imprensa local, já no ano de 1942. No dia cinco de abril do mesmo ano, por ocasião do lançamento da pedra fundamental do novo prédio do Frigorífico, o jornal *Diário Popular* destacava o seguinte:

*Separando-se das nações totalitárias para servir os sólidos princípios da democracia, o Brasil proporcionou-se um destino maior e rompeu um novo horizonte político e econômico. A fatalidade histórica colocou-se em seu favor e aumentou suas possibilidades de afirmação nacional, (...) Pela sua posição geográfica afastada do teatro da guerra, e pela riqueza promissora de seu solo e subsolo, o Brasil está fadado a transformar-se em celeiro e arsenal das democracias (...) Pelotas também recebe os benefícios deste real movimento financeiro, assistindo, como está ao ressurgimento do Frigorífico Anglo, que, sofrendo medulares reformas, se presta para uma nova etapa de grande trabalho e rendimento.*

Além da referência à posição geográfica, está presente ainda, nos discursos registrados pela imprensa local, a questão ideológica predominante tanto nacional como internacionalmente, naquele momento de guerra mundial: a da ideologia da reconstrução da paz, buscada pelos aliados.

Dois discursos proferidos quando do ato de reinauguração do Frigorífico merecem especial atenção. O primeiro deles, publicado no editorial do jornal pelotense *A Opinião Pública*, de 18 de dezembro de 1943, foi proferido de improviso pelo Embaixador Dr. Batista Luzardo, no qual o dignitário dissertava sobre a importância do Frigorífico Anglo de Pelotas, para a reconstrução da paz e da economia mundiais. Segundo o periódico, o Dr. Batista Luzardo discorreu longamente sobre os vários aspectos político-econômicos que a humanidade atravessava, ... *nesta hora guerreira e tormentosa... concluí daí pela necessidade de arregimentação econômica para o futuro, quando então se deverá encher de seiva e vida os campos e cidades crestados pelas labaredas da fogueira nazista.* Ao concluir

seu discurso, o Dr. Batista Luzardo fez-se representante das damas pelotenses, depositando no regaço da esposa do Sr. Cunningham, a *corbeille*<sup>37</sup> significativa da *amizade e da união continental*.

O segundo discurso foi pronunciado pelo advogado Dr. Bruno de Mendonça Lima, representante jurídico do Frigorífico desde a compra dessa indústria em 1921. Transcreve-se a seguir, parte do texto publicado em *A Opinião Pública*:

*Quando raiar o dia venturoso da paz, com a vitória das nações unidas, trabalhará esta empresa na reconstrução econômica do mundo e ainda (...) fez votos para que Pelotas preparasse o farnel que levarão consigo os paradistas da democracia, quando chegar a hora de invadir o continente europeu, não para saqueá-lo ou dominá-lo e, sim, para libertar povos que querem e hão de ser livres.*<sup>38</sup>

A posição de Bruno de Mendonça Lima, que pertencia a tradicional família pelotense, sem dúvida, pode ser considerada como representativa da receptividade à presença do capital estrangeiro e aos representantes administrativos do Anglo. Essa fala, aliada ao gesto de Batista Luzardo, são expressivos da atitude de simpatia dos rio-grandenses para com as atividades britânicas no setor de frigoríficos no Estado.

A Grande Guerra também influenciou a reabertura do Frigorífico devido à necessidade que havia de produzir-se carne enlatada para os exércitos aliados. O Sr. Sebastião dos Santos, em entrevista à autora deste trabalho, relatou que:

---

<sup>37</sup>*Corbeille* era uma flor branca - natural ou de tecido -, que era usada no decote do vestido. O gesto do Embaixador de, representar as damas pelotenses e colocar uma flor no regaço da esposa do gerente do Frigorífico tem um significado expressivo, em se tratando de Pelotas, devido a sua tradição de mulheres cultas e educadas. Ver MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas: (1860-1890)*. Pelotas: UFPEL, 1993. p.148.

*Enquanto era construído, em Pelotas, o Frigorífico Anglo, eles matavam com a Swift, e 30% da produção deles ia para a Inglaterra. Nós inauguramos em 43 e produzimos carne até o término da Guerra, para Inglaterra. Toda nossa produção ia para a Inglaterra.<sup>39</sup>*

Considera-se, de fundamental importância, a decisão do Presidente Getúlio Vargas em apoiar os Aliados no conflito, em função do desenvolvimento da indústria pesada no Brasil.<sup>40</sup> Dada a longínqua relação diplomática mantida entre Brasil e Inglaterra, é provável que a decisão do Presidente em prol dos aliados tenha contribuído para a volta dos empresários ingleses para Pelotas.

Assim, a situação geográfica privilegiada do Brasil, a crescente afirmação da industrialização no País, sua decisão de apoiar os aliados e a necessidade de se produzir carne enlatada para esse exército, somadas à intenção de se contribuir para a reconstrução da paz e à crise do mercado financeiro, foram, certamente, elementos que, conjugados, contribuíram, decisivamente, para que a Companhia inglesa *Vestey Brothers* reinvestisse no Frigorífico, em 1942, construindo novos prédios e reabrindo o antigo em 1943.

A cobertura jornalística da inauguração retrata o panorama social e político que envolvia o retorno do Frigorífico a Pelotas. No dia 18 de dezembro de 1943, *A Opinião Pública* divulgava que havia sido oficialmente inaugurado, na cidade, o Frigorífico Anglo, com a presença do Embaixador do Brasil no Uruguai, Dr. João Batista Luzardo, e do Secretário da Fazenda do Estado, Dr. Oscar Fontoura, também representando o Interventor Federal. Destacava, a reportagem, que a economia do Rio Grande do Sul ganharia considerável impulso com esse empreendimento, e o texto confirmava:

---

<sup>38</sup> *A Opinião Pública*, Pelotas, 19 dez, 1943.

<sup>39</sup> Quanto à referência à matança de animais realizada conjuntamente com a Swift, de Rio Grande, enquanto o Anglo construía o prédio em Pelotas, o Sr. Cunningham confirmou que, realmente, isso ocorreu, embora por poucos meses.

<sup>40</sup> Entre outros ver FAUSTO, Bóris. *História do Brasil*. 5ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997. p.381-382.

*a comunhão do continente neste momento trágico de libertação, por ele perpassando o fluxo superior da união dos povos brasileiros e britânico, sacudidos ambos pelo mesmo anseio de libertação da humanidade, ultrajada pelo barbarismo totalitário.*<sup>41</sup>

Por todo esse contexto as possibilidades de investimentos na indústria aumentavam no Rio Grande do Sul, principalmente na área que sempre havia sido significativa para a economia do Estado: a da pecuária e seus derivados. A produção nos frigoríficos era beneficiada de várias formas: pela abundância de matéria-prima (gado); pela mão-de-obra com prática em trabalhos de abate, oriunda das charqueadas; pelas possibilidades abertas pelos novos mercados, surgidos devido à conjuntura de crise. Segundo Albornoz, ... *na visão dos industriais americanos, expressa no livro do Serviço de Inteligência sobre o Brasil, o Rio Grande do Sul tinha um futuro promissor como fornecedor de carne para o mundo.*<sup>42</sup>

A política de industrialização do País oferecia maiores vantagens nos estados do Centro e do Sul devido às benesses oferecidas aos frigoríficos.<sup>43</sup> A Lei de nº 206, de 25 de novembro de 1916, isentava os estabelecimentos frigoríficos, por trinta anos, dos impostos sobre indústrias e profissões, sobre o gado abatido e sobre a exportação dos produtos e subprodutos dessas empresas. A Lei nº 241, de 09 de dezembro de 1918, além de ter mantido a isenção do imposto sobre exportação, ainda dispunha sobre a isenção de outras taxas em benefício dos frigoríficos.<sup>44</sup> Essas leis, que já haviam favorecido a Companhia Frigorífica Rio Grande, em 1917, transformavam-se em grandes atrativos para investimentos do capital estrangeiro.

---

<sup>41</sup>A *Opinião Pública*, Pelotas, 18 de dez, 1943.

<sup>42</sup> ALBORNOZ. Vera do Prado Lima. *O Frigorífico Armour na Fronteira Sant'Ana do Livramento Rivera*. Porto Alegre: PUCRS, 1997. p.121.

<sup>43</sup>ALBORNOZ. Id. *ibid.*, p.122.

<sup>44</sup> *Estado do Rio Grande do Sul. Leis da Assembléia dos Representantes*. Exercício de 1917. Porto Alegre: of. graf. d' A Federação, 1916.

As manchetes estampadas na imprensa local, contudo, não faziam menção de que todos esses benefícios sob forma de isenção de impostos, oferecidos pelo estado do Rio Grande do Sul às companhias frigoríficas, tivessem impulsionado o retorno do Anglo. Os periódicos destacavam, sobretudo, a idéia de que a reinauguração do Frigorífico tivera uma grande importância econômica para Pelotas.

Outro aspecto que merece destaque quanto à reinauguração do Anglo diz respeito à aproximação diplomática entre Inglaterra e Brasil, ideologia essa presente nos discursos proferidos na ocasião.<sup>45</sup> Segundo eles, o Frigorífico deveria servir como elemento propulsor dessa união, e não se pode esquecer, nesse sentido, que a amizade que unia os dois países remontava já de vários anos.<sup>46</sup>

*A Opinião Pública*, de 18 de dezembro de 1943, traz manchetes, que ilustram o que acima se afirma:

*Aí está porque se há de entender a instalação do Frigorífico Anglo de Pelotas. Ele representa, dentro de seu trabalho construtivo e transcendente, a união de duas nacionalidades de um lado servindo à pátria brasileira com seu manancial econômico e de outra arredando cada vez mais as contingências geográficas entre Brasil e Inglaterra, unindo-os para a luta e para a vitória..*

De acordo com essas reportagens, a reinauguração do Frigorífico em Pelotas, no momento de crise mundial, também podia ser entendida como um ato de reforço e consolidação das alianças diplomáticas tradicionais anglo-brasileiras. Apesar de a família Vestey, não ter estado presente nesse ato de reinauguração, as lideranças brasileiras e os dirigentes do Frigorífico desempenharam bem o papel de representantes diplomáticos dos dois países.

---

<sup>45</sup>*Diário Popular*, Pelotas, 18-19 dez 1943.

<sup>46</sup>Há inúmeras obras sobre a história da amizade entre Inglaterra e Brasil. Para conferir consultar a coletânea de alguns desses trabalhos na Introdução desta dissertação.

Os jornais *A Opinião Pública* e o *Diário Popular*,<sup>47</sup> apresentaram o pronunciamento do Gerente do Frigorífico, Sr. Ernest Cunningham, sob o título: *EXPRESSIVAS PALAVRAS DE UM GRANDE AMIGO DO BRASIL*. Nesse discurso, o Sr. Ernest Cunningham recordou os problemas relacionados à falta de mão-de-obra especializada para a construção do Frigorífico, o que havia ocasionado o atraso da inauguração do Anglo. Agradeceu a assistência das autoridades e do povo pelotense, bem como *a colaboração dedicada dos trabalhadores brasileiros e estrangeiros que ocorreram ao nosso chamado*. Ressaltou ainda que grande parte da maquinaria havia sido produzida no Rio Grande do Sul e em Pelotas.

Nas manifestações dos representantes brasileiros, sejam elas de ordem política ou empresarial, e no discurso de Ernest Cunningham, percebe-se a importância atribuída à reabertura de um frigorífico do porte do Anglo para o desenvolvimento de Pelotas e ao aspecto do engajamento na luta, ao lado dos aliados, pela paz e reconstrução das nações destruídas pela guerra.

Entretanto, a reinauguração do Frigorífico representou, para os trabalhadores pelotenses, sobretudo, a possibilidade de emprego e imediata supressão das necessidades básicas. Em entrevistas realizadas para esta pesquisa com alguns desses trabalhadores, registrou-se que eles ainda são enfáticos, ao afirmarem a importância daquele fato em suas vidas. Questionados sobre a contribuição do Frigorífico para a construção do Bairro da Balsa, eles responderam unânimes que:

*... os gringos nunca se envolveram com os moradores. A contribuição deles é que ofereciam trabalho. A gente podia trabalhar e comprar o que necessitava. Os terrenos aqui eram da Prefeitura, e as casas conseguimos fazer com o salário do Frigorífico.*<sup>48</sup>

---

<sup>47</sup> *A Opinião Pública* de 18 de dezembro de 1943 e o *Diário Popular* de 19 de dezembro de 1943.

<sup>48</sup> Transcrição da fala dos trabalhadores entrevistados pela autora, que são também moradores do Bairro da Balsa.

Ao serem perguntados sobre se desejavam acrescentar algo mais acerca do assunto, no final das entrevistas, os trabalhadores lamentaram o fechamento do Frigorífico. Pelo seu conteúdo histórico, faz-se necessário transcrever pelo menos dois desses depoimentos:

*O que eu tenho a dizer é o seguinte: a gente lamenta muito ter fechado o Frigorífico. Empobreceu muito o bairro. Não só o bairro, como a cidade toda. Se fosse possível pedir que os ingleses voltassem a trabalhar novamente. Uma coisa impossível, mas... [risos] (seu Sílvio).*

*A única coisa que eu tenho a dizer é que foi uma pena ter fechado o Frigorífico. O Governo era para tomar conta deste prédio e não deixar fechar. Trabalhavam quase 4 mil pessoas por safra. Foi uma perda. As fábricas que eu conheço do Porto para cá empregavam quase 30 mil pessoas e todas fecharam. O pior problema é que ninguém fez nada. Cada dia mais desemprego, mais banditismo, que só desespera um pai de família.. (seu Jacó).*

Os depoimentos demonstram que, para os trabalhadores, o resultado mais importante da reabertura do Frigorífico foi a geração de empregos. Mas isso não significa que não tenha havido os problemas rotineiramente vivenciados pela categoria, como a rotatividade de mão-de-obra e as dificuldades de se obterem melhores salários. Esses assuntos serão, posteriormente, abordados neste trabalho.

A importância da reinauguração do Frigorífico em Pelotas também está documentada no telegrama enviado, da Inglaterra, para o então gerente do Anglo em Pelotas, publicado no *Diário Popular*, do dia 18 de dezembro de 1943. Esse telegrama foi assinado por *Sir Edmundo Vestey*, que se identificou como um dos donos da companhia inglesa, ressaltando a relevância do acontecimento, bem como o interesse da companhia pelo Frigorífico de Pelotas. A seguir, transcreve-se na íntegra, o conteúdo do documento:

*Espero notícias do memorável acontecimento da inauguração do Frigorífico Anglo de Pelotas, que promoverá uma colaboração mais estreita entre a Inglaterra e o Brasil, seu ilustre aliado. Peço apresentar os respeitos do Frigorífico Anglo, ao Sr. Presidente da República, ao Sr. Interventor Federal do Rio Grande do Sul, e ao Sr. Prefeito de Pelotas, com a segurança de que o Frigorífico fará tudo quanto estiver ao seu alcance para que os negócios com os criadores riograndenses tenham o mesmo desenvolvimento que têm tido os negócios do seu Frigorífico por meio de seus estabelecimentos de Barretos e Mendes. Edmundo Vestey.<sup>49</sup>*

A lacuna acerca da identidade dos verdadeiros donos da companhia, existente devido à falta de arquivos e documentos da empresa, é, parcialmente preenchida por esse telegrama e também pelas informações obtida nas entrevistas com os ex-gerentes do Frigorífico: Sr. Oliver Cunningham e Sr. John Griffiths. De acordo com o Sr. John Griffiths,<sup>50</sup> a Família Vestey era a proprietária do importante *Trust* internacional do qual faziam parte os frigoríficos de Mendes (RJ), Barretos (SP) e o Anglo de Pelotas e ainda, fazendas de gado e embarcações em vários países do mundo, entre eles Austrália, Uruguai, Argentina, África do Sul, Venezuela e Brasil. Ele ainda relatou a história dos Griffiths na Companhia:

*Meu pai era Vice-Presidente do Frigorífico Anglo do Brasil de 1930 a 1935, seguindo com o mesmo posto em Argentina de 1935 a 1947 e acabou sua carreira como Presidente Geral do Grupo de Companhias da família Vestey no Brasil, Frigorífico Anglo de 1947 a 1960, quando se retirou. Eu trabalhei com a mesma família de 1947 a 1950 em Pelotas, Barretos e Mendes, onde o Frigorífico Anglo tinha frigoríficos e fazendas. Em 1958, fui nomeado Presidente-Geral para a família Vestey em África do Sul, até retirar-me em 1984.*

O Sr. Cunningham foi gerente do Frigorífico Anglo, de Pelotas, desde os anos de 1970 até o fechamento da empresa em 1991. Os ex-operários ainda se referem ao Sr. Cunningham como o *inglês*, embora ele seja de nacionalidade brasileira, natural do Rio de Janeiro, filho de mãe inglesa e de pai argentino. Ele informou, em entrevista concedida no dia três de junho de 1998, que os legítimos

<sup>49</sup>*Diário Popular*, Pelotas, 19 dez. 1943.

<sup>50</sup>O Sr. John G. Griffiths, enviou resposta por carta, em maio de 1998, diretamente de Portugal, onde reside atualmente.

donos do Frigorífico, os irmãos *Vestey*, provavelmente, nunca tivessem vindo ao Brasil. Além disso, revelou que, em Pelotas, o Frigorífico possuía poucos gerentes ingleses, mas que os funcionários não faziam uma distinção precisa de nacionalidade, mas de cargo. *Para os trabalhadores bastava vir de algum lugar para dirigir um setor do Frigorífico e já era inglês.*

### 2.3 Quem eram os *Aristocratas*<sup>51</sup> que se encantaram com a *Princesa*?

Nesta seção, pretende-se resgatar alguns aspectos da história da família *Vestey*. Nos relatos dos trabalhadores entrevistados, há referências ao fato de que os *Vestey eram proprietários de um grande império, e que o Anglo era apenas uma parte deste*. Igualmente nas entrevistas dos ex-gerentes, a expressão é corrente: ... *os Vestey construíram um império da carne*. O Sr. John Griffiths<sup>52</sup> relatando o processo de falência da família *Vestey afirmou*:

*Em 1988 os bancos forçaram a família de vender o império no mundo, para pagar as dívidas de banco. Ainda assim a família com seus trusts fica entre as 10 famílias mais ricas da Inglaterra. O império agrícola está quase todo vendido (grifo da autora).*

Wilson Suzigam em *Os Investimentos Estrangeiros no Início da Industrialização do Brasil*, menciona que três grandes frigoríficos foram estabelecidos, no Brasil, por empresas estrangeiras. Um deles seria, posteriormente, conhecido como Frigorífico Anglo, o qual começara a operar em 1917, na localidade de Mendes (RJ). Segundo um relatório consular da época, a empresa era controlada por *Mr. Vestey*, de Chicago, além de outros sócios ingleses. A partir da década de 1920, os negócios da empresa começaram a expandir-se no Brasil, e o

<sup>51</sup>*Aristocratas*: adjetivo empregado a pessoas que pertencem à aristocracia, que são nobres. (do grego: *áristos* = melhor + *krat*, raiz de *krátos*=força, poder). FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. aum, rev, Rio de Janeiro: Nova Fronteira,[s/d] p.164.

<sup>52</sup> Sr. John G. Griffiths. Entrevista respondida através de carta de 02 de agosto de 1998.

Anglo passou a dividir o controle da indústria de carne no País com as outras três gigantes do oligopólio americano: *Armour, Swift e Wilson*.<sup>53</sup>

Sandra Pesavento<sup>54</sup> corrobora a idéia de *império* da carne, afirmando que a família *Vestey* também lançava suas malhas econômicas pelos países platinos, e que, enquanto o capital americano comparecia apenas em um grupo de Chicago, o britânico era presença *no não menos poderoso grupo dos Vestey Brothers, que dominavam a rede dos frigoríficos Anglo*. A autora observa que o grupo *Vestey* atuava, também, em vários países do mundo, e que *no Brasil, o Trust inglês era dono de um frigorífico em São Paulo e agora com a compra do Frigorífico Rio Grande, deitava suas raízes na industrialização da carne gaúcha*.

Segundo dados extraídos da imprensa local, dos relatos dos ex-gerentes e dos trabalhadores do Frigorífico, constatou-se que a família *Vestey*, inicialmente composta apenas por dois irmãos - *William e Edmund* -, era a legítima proprietária da Companhia *Lancashire General Investment Trust Limited*. Essa companhia comprou em 1921, dos pecuaristas gaúchos, o Frigorífico Rio Grande, que, em 1924, passou a denominar-se Anglo S.A.

O Sr. Cunningham classificou como uma *história romântica* a maneira através da qual os irmãos *Vestey* adquiriram riqueza e prestígio. Ele relatou que os dois irmãos de origem humilde, de Liverpool, começaram a negociar com miúdos e foram os primeiros a utilizar o resfriamento da carne, na Inglaterra. Os *Vestey* compravam carne de fim de feira e guardavam na geladeira e no dia seguinte, vendiam a *preço do dia*. Mais tarde, os dois irmãos separaram-se. Um, foi para os Estados Unidos, a fim de aprender a técnica da carne frigorificada, enquanto que o outro permaneceu na Inglaterra. *...A verdade é que os dois se deram muito bem e*

---

<sup>53</sup>SUZIGAM, Wilson. *Os investimentos estrangeiros no início da industrialização do Brasil*. Campinas: UNICAMP/IE., 1994. p.9-10.

<sup>54</sup>PESAVENTO, Sandra Jatahy. *República Velha Gaúcha: charqueadas, frigoríficos, criadores*. Porto Alegre: Movimento/IEL. 1980. p.195.

*voltaram a se unir na Inglaterra, em Liverpool. Entraram na grande briga da carne frigorificada. Era uma briga violenta, esta briga da Swit, da Armour, da Wilson e da Anglo.*<sup>55</sup>

Além das informações extraídas dos depoimentos dos trabalhadores, do Sr. John Griffiths e da bibliografia citada, ainda se resgatou que um dos irmãos Vestey recebeu o título de *Lord*. Em carta enviada da Irlanda, um dos ex-gerentes<sup>56</sup> afirmou que: *a companhia era de propriedade exclusiva originalmente de dois irmãos, William e Edmund, sendo que, mais tarde Lord William*. Nessa ótica, se a família Vestey construiu um dos impérios da carne distribuídos em diversos países do mundo e, em função disso, passou a ser vista como um grupo que detinha uma parcela de poder econômico, pode-se dizer que seus membros eram *aristocratas*.

A companhia *Lancashire* era de propriedade da família Vestey e dirigia os frigoríficos a partir de sua sede em Liverpool, Inglaterra. Segundo o Sr. Cunningham,<sup>57</sup> o poder de decisões estava centralizado naquele país. Essa informação reaparece na carta enviada da Irlanda:

*Durante o funcionamento da Companhia, o controle ficou firmemente em dois pares de mãos. Todos os empreendimentos significativos, em todo o mundo, eram feitos, ou aprovados, por eles pessoalmente. Controle foi um protótipo da companhia. Todos os projetos de além-mar como Pelotas, todas as posições da autoridade, mesmo sob algum executivo de departamento, eram preenchidas por comando vindo da Inglaterra.*<sup>58</sup>

---

<sup>55</sup>Sr. Cunningham, junho de 1998.

<sup>56</sup>Essa carta foi enviada da Irlanda, para a pesquisadora, como resultado de contatos mantidos pelo Sr. John Griffiths. Apesar de o remetente, que se identifica como ex-empregado da Companhia, não ter assinado o documento, as informações contidas no texto são de extrema importância e demonstram terem sido escritas por pessoa que dispõe de muito conhecimento sobre a Companhia *Lancashire*, o que confere credibilidade ao depoimento. A carta foi redigida em inglês e traduzida pelo Professor Paulo Bernardo Schinnor. Novembro de 1998.

<sup>57</sup>Entrevista de três de junho de 1998.

<sup>58</sup>Texto traduzido da carta do ex-gerente enviada da Irlanda.

As questões abordadas referentes aos donos legítimos da companhia inglesa, à formação de sua fortuna, e à organização e forma de eles dirigirem, a *Lancashire* contribuem para o resgate da trajetória da família *Vestey*.

No início deste século, os ingleses chegaram ao Brasil, sendo que, em 1921, instalaram-se provisoriamente em Pelotas. Nessa data, o que atraía a companhia nesta cidade era o enorme suprimento de carne disponível e a mão-de-obra oriunda das charqueadas.<sup>59</sup> Já em 1943, quando da instalação definitiva da Companhia em Pelotas, havia outros tantos motivos, já anteriormente citados.

A família *Vestey*, pela sua penetração e prestígio na Europa, tinha uma história que repercutiu de forma favorável na sociedade pelotense. O fato de que nenhum dos membros da família tivesse sido visto na cidade contribuiu, certamente, para aumentar a curiosidade dos moradores sobre eles e instigar a imaginação dos pelotenses sobre sua representatividade e influência sociais, passando a considerá-los como *aristocratas*.

#### **2.4 O funcionamento do Frigorífico Anglo**

A Sociedade Anônima Frigorífico Anglo S. A. constituiu-se numa grande empresa de frigorificação de carne, e suas instalações eram extremamente avançadas para aquela época no Brasil. A ilustração a seguir mostra aspectos de um dos prédios da enorme construção do complexo industrial Anglo S.A.

---

<sup>59</sup>Sobre a trajetória da Companhia no Rio Grande do Sul, ver: MARQUES, Alvarino da Fontoura. *A economia do charque. O charque nas artes. Culinária do charque*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992.

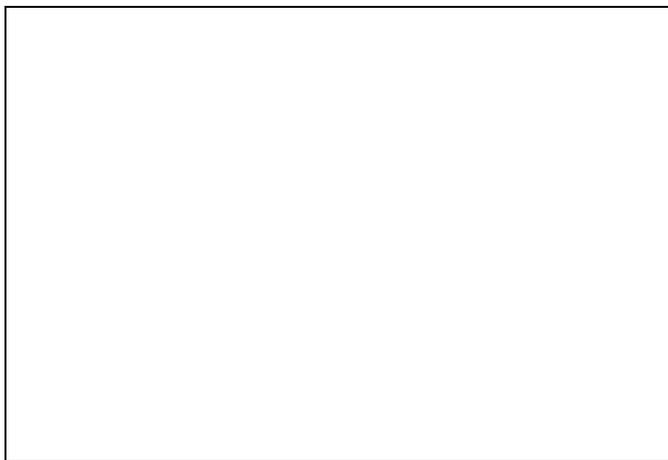


**Figura 4:** Prédio da Estamparia  
Fotos de Hélio da Rosa



**Figura 5:** Prédio da Conserva de extrato de carne  
Fotos de Hélio da Rosa

Segundo o Sr. Cunningham, esse avanço tecnológico da produção gerou muito lucro, pois o Frigorífico Anglo estava muito à frente de qualquer outro grupo no Brasil. A tecnologia utilizada era importada de Chicago, considerada o centro da carne frigorificada. Pimentel<sup>60</sup> ressalta que as técnicas avançadas, tais como a produção setorizada e mecanizada, (vide foto) causavam admiração a todo setor frigorífico brasileiro.



**Figura 6:** Seção de carnes do Frigorífica Anglo - julho de 1980  
Foto cedida pelo Sr. Hugo Hucckembeck

A direção do Anglo, por exemplo, criou uma rampa, por onde subia o boi até o primeiro andar da fábrica, onde o animal era lavado e morto com golpe de marreta.

---

<sup>60</sup>PIMENTEL, Fortunato. *Rio Grande do Sul e suas riquezas*. Porto Alegre: Continente, 1944. p.127-128.



**Figura 7:** Foto da rampa do Frigorífico Anglo  
Foto de Neuza Regina Janke da Silva.

Ainda no primeiro andar do Anglo, ficavam as sessões de manufatura, onde o boi era aproveitado integralmente, desde o sangue até os ossos, que serviam para adubo.<sup>61</sup> A carne para exportação exigia um processo bastante apurado de preparação e, tão logo ela ficava pronta, era prensada em caixas próprias e congelada em câmaras frias.

Sobre o funcionamento das demais sessões do Frigorífico e transformação da matéria-prima, segue-se a descrição de Pimentel:

*Importantes engraxadeiras estão instaladas no Anglo e se destinam a transformar os subprodutos do boi em preciosa graxa de tão imperiosa necessidade em diversos artigos. (...) Na sessão de triparia são limpas e absolutamente isentas de impurezas as tripas que se destinam à sessão de salsicharia, onde é fabricado um produto superior e de largo consumo interno. Na sessão de estamparia são preparadas as latas para conservas, onde a lâmina de folha é cortada quase sem o contato da mão humana e transformada sucessivamente até atingir a sessão de enlatamento.<sup>62</sup>*

<sup>61</sup>Na *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, IBGE, Rio de Janeiro: 1959, encontra-se uma relação das principais indústrias de Pelotas e respectivos ramos de desenvolvimento. Em oitavo lugar aparece S.A. Frigorífico Anglo, com produção de folhas de flandres e, em 25º lugar, o Frigorífico aparece como produtor de adubo orgânico e de cola animal.

<sup>62</sup>PIMENTEL, Fortunato. *Rio Grande do Sul e suas riquezas*. Porto Alegre: Continente, 1944. p.128.

Pimentel descreve as atividades do Anglo como se estivesse passeando pelas secções do Frigorífico. Essas descrições correspondem àquelas feitas pelos operários, nas entrevistas, sobre as diversas partes do prédio.<sup>63</sup>

Antônio Jaime Aurora, em sua autobiografia, também procede a uma descrição das atividades do Frigorífico Anglo. O escritor, nascido em Pelotas, viveu sua infância brincando nas ruas próximas do Porto, tendo conhecido assim, os espaços que, posteriormente, pertenceram ao Frigorífico. Já adulto, Aurora viajou pelo Brasil e morou e trabalhou em diversos estados. Em 1942, estando no Rio de Janeiro, recebeu uma proposta para voltar a Pelotas e montar a sala de máquinas do Frigorífico Anglo. Ao descrever aquele momento, o autor não esconde a emoção da volta:

*Pelotas! Minha cidade natal, ali onde pratiquei as maiores diabruras na minha meninice; onde ninguém esperava nada de mim! Comecei a sentir uma certa emoção e pensei no capricho do destino. Ali, naquele local onde seria erguido o Frigorífico Anglo, eu quase perdi a vida, quando menino, ao cair de uma figueira, e onde meu companheiro Zé Poveira perdeu a vida. Iria ali ajudar a erguer uma das maiores indústrias frigoríficas que Pelotas já tivera. Aceitei a proposta. Tomei um navio e segui para Pelotas; no mesmo navio viajavam o contador Mr. Masson, sua esposa e uma filha. Vi aquele casal de ingleses várias vezes durante a viagem; não imaginei que com ele teria muitos contatos.*<sup>64</sup>

O autor ainda faz um *convite para um passeio* pelos diversos setores do Frigorífico, explicando como funcionava cada um deles. Esta descrição supera a de Pimentel, pela riqueza dos detalhes e pelo fato de que Aurora trabalhou no Anglo, o que torna seu relato carregado de emoção.<sup>65</sup>

---

<sup>63</sup> Essa mesma descrição foi feita pelo ex-operário, eletricitista, Sr. João Islabão, que acompanhou a autora em uma visita ao prédio do Frigorífico, para a realização de uma filmagem, em fevereiro de 1998.

<sup>64</sup> AURORA, Antônio Jaime. *O garoto do Porto: contos de suas andanças pelo Brasil*. Porto Alegre: Metrópole, [s/d] p.120-121.

<sup>65</sup> Sobre *esse passeio*, ver: AURORA, Antônio Jaime. *O garoto do Porto: contos de suas andanças pelo Brasil*. Porto Alegre: Metrópole, [s/d]. p.126-131.

## 2.5 Refletindo-se sobre algumas questões acerca da mão-de-obra.

Abordou-se a história do funcionamento do Anglo e o importante significado do Frigorífico para o desenvolvimento da cidade de Pelotas. Pretende-se agora discutir algumas questões da fábrica para os operários que serviram como mão-de-obra local.

No *Plano Diretor de Pelotas*, organizado em 1967, consta que, no período abrangido entre 1940 e 1960, houve um aumento de 43% do contingente de mão-de-obra. Está escrito, também, que dois grandes grupos de indústria sobressaíam-se na cidade: no ramo de alimentação e de transformação de minerais não-metálicos.<sup>66</sup> Esse documento registra, para o período, poucos estabelecimentos com mais de 100 operários, sendo que, desses, 34,08% constituíam mão-de-obra local. Destacava-se, entre esses poucos estabelecimentos, uma única empresa: o Frigorífico Anglo,<sup>67</sup> que detinha 11,21% dos 34,08% da mão-de-obra local.

Além da já excessiva mão-de-obra local, surgiram os migrantes. Em 1950, a população citadina representava 44% do total dos habitantes e, em 1960, passou para 53%.<sup>68</sup> A população rural e a do restante da região (Canguçu, Pedro Osório, Piratini) vinham para Pelotas em busca de uma vida melhor<sup>69</sup> e engrossavam as fileiras da mão-de-obra excedente, porque a oferta de postos nas indústrias era sazonal.

---

<sup>66</sup>*Plano Diretor*. Pelotas: 1967. p. 29 e 35. A primeira tentativa de disciplinar o crescimento urbano de Pelotas, através de um Plano Diretor, foi realizada entre 1920-1924; em 1947, um segundo Plano Diretor foi realizado; em 1967, foi publicado o terceiro Plano Diretor de Pelotas.

<sup>67</sup>*Plano Diretor*. Pelotas: 1967. p.35

<sup>68</sup>*Plano Diretor*. Pelotas: 1967. p.36-38.

<sup>69</sup>Sobre os diversos motivos que levam as pessoas a mudarem-se para as cidades, entre outros, ver: BAKOS, Margaret Marchiori. A cidade está na moda há pouco tempo. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, PUCRS, n 1, p.206, 1998.

Durante os 48 anos em que funcionou sistematicamente<sup>70</sup> (1943-1991), o Frigorífico empregava uma média mensal de 1000 a 1500 pessoas, sendo que, no período da safra, esse número podia aumentar para 2500 trabalhadores, conforme foi apontado nas entrevistas com ex-empregados do Anglo. Pimentel<sup>71</sup> confirma esses números, dizendo que: ... em 1944, nas diversas sessões do frigorífico estão trabalhando, atualmente, 1.300 operários, o que por si só atesta a importância deste estabelecimento.

As pessoas que vinham para Pelotas nas décadas de 1950 e 1960 distribuíam-se na área urbana segundo suas possibilidades econômicas: as de baixa renda localizavam-se em locais onde havia sub-habitação ou habitações do tipo popular, como eram consideradas as encontradas na Vila da Balsa, Gasômetro e Simões Lopes.<sup>72</sup> O *Plano Diretor* analisa as áreas que estavam sendo ocupadas nesse período, em Pelotas, pelos migrantes da zona rural, e salienta que o *problema social é caracterizado mais pelo padrão de vida de seus ocupantes e pelas condições sanitárias da área, (...) do que pelo aspecto físico ou construtivo das habitações que não chegam a constituir, o que se convencionou chamar de maloca.*<sup>73</sup>

Como já se informou, um emprego no Frigorífico Anglo, representava, para o operário, de um lado, o seu ganho certo e, de outro, um enorme problema devido à rotatividade de pessoal característica a esse tipo de indústria. Os setores que se mantinham em funcionamento durante a fase da dispensa da mão-de-obra no

---

<sup>70</sup>Para efeito desta análise, desconsideramos o período em que o Frigorífico instalou-se em Pelotas-1921 até 1926.

<sup>71</sup>PIMENTEL, Fortunato. *Rio Grande do Sul e suas riquezas*. Porto Alegre: Continente, 1944. p.128.

<sup>72</sup>*Plano Diretor*, p.75. Note-se que a mencionada Vila da Balsa, atualmente, denomina-se Bairro da Balsa.

<sup>73</sup>*Plano Diretor*, p. 89. Pelotas possui uma tradição de prédios antigos, que fazem parte da história da área urbana central da cidade. A construção de moradias que não mais correspondia os parâmetros utilizados na cidade e em zonas insalubres, visto que a vila da Balsa ainda era um banhado em 1950, pode ter causado impacto sobre a opinião dos técnicos que elaboraram o Plano Diretor de Pelotas em 1967.

Frigorífico Anglo eram, principalmente, aqueles referentes à manutenção de máquinas, o de eletricidade, as câmaras frias e o setor administrativo.

Nesta caracterização da época buscaram-se elucidar as possíveis relações existentes entre o desenvolvimento do Frigorífico, como empregador de um número expressivo de trabalhadores, e a ocupação do espaço no Bairro da Balsa, vizinho ao Anglo. Do total de vinte moradores entrevistados, quatorze informaram que, ao chegarem para trabalhar no Frigorífico, buscavam o Bairro da Balsa,<sup>74</sup> preferencialmente, para morar e que eram oriundos da zona rural e regiões próximas de Pelotas, tendo mudado para a cidade na década de 1950.<sup>75</sup> Os motivos que levaram esses trabalhadores a buscarem moradia no Bairro da Balsa foram vários, mas, entre eles, predominou o fato de que essa área estava localizada próxima ao Frigorífico, oferecendo vantagens como emprego e possibilidades de ganhos em outras atividades, conforme relatou o Sr. Reni:

*Meu pai foi o primeiro morador desta rua. Abriu este comércio aqui. Na esquina do Frigorífico. Depois que o Frigorífico fechou, toda esta zona ficou vazia. Eles davam muito serviço e pagavam em dia. Esta gente daqui vivia muito bem. Os ambulantes vendiam toda a mercadoria. Todo mundo tinha dinheiro. Hoje é uma tristeza. Você passa do dia 15 ao dia 20 sem vender nada. (Sr. Reni).*

O período de suspensão dos abates, quando eram dispensados um grande número de trabalhadores, além de causar desemprego, propiciava, à direção do Frigorífico, um controle rígido sobre a seleção dos operários, como se pode depreender dos relatos que referem os critérios utilizados para se definir o retorno ou não dos empregados nas safras seguintes. Segundo os trabalhadores, ... *vagabundo lá*

---

<sup>74</sup>Excluem-se, desses moradores, os trabalhadores do Departamento Estadual de Estradas e Rodagens que trabalhavam na barca de travessia entre Pelotas e Rio Grande e os funcionários da Prefeitura Municipal que trabalhavam no asseio público. Conforme entrevista do Sr. Sílvio, cujo pai foi funcionário da Prefeitura Municipal de Pelotas, e da Dona Cleni, filha de um antigo operário das barcas, do DAER.

<sup>75</sup>De acordo com relatos dos moradores entrevistados.

*não tinha vez. Eles eram muitos justos, mas o camarada tinha que trabalhar certinho, senão não voltava.* Isso demonstra que o comportamento do contratado, em cada safra trabalhada embasava a avaliação para sua continuação no emprego ou era a garantia para seu retorno na próxima safra.

Com relação às mulheres, a pressão exercida era ainda mais forte, apesar de O Sr. Cunningham,<sup>76</sup> ter afirmado que:

*Tudo era absolutamente dentro da lei. Todos os direitos eram pagos. Agora, tinha uma coisa. As mulheres não podiam engravidar. Se engravidassem, enquanto estivessem no trabalho e não se demitissem, podiam saber que não voltavam mais.*

Isso significa que as mulheres que precisassem trabalhar e chegassem a engravidar deveriam se demitir voluntariamente, para garantir sua volta na próxima safra. Embora os trabalhadores entrevistados e o Sr. Cunningham tenham dito que os donos do Frigorífico eram *justos e absolutamente legais*, essa prática era habitual e eximia o Frigorífico da responsabilidade do pagamento da licença-maternidade, garantido pela lei.<sup>77</sup>

Outro aspecto, lembrado pelos trabalhadores nas entrevistas e confirmado pelo Sr. Cunningham, relaciona-se a prática da indenização dos operários por parte da empresa. Ao atingirem um determinado número de anos no emprego, *ou os operários eram demitidos, ou faziam acordo com a firma*, para não adquirirem estabilidade. Conforme a *Consolidação das Leis do Trabalho*, de 1º de maio de 1943, no Artigo 492, *o empregado que contar com mais de dez anos de serviço na mesma*

<sup>76</sup>Entrevista com Sr. Cunningham, três de junho de 1998.

<sup>77</sup> *Consolidação das Leis do Trabalho*. 1º de maio de 1943. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993. De acordo com a seção V, Da Proteção à Maternidade, no Art. 391, “*Não constitui justo motivo para a rescisão do contrato de trabalho da mulher o fato de haver contraído matrimônio ou de encontrar-se em estado de gravidez*”. E em seu Art. 392: “*É proibido o trabalho da mulher grávida no período de quatro semanas antes e oito semanas depois do parto*”. Art. 393: “*Durante o período a que se refere o artigo 392, a mulher terá direito ao salário integral (...) sendo-lhe ainda facultado reverter à função que anteriormente ocupava*”.

*firma não poderá ser despedido senão por motivo de falta grave.* Ao que parece, os acordos eram uma prática comum, considerada benéfica para os trabalhadores, na medida que o dinheiro que recebiam pela indenização permitia-lhes melhorarem as condições de moradia:

*A primeira vez que saíam, pegavam o dinheiro e aterravam o terreno, faziam uma casa de chalé. Já na segunda, podiam ampliar a casa e construir de tijolos. E assim, sucessivamente, acontecia com todos os que permaneciam na empresa. Foi assim com o seu Hugo, seu Isabão, seu Sílvio e outros tantos.<sup>78</sup>*

O Frigorífico Anglo de Pelotas produziu, além de carnes enlatadas tipo exportação, conservas de frutas e legumes, tendo abatido gado até 1985. Após essa data, passou a produzir apenas conservas, vindo a fechar definitivamente em 1991. A companhia inglesa proprietária do Frigorífico vendeu o prédio para o Grupo Casarin. Hoje, todo o enorme prédio encontra-se semidestruído e sob a intervenção da Justiça do Trabalho, em função da falência do Frigorífico Casarin.

Em suma, todas essas considerações a respeito da implantação do Frigorífico Anglo em Pelotas, do seu funcionamento e da sua importância para o desenvolvimento da cidade, além de algumas reflexões sobre as transformações pelas quais Pelotas passou nesse período, levam a reforçar a importância histórica do Frigorífico para a economia e a sociedade pelotenses. As evidências apontadas neste capítulo indicam a relevância que teve a reabertura do Frigorífico Anglo, em 1943, no processo de ocupação do espaço do Bairro da Balsa, o que será abordado especificamente no capítulo seguinte.

---

<sup>78</sup> Sr. Cunningham . Entrevista do dia três de junho de 1998

### 3 OS TRABALHADORES ESTÃO CHEGANDO... A OCUPAÇÃO DO BAIRRO DA Balsa EM PELOTAS (RS) 1950-60

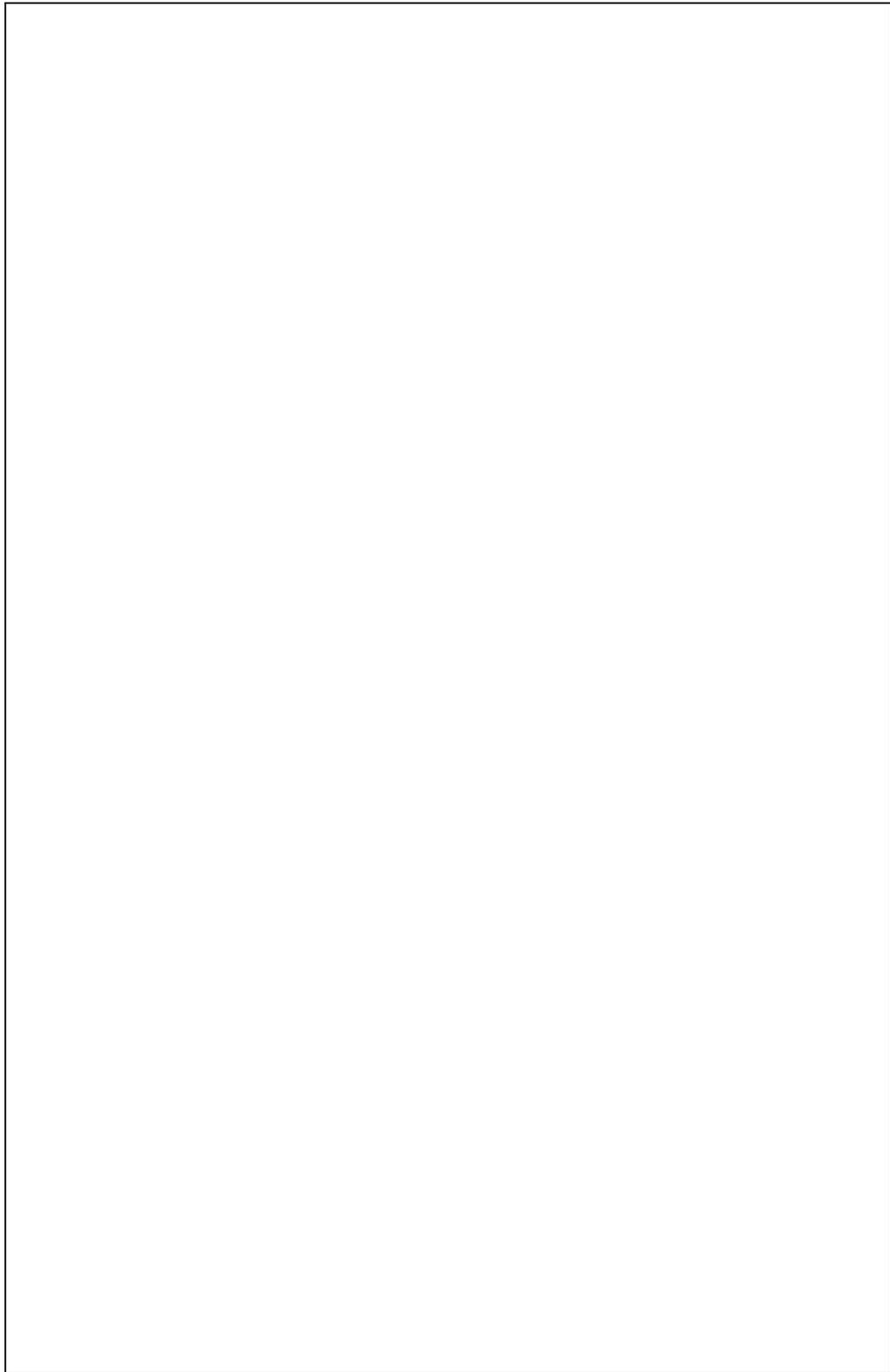
Este capítulo analisa o processo de ocupação do espaço onde está situado o Bairro da Balsa, em Pelotas (RS), visando a se narrar a história da construção das moradias nas décadas de 1950 e 1960, e da organização de seus ocupantes para obterem a instalação de serviços essenciais (como os de energia elétrica e de canalização de água e esgoto, por exemplo) e de áreas para lazer.

O local, ocupado, atualmente, pelo Bairro da Balsa, localiza-se às margens do canal São Gonçalo, defronte ao prédio que pertenceu ao Frigorífico Anglo, configurando um triângulo formado pela Rua Paulo Guilayn e suas diversas travessas<sup>1</sup> (conferir mapa) e a Rua João Thomas Munhoz até a Rua Tiradentes. A *desorganização urbana*<sup>2</sup> presente nas ruas próximas ao Frigorífico despertou a atenção e levou a pesquisadora a formular as perguntas que serviram como princípio de orientação a esta pesquisa: como e quando se deu a ocupação desse espaço em Pelotas? Quais as relações entre a formação desse espaço, com características tão peculiares, e o desenvolvimento do complexo industrial do Frigorífico Anglo S.A.?

---

<sup>1</sup>Algumas ruelas que ficam paralelas ou mesmo transversais à rua Paulo Guilayn ainda não possuem nome e são conhecidas como *Travessa 1* ou *Travessa 2* do interior da Paulo Guilayn. Algumas dessas travessas começam, aos poucos, a ser conhecidas por nomes que foram escolhidos pela Associação de Moradores da Balsa, em homenagem aos primeiros moradores da área que tiveram algum tipo de participação na organização do Bairro. É o caso específico da rua que, até bem pouco tempo, era conhecida como *Corredor do Anglo* e que, agora, os moradores começam a chamar rua Pedro Osório de Brito, em homenagem ao primeiro morador dali. Entrevista com o Sr. Reni Oliveira Brito, concedida em 18 de fevereiro de 1999.

<sup>2</sup>Esse termo será utilizado para se definir a estrutura urbana do Bairro da Balsa, com ruas, praças e avenidas completamente desorganizadas em relação ao restante da malha urbana da cidade.



**Figura 8:** Mapa demonstrativo do Frigorífico Anglo e do Bairro da Balsa  
Fo nte: Secretaria de Desenvolvimento e Tecnologia da Prefeitura Municipal de Pelotas

Partiu-se do pressuposto de que a ocupação do Bairro deu-se, basicamente, por trabalhadores do Frigorífico Anglo, o qual se constituiu em fator importante para a formação daquela zona urbana. Esse fato estimulou a pesquisadora a recuperar, para entender melhor o fenômeno, a história da habitação popular no Brasil, a qual tem sido discutida a partir de diferentes pressupostos teóricos, entre os quais mencionam-se os seguintes:

1º) a formação de bairros operários ocorre a partir da decisão dos grupos de industriais que dominam áreas próximas à suas indústrias e têm interesses em manter a força de trabalho disciplinada e sob seu poder;

2º) o processo de transformação tecnológica do capitalismo e sua evolução influem a decisão dos industriais sobre a construção ou não de vilas operárias;

3º) os grandes industriais possuem uma visão filantrópica, o que os leva a construir moradias para seus operários e proporcionar-lhes, assim, uma vida mais digna.

Para se ilustrar essas três tendências, selecionaram-se alguns estudos.

A idéia de imobilização da força de trabalho através da moradia está muito presente em autores como Lopes,<sup>3</sup> que desenvolve estudos nas usinas de açúcar em Pernambuco e no complexo fabril de Paulista, no mesmo estado. O autor demonstra que se faz, presente, na organização das grandes indústrias, o planejamento de vilas operárias, sendo que a imobilização das famílias operárias

---

<sup>3</sup>Ver essa análise em: LOPES, José Sérgio Leite. *O vapor do Diabo: o trabalho dos operários do açúcar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. Também em *A Tecelagem dos conflitos da classe na "cidade das chaminés"*. São Paulo/ Brasília: Marco Zero/Editora da UNB, 1988.

ocorre pela necessidade que elas tem de morar próximo ao local de trabalho. O trabalho de Lopes demonstra que a mão-de-obra, tanto das usinas como do complexo fabril, não está disponível num primeiro momento: inicialmente os trabalhadores provêm, em grande número, da zona rural e necessitam das moradias operárias para permanecerem no trabalho e junto de suas famílias.

Na mesma linha de análise de Lopes, destaca-se o livro de Rago,<sup>4</sup> que, no capítulo *A Desodorização do Espaço Urbano*, traz a idéia de que a habitação popular está ligada à necessidade de se disciplinar o proletariado, e nesse sentido, para a burguesia industrial e os higienistas, a moradia operária deve:

*reorganizar a fina rede das relações quotidianas que se estabelecem no bairro, instaurar uma nova gestão da vida do trabalhador pobre e controlar a totalidade de seus atos na vila, na casa e, dentro desta, em cada compartimento*<sup>5</sup>.

Justificando a necessidade das vilas operárias a partir da vontade dos patrões, a autora escreve que: *A vila deve instaurar um espaço de conforto, satisfação e moralidade de onde o trabalhador não precisa sair nem mesmo para divertir-se.*<sup>6</sup>

Na perspectiva de uma análise econômica, tem-se o artigo de Sheila Villanova Borba, *Notas sobre o Papel da Indústria na Estruturação das Áreas Urbanas*,<sup>7</sup> no qual a autora enfocando o processo de transformação da indústria, aponta que, no início (década de 1920), o processo de industrialização brasileira era regulado pelo modelo de desenvolvimento denominado *Fordista*. A partir dos anos 1970, a crise que se instalou, gerou uma grande instabilidade econômica, a qual

---

<sup>4</sup>RAGO, Margareth. *Do Cabaré Ao Lar: A Utopia Da Cidade Disciplinar: Brasil 1890-1930*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

<sup>5</sup>RAGO, Id. *ibid.*, p.163.

<sup>6</sup>RAGO, Id. *ibid.*, p.178.

<sup>7</sup>Ver: BORBA, Sheila Villanova. *Notas sobre o papel da indústria na estruturação das áreas urbanas. Ensaios da FEE*, Porto Alegre, n 15, 1994. p.253-268.

exigiu a reorganização desse modelo. Apesar das controvérsias geradas em torno das denominações atribuídas a esse período, a autora classifica-o como *pós-fordismo*.

Segundo a análise de Borba, no primeiro estágio de transformação da indústria, durante o qual se verificava a acumulação capitalista extensiva, era aceitável um operário pouco qualificado, o que levou grandes indústrias a construírem vilas operárias, dispondo assim, de mão-de-obra mais barata e submissa. Por volta dos anos 30, a indústria brasileira começou a incorporar alta tecnologia, o que exigia trabalhadores mais qualificados. Já não se construía mais para os operários, mas para os trabalhadores qualificados. Percebe-se que são questões econômicas relacionadas com o processo de transformação tecnológica que determinam a construção ou não das vilas operárias.

Um estudo sociológico de grande relevância encontra-se na obra de Eva Altermam Blay, *Eu Não Tenho Onde Morar: vilas operárias na cidade de São Paulo*,<sup>8</sup> na qual a autora define a construção da moradia operária como uma forma capitalista de se diminuir salário, aumentando-se assim o lucro. Nessa visão, as vilas operárias surgem a partir da necessidade do desenvolvimento capitalista, ou seja, no período denominado *fordista*, quando se exige mais mão-de-obra, não necessariamente qualificada. Blay acompanha o raciocínio da análise de Borba, segundo o qual os industriais constroem vilas operárias no primeiro estágio do desenvolvimento industrial brasileiro, mas amplia seu objeto de estudo, ao trabalhar com depoimentos orais e reconstruir a história das vilas operárias em São Paulo, sob a ótica dos trabalhadores.

Em contrapartida, há aqueles que classificam a prática de os empresários de construírem vilas operárias como fruto de uma visão filantrópica. Salienta-se,

---

<sup>8</sup>BLAY, Eva Altermam. *Eu não tenho onde morar: vilas operárias na cidade de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1985.

nesse sentido, a obra de Jorge Street, *Idéias sociais de Jorge Street*,<sup>9</sup> na qual o autor relata sua própria história de industrialista, segundo ele, a de um homem comprometido com os problemas nacionais de sua época, dentre eles, o da defesa da indústria brasileira. Jorge Street era brasileiro de segunda geração, descendente de avô britânico, formado em Medicina, e tornou-se um grande empresário brasileiro, que marcou a história da indústria no País já no final do século passado. Pertencia ao grupo de industriais que defendiam que o desenvolvimento do Brasil, deveria se dar através da indústria, por meio de incentivos governamentais e protecionismo. Além da liderança em defesa da indústria, Street conquistou o título de *Bom Patrão*, devido à preocupação com os seus operários. O autor não se incomodava em ser denominado de paternalista, pois segundo suas palavras:

... conhecendo a mentalidade e cultura do nosso operariado, eu entendia que deveríamos, até melhores tempos, passar por um período intermediário, em que nós patrões, servíssemos ainda de conselheiros e guias, sem que a meu ver isso constituísse uma tutoria pesada ou inconveniente aos nossos auxiliares de trabalho.<sup>10</sup>

A denominação de paternalista concedida a Jorge Street deveu-se, em muito, à construção de vilas operárias. Em 1912, em Belém, São Paulo, o empresário fundou a Vila Maria Zélia, um grande complexo fabril que comportava a fábrica, rodeada pela vila, com casas para os operários, cooperativa, grupo escolar, creche, berçário, ambulatórios médico e dentário, biblioteca, clubes recreativo e cultural, campo de esportes e outros serviços assistenciais.<sup>11</sup>

<sup>9</sup>STREET, Jorge. *Idéias sociais de Jorge Street*. Textos selecionados por Evaristo de Moraes Filho. Brasília: Senado Federal; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1980.

<sup>10</sup>STREET, Jorge. *Idéias sociais de Jorge Street*. Textos selecionados por Evaristo de Moraes Filho. Brasília: Senado Federal, Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1980. p.75.

<sup>11</sup>Um trabalho que serve tanto para a análise sobre a *visão filantrópica dos empresários brasileiros*, como para a da construção de moradias para se *manter sob disciplina o operariado* é a dissertação de Mestrado de SILVA, Gracilda Alves de Azevedo. *Bangú: A fábrica e o bairro. Um Estado Histórico (1889-1930)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1985. No segundo volume da obra a autora transcreveu os estatutos da Companhia Progresso Industrial do Brasil, que, a respeito dos fins da empresa no 2º artigo, parágrafo 2º previa: “*Edificar, em terrenos seus, apropriadas e higiênicas habitações para*

No caso de Pelotas, vê-se, à luz dessas fontes bibliográfica e das outras fontes consultadas, que a ocupação do Bairro da Balsa foi espontânea, e a instalação do Frigorífico Anglo não interveio diretamente na organização e formação daquele espaço, uma vez que a indústria sequer havia planejado o bairro como local de moradia para seus trabalhadores.

Isso transparece na própria organização urbana da área de posseiros, que foi ocupada e tornada habitável pelos próprios trabalhadores.<sup>12</sup> Ainda hoje, o bairro apresenta ruas, passeios e praças completamente *desorganizados* em relação ao formato da cidade, que foi planejada<sup>13</sup> com ruas horizontais, cortadas pelas verticais, formando um *quadrado*.

A relação de descaso da grande indústria - o Frigorífico Anglo - com a formação do Bairro da Balsa também pode ser analisada a partir das etapas de desenvolvimento do processo capitalista. Como o Frigorífico Anglo de Pelotas instalou-se definitivamente, a partir de 1943, ele vivenciou a fase de transição do modelo fordista para aquela etapa que se denominou pós-fordista, durante a qual já não se defendia a construção de moradias para os trabalhadores como forma de cooptá-los ou coagi-los a um trabalho metódico e controlado pelo capital.

Em Pelotas, o Anglo construiu apenas quatro ou seis casas, para abrigar operários qualificados, que vieram de outras localidades trabalhar no Frigorífico. Não há elementos suficientes para saber-se exatamente quantas casas foram edificadas para esse fim, até porque elas já foram destruídas, restando apenas alguns traços dos alicerces. O Sr. Reni Oliveira de Brito relatou que havia uma casa onde

---

*serem alugadas a operários em serviço da Companhia.*”. Estatutos de fundação da Companhia, em 06 de fevereiro de 1889. p.303.

<sup>12</sup>Conforme dados da Secretaria Municipal de Urbanismo e Meio Ambiente (Departamento de Urbanização Popular).

<sup>13</sup>Conferir a descrição elaborada por: MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e cultura na Província de São Pedro Do Rio Grande Do Sul*; um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: UFPEL/Livraria Mundial, 1993. p.27-29.

morava o gerente de compras do gado, localizada na frente do Frigorífico, próxima ao corredor por onde entravam os bois. De acordo com o entrevistados havia ainda mais três ou quatro casas, localizadas dentro do pátio do Frigorífico, onde moravam os mecânicos das máquinas, alguns estrangeiros, outros vindo de Barretos - São Paulo, como foi o caso do Sr. Moreira, que criou os filhos todos morando lá. O Sr. Jacó Moreira, filho desse mecânico, relatou em entrevista à autora:

*Meu pai, seu Moreira, era chefe da mecânica na oficina. Ele veio para cá desde Barretos, São Paulo. Em 1941, nós chegamos aqui. Morávamos nas três casas amarelas que tinha lá dentro. Seu Romano, Seu Arnaldo e nós.. A única coisa que eles tinham eram as três casas, que eram deles. Depois, desmancharam tudo, quando o pessoal foi saindo. Papai se aposentou, em seguida morreu. Seu Romano também morreu. Eles desmancharam as casas.*

Acrescenta-se outro fator relevante no caso específico de Pelotas, o de que já existia uma mão-de-obra oriunda das charqueadas, portanto, com experiência em abate, e que moravam na periferia<sup>14</sup> da cidade. Relatando sobre o funcionamento do Frigorífico em Pelotas, o Sr. Cunningham ressaltou a eficiência de trabalho da empresa e fez referências ao motivo pelo qual não havia sido preciso construir *colônias* para os trabalhadores:

*A coisa era muito eficiente. Por outro lado, não se deixava de pagar nenhum benefício para ninguém. Quando ninguém tinha vestiários, os trabalhadores do Anglo tinham. Quando ninguém tinha refeitório, eles já tinham refeitório. Banho quente, todas estas coisas. Isso vinha lá de longe... Antes de fazer colônias, para as pessoas morar. Aqui em Pelotas, não precisava fazer colônias. **Em Pelotas, eles não fizeram colônias**, não precisou, porque aqui já tinha a mão-de-obra. Não precisava buscar em outros lugares. E não vamos esquecer que Pelotas tinha uma tradição de carne. Não vamos esquecer disto.*

---

<sup>14</sup>Entre os trabalhadores entrevistados, encontra-se o Sr. Vildeman Garcez, que nasceu, criou-se, casou-se e criou filhos morando na zona do Areal, próxima do Arroio Pelotas. Tanto o Sr. Vildeman, como os outros trabalhadores entrevistados, enfatizaram a presença de empregados que atravessavam a cidade de bonde, vindos de vários bairros, para trabalharem no Anglo.

Perguntado sobre como era a área próxima ao Frigorífico e como se formara o Bairro da Balsa, o Sr. Cunningham, contou que:

*Quando vim para cá, em 1960, ali na Balsa, não tinha nada. Terminava a cidade e começava o Frigorífico. E aquele pessoal que foi morar lá na Balsa, perto do Frigorífico, foi por causa da conveniência de estar pertinho da fábrica. O Frigorífico, normalmente, trabalha dezoto horas por dia. Na verdade, trabalhava vinte e quatro horas por dia, mas forte mesmo trabalhava umas dezoto horas por dia. O fato de alguns deles morarem nas Três Vendas e no Areal não dificultava o funcionamento do Frigorífico, atrapalhava para eles. Mas tinha gente suficiente ali na volta. Na volta, todo mundo trabalhava no Frigorífico. Na Balsa, na faixa, como chamavam a rua Tiradentes.<sup>15</sup>*

Nessa perspectiva de análise, pode-se inferir que a questão do período histórico de instalação do Frigorífico Anglo em Pelotas, bem como a mão-de-obra abundante na cidade foram decisivas para a não-construção de moradias para os trabalhadores.

### 3.1 Antecedentes da área do Bairro da Balsa

Para se reconstruir a história da formação do Bairro da Balsa encontraram-se dificuldades relacionadas às fontes escritas. Sendo essa uma área de posseiros, não se localizaram os registros dos terrenos, através dos quais se poderiam identificar o tempo e a forma de ocupação do Bairro.<sup>16</sup> Em consulta ao Departamento de Habitação Popular da Prefeitura Municipal de Pelotas, localizou-se o mapa de um loteamento do Sindicato Moreira, datado de 1898, que correspondia a toda a área

<sup>15</sup>Sr. Cunningham. Entrevista concedida em três de junho de 1998.

<sup>16</sup>A Prefeitura Municipal de Pelotas realizou, através do Departamento de Habitação Popular, um levantamento naquela área no ano de 1992. Esse levantamento contemplou apenas dados referentes aos moradores daquela época uma vez que o seu objetivo era o de regularizar a situação relacionada ao pagamento dos impostos territorial e predial.

da Várzea. No Serviço de Patrimônio Imobiliário da Prefeitura Municipal de Pelotas,<sup>17</sup> soube-se que a Prefeitura adquiriu alguns terrenos desse loteamento e que, mais tarde, vendeu uma parte ao Frigorífico Anglo, tendo sido o restante, com o tempo, dividido entre proprietários que compraram lotes - Bairro da Várzea - e os posseiros que construíram o Bairro da Balsa. Em função dessas dificuldades encontradas com relação às fontes escritas, este capítulo será baseado nos depoimentos de alguns moradores do Bairro, fazendo-se uso, também, dos três planos diretores de Pelotas.<sup>18</sup>

No ano de 1924, foi elaborado um projeto de Plano Diretor para Pelotas, que visava a disciplinar o crescimento urbano da cidade. O documento foi publicado, na íntegra, no *Diário Popular*, de 20 de abril de 1924, sob o título de *Plano Geral de Pelotas*. Esse plano nunca foi executado. Em 1947, apresentou-se um novo Plano Diretor, que foi utilizado como diretriz para projetos de expansão da rede de água e esgoto pelo Serviço de Água e Esgoto até 1967, quando, então, saiu o Plano Diretor que vigora, atualmente, em Pelotas.

Apesar de nunca ter sido executado, o Plano Diretor de Pelotas publicado em 1924 permite perceberem-se alguns aspectos relacionados à industrialização e à urbanização da cidade naquela época. Nesse Plano, consta o projeto do arquiteto Fernando Rullmam, que previa a construção de um centro industrial na zona da Várzea, escolha essa assim justificada: *esta área possui estrada de ferro, é anexa ao porto e devido sua localização, que impede o vento de levar as fumaças e fuligem para o centro da cidade*. O projeto justifica a importância dessa zona devido à existência do Frigorífico, à margem do São Gonçalo, assim como de várias

---

<sup>17</sup>O funcionário responsável por esse setor em 1996, Dr. Rosado, mostrou o mapa do loteamento e o registro de compra e venda do terreno para o Frigorífico Anglo. A respectiva escritura foi registrada no 2º Registro de Imóveis, em 1952, no Livro 3 N, fls. 241, sob o nº 16920.

<sup>18</sup>O primeiro Plano Diretor de Pelotas data de 1924 e jamais foi publicado, encontrando-se registrado apenas no *Diário Popular*, de 20 de abril de 1924; o segundo, em forma de livro, encontra-se na sala João Simões Lopes Neto, da Biblioteca Pública Pelotense. O terceiro foi editado em livro e encontra-se no Museu da Biblioteca Pública Pelotense.

charqueadas. Propõe ainda a construção de um centro de habitação operária, que seria anexo ao centro industrial.

Na publicação *Saneamento de Pelotas (Novos estudos)*, de 1947-50,<sup>19</sup> também encontra-se referência a esse projeto de 1924, de autoria do arquiteto Fernando Rullmam, para a construção do centro industrial na zona da Várzea. O projeto previa, também, *que na Várzea, na parte ainda não habitada, poderá ser organizado um bairro popular*. Esses documentos demonstram que, em 1950, a zona da Várzea, em Pelotas, onde se localiza, atualmente, o Bairro da Balsa, era uma área que, apesar de constar nos projetos urbanísticos, continuava pouca habitada.

Essas evidências da ocupação incipiente da área, recuperadas nesses documentos, analisados, foi confirmada pelos depoimentos dos moradores.<sup>20</sup> Dos entrevistados, quatro informaram que residiam no bairro desde 1941, três, desde 1948 e dois desde 1950. Os quatro entrevistados restantes relataram ter chegado entre 1950 e 1960.<sup>21</sup> Sobre a situação da área à época em que lá foram morar, os entrevistados, unânimes, responderam:

*Era quase tudo um banhado. Tinha apenas umas seis casas na Paulo Guilayn. O galpão da Prefeitura Municipal onde ficava o asseio público e guardavam as carroças e os burros. Depois, o acampamento do Departamento Autônomo de Estradas e Rodagens (DAER), onde moravam os trabalhadores que cuidavam da balsa que fazia travessia Pelotas-Rio Grande.*<sup>22</sup>

O Sr. João Islabão relatou que, no banhado da Rua Paulo Guilayn, havia até peixes, o que foi confirmado por outros entrevistados. O Sr. Osni referiu-se

<sup>19</sup>*Saneamento de Pelotas, (novos estudos). Relatórios de projetos*. Pelotas: Of. graf. da Livraria do Globo, 1947-50. p.41-42.

<sup>20</sup>Foram realizadas quinze entrevistas com ex-trabalhadores do Frigorífico, sendo que, dessas, apenas o Sr. Vildeman e o Sr. Sebastião não haviam sido moradores da Balsa. Não foram computadas aqui as outras três entrevistas dos ex-gerentes do Frigorífico.

<sup>21</sup>Salienta-se que esses dados referem-se apenas aos moradores entrevistados, e não a todos os ocupantes antigos da área.

<sup>22</sup>D. Cleni. Entrevista concedida em fevereiro de 1998.

à existência da *Tarran*, uma ave atualmente em extinção, que vive em áreas alagadiças, como os banhados. O Sr. Osni, relatou ter marcado em suas lembranças um fato que ocorria com frequência naquele tempo: o disparo de bois bravos. Contou ele, que o gado que vinha para o Frigorífico, muitas vezes, era trazido por tropeiros, pela Estrada do Engenho, e tinha de atravessar aquele terreno, quase sem casas. Ocorria que, quando havia bois bravos e estes escapavam, os animais corriam pela área, chegando, várias vezes, a invadir as casas que existiam ali. Segundo o relato, apesar do perigo, *era uma aventura bonita de se ver*.

Cabe, ainda, registrarem-se os depoimentos de outros moradores, que descreveram a situação da área quando lá foram morar, como o Sr. Virgílio, que trabalhou quatorze anos no Frigorífico:

*Vim morar no bairro quando casei, em 1962. Numa casa construída nos fundos da casa do sogro. A situação do bairro, nessa época, era muito precária. Havia, na realidade, poucas casas, talvez umas seis, e só existia a rua Paulo Guilayn. O resto, pode-se dizer, era tudo uma lagoa, cheia de água. Nesta rua, existia apenas as casas dos trabalhadores do DAER, que trabalhavam na Balsa. Não havia posto de saúde, e só a escola existia. O aterro das ruas foi feito pelos moradores com lixo, casca de arroz e, por último, aterro. Alguns moradores construíram suas casas em cima de varas de eucalipto, dentro da água, e só com o tempo aterravam seus terrenos (Virgílio).*

O depoimento de D. Cleni é fundamental, pois, apesar de não ter trabalhado no Frigorífico, ela reside no Bairro desde 1948, quando seu pai, então funcionário do Departamento Autônomo de Estradas e Rodagens, foi transferido para atuar na barca que fazia a travessia do canal São Gonçalo:

*Vim morar no Bairro em 1948, porque meu pai foi transferido para cá. Ele era funcionário público do DAER e veio trabalhar na Balsa. Havia apenas esta rua (Paulo Guilayn), com cinco ou seis casas, mas o Frigorífico já funcionava. Nossa casa era do*

*DAER. Além desta rua, o resto era tudo banhado. Lá atrás, eram os campos, onde ficavam os burros das carroças que carregavam os cubos, que eram despejados do outro lado do arroio. Isto aqui tinha tanta mosca, que é impossível imaginar. Dizem que foi o pessoal do Frigorífico que conseguiu acabar com as moscas. Aos poucos, foram chegando os trabalhadores e aterrando o banhado para fazerem suas casas (D. Cleni).*

O Sr. Sílvio Cavalheiro relatou sobre a situação da área com muita autoridade, já que o seu pai também havia sido funcionário público da Prefeitura Municipal de Pelotas, trabalhando no asseio público, e foi um dos empregados que chegaram a morar no galpão da Prefeitura:

*Vim morar no Bairro em 1948, em um prédio que a Prefeitura fez para os funcionários. Meu pai era funcionário. Aqui onde tem minha casa, não tinha nada, era só campo, um banhado. O único prédio que tinha aqui era o da escola Ferreira Viana. Esse prédio da Prefeitura, que o pessoal arrumou, era uma espécie de galpão. Arrumaram umas peças para os funcionários morar no depósito onde botavam os produtos inflamáveis da Prefeitura e onde era o potreiro dos burros, que faziam a limpeza pública (seu Sílvio).*

De igual importância, é o relato do Sr. Hugo, que trabalhou como chefe das câmaras frias no Frigorífico durante trinta e dois anos, tendo ido residir no Bairro em 1956:

*Quando eu vim morar no bairro, aqui onde hoje é minha casa, era um banhado. Fomos nós mesmo que aterramos. Cada um comprava o seu aterro. O meu guri trabalhava de motorista no Anglo e trazia todo aterro que eles não queriam mais para cá. Estas árvores e flores que têm aí na frente fomos nós que plantamos [refere-se à uma pequena praça] (Sr. Hugo Huckembeck).*

Esses depoimentos reforçam a idéia de que a área onde, atualmente, se localiza o Bairro da Balsa, em Pelotas, era um grande banhado, o qual foi, aos

poucos, sendo ocupado pelos trabalhadores, a maioria deles do Frigorífico Anglo. Além do banhado, que, ainda hoje, ocupa uma pequena extensão do bairro, havia também um prédio de propriedade da Prefeitura Municipal de Pelotas, onde se guardavam as carroças e burros que faziam o asseio público da cidade, num sistema de cubos popularmente mais conhecidos por *cabungos*.<sup>23</sup> Nota-se, igualmente, conforme já registrado neste estudo, a presença de um pequeno grupo de funcionários públicos estaduais, a serviço do Departamento Autônomo de Estradas e Rodagens,<sup>24</sup> que trabalhavam na balsa que fazia a travessia Pelotas-Rio Grande até 1962, quando então foi inaugurada a ponte do São Gonçalo.

### 3.2 O banhado transforma-se: com a participação do Frigorífico?

Passeando pelo Bairro da Balsa, percebe-se que sua configuração espacial, ainda hoje, não se encontra muito bem definida. Apesar de o bairro situar-se em terreno topográfico não muito diferente daquele do restante da cidade, ou seja, quase plano, suas ruas não apresentam um limite definido que possa ser assimilado logo numa primeira visita.

Em que pese ser um dos tantos loteamentos periféricos da cidade de Pelotas, esse bairro é ainda relativamente novo, ao ponto de não ser nomeado como

---

<sup>23</sup>Os moradores costumavam denominar *cabungos* os cubos que retiravam os dejetos da cidade. Esse serviço funcionou, em Pelotas, até o ano de 1972, quando então foi definitivamente abolido, conforme apontado por relato encontrado no *Histórico do Saneamento de Pelotas: 1850-1992*, no qual consta o seguinte, na página 76: “O relatório de 1972 informa que em fins deste ano, foi retirado definitivamente os serviços de fossas móveis, ou seja, mais de treze mil cubos retirados sendo extinguido este arcaico serviço de saneamento”.

<sup>24</sup>Entre esses funcionários, entrevistamos a D. Cleni, cujo pai trabalhava para o DAER e o Sr. Osni, cuja profissão era *motorista marítimo*, ou seja, condutor da barca que fazia o percurso Pelotas-Rio Grande.

Bairro da Balsa nem pela Companhia Telefônica, nem pela Companhia Estadual de Energia Elétrica. Além disso, ambas as companhias divergem quanto à localização do bairro, referindo-se a algumas de suas ruas como pertencente ao Bairro Navegantes e a outras como ao Bairro Nossa Senhora de Fátima.<sup>25</sup> Além disso, a Rua Pedro Osório de Brito, tendo recebido esse nome há pouco tempo, por decisão dos moradores, em homenagem ao primeiro morador do local, ainda é referida pela Companhia Estadual de Energia Elétrica, como *Corredor do Anglo*, denominação essa através da qual, sempre foi popularmente conhecida e que ainda aparece como nas contas de luz emitidas pela Companhia.

O Bairro da Balsa situa-se em uma região relativamente próxima ao centro da cidade, pertencendo à zona historicamente conhecida como Zona da Várzea. Sua Rua principal, a Paulo Guilayn, corta o loteamento, em curva, sendo circundada por muitas travessas, identificadas por números ordinais crescentes, e cortada, na transversal, pela Rua João Thomas Munhoz. A Rua Paulo Guilayn, é paralela à Rua Tiradentes,<sup>26</sup> que atravessa, literalmente, de uma ponta a outra, o centro de Pelotas. Paulo Guilayn era o nome do antigo proprietário do Matadouro Pelotense, que funcionava naquele espaço na década de 1950 até 1960, quando então a empresa foi incorporada pela Prefeitura Municipal de Pelotas.

A transformação do grande banhado em espaço habitado começou a ocorrer nos anos finais da década de 1940. Sua ocupação definitiva deu-se na década de 1950, e, a partir daí, sua configuração espacial foi se definindo, mas, ainda

---

<sup>25</sup>Bairros limítrofes ao Bairro da Balsa, que, do mesmo modo, não tem, historicamente, seus limites definidos, sendo que o Navegantes, como a Balsa também é um bairro de posseiros. O Navegantes diferencia-se do Bairro da Balsa por ter se constituído mais recentemente, na década de 1980, e também por ter sido organizado pelo Poder Público Municipal.

<sup>26</sup>A rua Tiradentes inicia-se na margem do canal São Gonçalo e termina na Rua Clóvis Beviláqua, localizada no Bairro Simões Lopes. A Rua Paulo Guilayn na lista telefônica da cidade, encontra-se como pertencente ao Bairro Nossa Senhora de Fátima.

quando da realização desta pesquisa, ainda se encontravam pessoas demarcando as áreas que restavam, para construir suas casas.<sup>27</sup>

Em 1959, ano em que a cidade de Pelotas foi de abril a dezembro, inundada pelas águas das chuvas incessantes, conforme estudo apresentado no terceiro capítulo deste trabalho, e que a discussão sobre a canalização da zona da Várzea era muito presente,<sup>28</sup> encontram-se, no jornal *A Opinião Pública*, referências ao crescimento da cidade e à transformação urbana que ocorria acentuadamente. Esse jornal registra que havia ocorrido um aumento considerável da população e que, em dez anos, haviam-se construído oitenta vilas periféricas, conforme texto publicado:

*Os habitantes aumentam. A cidade cresce. O número de casas eleva-se. No centro da cidade, as casas vão se sobrepondo - nascem edifícios. Nos arrabaldes elas aparecem uma a uma. Em pouco já é um novo povoado, uma nova vila, um novo bairro. Para analisarmos o aumento de vilas verificado nos últimos tempos, faremos uma comparação entre as existentes em 1949, ou seja há dez anos, e as existentes agora, em 1959. Em 1949 havia 22 vilas. Passados dez anos, e examinando os dados estatísticos fornecidos pelo Departamento de Obras da Prefeitura, nos surpreendemos com o grande acréscimo sofrido. Pelotas, em 1959 possui mais de uma centena de vilas, entre as plantas executadas e as aprovadas. Deverá possuir, dentro em breve, 102 vilas precisamente. Como se pode reparar facilmente é um número astronômico, que no correr dos anos deverá subir ainda mais.<sup>29</sup>*

A imprensa local, provavelmente, não computava, dentre aqueles aglomerados que elevavam o número de vilas na periferia da cidade, o Bairro da

<sup>27</sup>Em uma das visitas ao bairro, no ano de 1999, presenciou-se a organização de algumas pessoas para ocuparem uma parte do terreno que pertencia ao Frigorífico Anglo, a fim de construir suas moradias.

<sup>28</sup>O jornal *A Opinião Pública*, no dia 16 de setembro, publicou a entrevista concedida pelo Dr. Leopoldino Aguiar Borges, chefe da Turma Técnica do Rio Grande do Sul, do Departamento Nacional de Obras e Saneamento, quando da sua visita a Pelotas, para resolver o problema das cheias na zona da Várzea. O texto tem o seguinte teor: “*O problema da zona leste de Pelotas só será resolvido da seguinte maneira: além do dique já existente, instalar-se duas bombas, respectivamente, no arroio Pepino, perto do Frigorífico, e outra perto da balsa. A primeira tirará a água do Pepino e, a segunda, escoará aquela de dentro do dique de proteção*”.

<sup>29</sup>*A Opinião Pública*, Pelotas, 14 jul. 1959.

Balsa, cuja formação já estava ocorrendo naquele período. Tal possibilidade respalda-se em pesquisa realizada em documentos do Departamento de Obras da Prefeitura Municipal de Pelotas, o qual, até a época da realização deste estudo, não possuía o registro da data de construção das moradias do Bairro da Balsa.

O processo de transformação do banhado da Rua Paulo Guilayn, nas décadas de 1950-60, em um populoso bairro periférico de Pelotas pode ser percebido nos relatos de moradores, que referiram acerca do modo de ocupação daquele espaço:

*Isso aqui foi o seguinte: o pessoal foi melhorando de vida, e quiseram separar do barracão. Mas acho que foi o administrador daqui que permitiu que fossem fazendo as casas. Cada um foi fazendo um chalé. Mais tarde, foi chegando outro pessoal para trabalhar no Frigorífico. Vinha muita gente da campanha, da colônia, vinha muita gente, e aí foi se formando o bairro (seu Sílvio).*

*Aqui quem fez foi o falecido Raimundo. Era vereador. e administrador aqui da Balsa. Como esse não vai haver outro. Os moradores foram se organizando e tomando posse. Mas, depois, o Raimundo fez as ruazinhas, começou a fazer o loteamento e dar para o pessoal. Daqui para baixo do corredor do Anglo, todo mundo é posseiro. Agora, alguns têm inscrição do IPTU, mas a maioria não tem nada, só paga água e luz. Os ingleses não tinham nada aqui. Só tinham as três casas que era deles. Depois que o pessoal foi saindo, eles desmancharam tudo. Meu pai se aposentou e logo faleceu. Seu Romano também morreu. Aí, os ingleses desmancharam as casas que eram dos chefes do Anglo (seu Jacó Moreira).<sup>30</sup>*

*Já em 1960, começaram a fazer casas na Balsa. Tudo era posseiro. Quando eu conheci aquilo lá, era zero. Depois, começaram a aterrar, até com casca de arroz, e foram fazendo as casinhas. Hoje, lá está cheio de casas. Não houve uma coordenação, nada. A prefeitura deixou fazer, como ainda deixam. A cidade está cheia de posseiros (seu Vildeman).*

---

<sup>30</sup>Seu Jacó era filho de um dos mecânicos do Frigorífico que veio de Barretos para Pelotas e que morou em uma das casas construídas dentro do pátio do Frigorífico.

Dois aspectos chamam a atenção nesses relatos. O primeiro, é que eles reforçam a hipótese do modo como se deu a transformação do banhado da Paulo Guilayn. A área foi tomada por trabalhadores nas décadas de 1950-60, que, desorganizadamente, foram demarcando seus espaços e construindo moradias, próximas ao seu local de trabalho. O segundo aspecto relaciona-se ao poder público municipal, que, embora fosse conhecedor da tomada de posse dos terrenos pelos trabalhadores, já que havia, de certa forma, para tanta, a colaboração do próprio administrador, não se manifestou nem para proceder à organização das ruas, fazendo *vistas grossas* à forma como aquela área estava sendo ocupada.

Com relação ao Frigorífico Anglo, pode-se constatar que, ainda que ele tenha permitido aos trabalhadores utilizarem o aterro que sobrava nas suas dependências, a empresa também não interferiu, diretamente, na organização urbana da área, que estava muito próxima de suas instalações. A atitude dos dirigentes ingleses do Frigorífico diante do processo de ocupação do Bairro da Balsa pode ser definida como de indiferença. Para eles, parece que tanto fazia haver uma área de banhado ou um núcleo habitacional defronte a sua indústria. Essa atitude de indiferença por parte dos dirigentes ingleses pode ser verificada em alguns relatos, quando os trabalhadores discorrem a cerca do envolvimento ou não daqueles estrangeiros com os moradores do Bairro:

*Não se envolviam. Eles eram muito quietos, não conversavam muito. Não gostavam das moradias em volta da fábrica. Para eles, o problema era a sujeira., pois, onde se juntam muitas pessoas morando, assim, precariamente, já se sabe o que acontece. Sujeira, ratos, moscas... Então, para a fábrica, era ruim isso. Mas, assim mesmo, não se envolviam. Eles queriam a fábrica funcionando e só (seu Vildeman).*

*Os ingleses eram lá, e os moradores, aqui. A única força que eles davam era o emprego. Dando o emprego, já era uma força. O pessoal do bairro não precisa ter relações com eles. Eles têm que dar emprego para o pessoal trabalhar. Trabalho é a maior força que tem. O emprego. Não tendo emprego, não adianta ter nenhuma relação (Sr. João).*

Inara, filha do Sr. Hugo, nasceu e se criou na casa que o pai construiu no Bairro da Balsa. Formada em Arquitetura pela Universidade Federal de Pelotas, estava presente durante a entrevista que o pai concedeu em fevereiro de 1998. Quando o Sr. Hugo foi interpelado acerca das relações dos dirigentes do Frigorífico com os moradores do Bairro da Balsa, ela não se conteve e interveio, respondendo:

*O Anglo tinha água, luz, toda infra-estrutura, mas não passava para o lado de cá. A infra-estrutura do Anglo era via Tiradentes. Atravessava o bairro. Mas era tudo separado. Tinham gerador próprio, que, uma vez, chegaram a pôr à disposição da cidade. Eles só não gastavam luz própria, porque eram obrigados a utilizar a da Light. Se tivessem se envolvido, com certeza, a situação dos moradores poderia ser bem melhor (Inara).*

Essa aparente indiferença pelos dirigentes do Frigorífico diante da ocupação do Bairro da Balsa, como se observou, pode ser analisada, à luz da teoria, pelo fato de que, naquele período de desenvolvimento capitalista, os patrões da indústria, no País, estavam liberados da preocupação com a questão da moradia de seus trabalhadores. Os depoimentos demonstram dois aspectos que apontam nessa direção. O primeiro deles está presente na intervenção de Inara, que reclamou do fato de os ingleses do Anglo não terem se preocupado com os moradores da Balsa. Na concepção da moça, se isso tivesse ocorrido, a situação dos moradores poderia ser bem melhor, já que os empresários tinham condições e infra-estrutura para tal. Parece que, nessa concepção, estava presente o desejo de que os ingleses tivessem assumido uma posição *paternalista*<sup>31</sup> com relação aos trabalhadores. O segundo aspecto evidencia-se no relato do Sr. João, que ressalta a importância do trabalho como meio para se satisfazerem todas as necessidades humanas. Para esse entrevistado, os

---

<sup>31</sup>Sobre a questão do paternalismo, ver, entre outras a obra de: THOMPSON, E. P. *Tradicón, revuolta y consciéncia de Clase*. Estudios sobre la crisis de la sociedad pré industrial. Grijalbo: Barcelona, 1979.

ingleses do Frigorífico não precisariam ter tomado conhecimento dos moradores do Bairro da Balsa; bastava-lhe que os empresários tivessem mantidos os empregos.

Duas visões diferentes, resgatadas da memória de testemunhas que vivenciaram essa fase de ocupação do Bairro, levam a se ponderar sobre as dificuldades que surgem no convívio entre as pessoas, sobretudo quando há relações de trabalho envolvidas, nas quais os limites entre cooptação e colaboração, geralmente, são muito elásticos para serem compreendidos e bem administrados por aqueles diretamente envolvidos. Essas visões levam a se refletir, também, sobre as diferentes lembranças que são capturadas de fatos passados, as quais podem, às vezes, transformarem-se em verdades absolutas, quando, invariavelmente elas são relativas.

### **3.3 De onde vieram os trabalhadores do Frigorífico que ocuparam o Bairro da Balsa**

O Bairro da Balsa foi, efetivamente, ocupado durante as décadas de 1950-60, sendo que quase a totalidade de seus moradores trabalhavam ou vieram para trabalhar no Frigorífico Anglo, como demonstram os depoimentos a seguir:

*Acredito que o Frigorífico contribuiu muito na formação do bairro, pois quase 80% dos moradores daqui eram operários do Anglo (Seu Virgílio, trabalhador do Anglo durante quatorze anos e fundador da Associação de Moradores da Balsa).*

*Eu entendo que o Frigorífico ajudou na construção do bairro porque a maioria dos moradores eram funcionários do Frigorífico. Naquele tempo, também tinha a fábrica de tecidos; a cervejaria; o Moinho Pelotense; a SUDESUL; o matador... Naquele tempo, não era essa pobreza e falta de emprego que é agora. O Frigorífico deixou muita gente desempregada. Eles fazem muita falta. Havia muita fartura com eles (D. Cleni,*

costureira, moradora do Bairro desde 1948, fundadora da Associação de Moradores da Balsa).

*Como eu já disse, contribuiu indiretamente. Diretamente não houve contribuição nenhuma. Na medida em que o pessoal vinha trabalhar no Frigorífico, arrumava um terreno aqui com os políticos e fazia sua casinha. Foi dessa maneira que o Frigorífico contribuiu, indiretamente, com o emprego (Seu Sílvio, mecânico do Anglo durante 29 anos, tendo indo trabalhar com a Companhia em Goiânia. Morador do Bairro desde 1948 e fundador da Associação de Moradores da Balsa).*

*O Frigorífico teve 90% de contribuição. Os outros moradores daqui eram empregados da Prefeitura, e sabe como é, empregado pequeno da Prefeitura não tem posses. Todo mundo aqui trabalhou no Anglo. Quem não trabalhou, os pais trabalharam. Aqui no Fátima, na Ambrósio Perret, tudo era Anglo. Na hora da saída do serviço, tudo ficava branco, com os trabalhadores do Anglo, saindo de uniforme. Estou te dizendo que 90% do bairro foi contribuição do Anglo. Ah! se o Anglo tivesse funcionando... (Seu João, eletricitista do Anglo, por dezesseis anos, morador no Bairro desde 1956 e fundador da Associação).*

Um grande número de trabalhadores do Frigorífico<sup>32</sup> eram moradores do Bairro da Balsa. No entanto, é pertinente perguntar-se acerca da origem de todos esses trabalhadores, especificamente aqueles que ocuparam o bairro.<sup>33</sup> Muitos deles eram naturais de Pelotas e iam morar no Bairro da Balsa para ficarem mais próximo ao local de trabalho; porém a grande maioria era de fora, tendo se mudado para a cidade com a perspectiva de um emprego mais estável no Frigorífico. Nos relatos dos trabalhadores, percebe-se que a mudança definitiva fazia-se na medida em que eles iam efetivando-se no trabalho do Frigorífico. Esse processo deixa transparecer que, em algum momento, houve um trabalho de safrista, que mantinha muitos trabalhadores na sua região de origem.<sup>34</sup> Como exemplo, tem-se o caso do Sr.

<sup>32</sup>O Frigorífico empregava uma média de 1000 a 1500 trabalhadores. Se 80% deles eram também moradores do Bairro da Balsa, pode-se considerar que esses 800 ou 1200 trabalhadores já consistiam um número expressivo, o suficiente para ocuparem uma área e construírem um núcleo habitacional.

<sup>33</sup>Sabe-se que alguns trabalhadores do Frigorífico não moraram jamais no Bairro da Balsa e residiam em outros bairros de Pelotas. É o caso do Sr. Vildeman e do Sr. Sebastião, apenas citando os trabalhadores que concederam entrevistas para esta pesquisa.

<sup>34</sup>Sobre a especificidade do operariado gaúcho e o trabalho sazonal, Pesavento chama a atenção para o tipo de operário que trabalhava nas indústrias das zonas coloniais, colocando que: *A rigor, ele não é um despossuído completo, uma vez que mantém uma vinculação com a terra. Tem-se pois, o caso de um proletariado que conta ainda com um elemento de garantia mínima de suas condições de*

Alberto, que era mecânico de máquinas e que, no período de 1968 a 1985, vinha para a cidade a fim de trabalhar como safrista no Frigorífico. Neste último ano, ele foi efetivado como mecânico e então mudou-se definitivamente para o Bairro da Balsa.<sup>35</sup>

Pode-se inferir que a maioria dos moradores do Bairro da Balsa fixaram residência naquele local em função do emprego, que, nas décadas de 50-60, era oferecido, basicamente, pelo Frigorífico Anglo, com menor participação do Porto de Pelotas e de outras indústrias que funcionavam próximas àquela área.<sup>36</sup> Esses moradores eram oriundos ou da zona colonial da cidade, ou das regiões próximas a ela, como Canguçu, Piratini, Jaguarão, Arroio Grande.

No Plano Diretor de Pelotas,<sup>37</sup> encontram-se dados significativos com relação à migração de pessoas da zona rural e dos municípios vizinhos para Pelotas, na década de 1960. No referido documento, consta que Pelotas tornou-se entre 1950-60, um pólo de atração para as populações migrantes da região, absorvendo 68,18 % desse contingente, conforme texto a seguir:

*Centro polarizador de uma região, Pelotas funciona como ímã para a população dessa mesma região. Embora divida com Rio Grande a posição de pólo regional, no setor de migrações, Pelotas exerce maior atração sobre as populações, como bem demonstram os dados referentes ao crescimento populacional entre 1950-60, que registram 24,521 e 10.144 imigrantes respectivamente.*<sup>38</sup>

---

*subsistência, que é o lote de terra familiar, embora o cultivo desse lote se mostre insuficiente.* PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Os industriais da República*. Porto Alegre: IEL, 1991. p.48. Embora a autora refira-se ao trabalhador da zona colonial do Rio Grande do Sul, esse trabalhador não-despossuído completamente esteve presente, também, no trabalho sazonal do Frigorífico Anglo de Pelotas.

<sup>35</sup> Sr. Alberto. Entrevista concedida à autora em setembro de 1995.

<sup>36</sup> O Sr. João Islabão foi um dos entrevistados que relatou sobre a abundância de emprego naquele período: “Naquele tempo, tinha serviço. Tudo funcionava. A fábrica de Tecidos, o Porto, o Engenho, o Moinho Pelotense, a Lorea. Tinha muito serviço aqui”.

<sup>37</sup> *Plano Diretor de Pelotas*. Pelotas, julho de 1967. p.22.

<sup>38</sup> *Plano Diretor de Pelotas*. Pelotas julho de 1967. p.23.

Na análise do Plano Diretor, merece atenção o comportamento da população migrante da cidade de Canguçu para Pelotas, que, sozinha, representava 42,5% da contribuição de toda região para o crescimento demográfico urbano de Pelotas. Nos depoimentos dos trabalhadores, evidencia-se a sua origem migratória, como se verifica em alguns deles:

*Vim, com meu pai, em 1948 de Jaguarão. Meu pai veio trabalhar no Frigorífico Anglo (seu Onofre Miranda, 60 anos).*

*Eu não sou de Pelotas. Já fiz por Pelotas o que muito pelotense não fez, mas eu sou de Canguçu (João Islabão, 69 anos).*

*O bairro aqui se formou por causa do Anglo. Eu mesmo trouxe pessoal para trabalhar no Frigorífico. Pessoal de Pedro Osório, Piratini, Canguçu. Eu era chefe das câmaras frias e fui trazendo este pessoal para cá. Estão todos morando aqui, criando família... (seu Hugo, 67 anos).*

*Seu Moreira, meu pai, era chefe da mecânica da oficina. Ele veio com o Frigorífico desde Barretos, São Paulo, em 1941. Nós chegamos aqui e fomos morar nas três casas amarelas que tinha lá dentro (seu Jacó, 58 anos).*

*Vim com minha família em 1940. Minha família era do município de Arroio Grande (Sr. Osni, 71 anos).*

*Meus pais eram de Canguçu. Viemos para cá em 1957 (Sr. Reni, 56 anos).*

### **3.4 As conquistas dos moradores do Bairro da Balsa.**

Procurou-se, até agora, analisar o processo de ocupação do Bairro da Balsa e as reais ligações desse processo com o desenvolvimento do Frigorífico Anglo

em Pelotas. Apresentou-se uma reflexão teórica acerca da urbanização e industrialização daquela área, da situação geográfica do espaço do Balsa, da sua história de ocupação e transformação e da trajetória dos trabalhadores do Frigorífico, que foram residir naquele bairro. Chegou-se à conclusão de que os dirigentes do Frigorífico não planejaram a construção do Bairro da Balsa e que mantiveram, com os moradores daquele local, apenas uma política civilizada de vizinhança, a qual poderia, até certo ponto, ser confundida com indiferença.

Se a atitude dos dirigentes do Frigorífico para com os moradores do Bairro da Balsa foi de indiferença, os moradores, por sua vez, também se despreocuparam com a ostentação do poder econômico do complexo industrial e ocuparam, com suas modestas moradias, o espaço ao redor dele. Com a ajuda de um ou outro administrador municipal, foram demarcando suas posses, aterrando-as e construindo suas casas, conforme suas condições de trabalhadores assim o permitiam. Após a ocupação do espaço e a construção de suas moradias, os trabalhadores viram-se diante de outros problemas, como a falta de água potável, de esgotos, de energia elétrica e transporte coletivo, entre outros. Então, juntos, iniciaram as negociações junto aos poderes responsáveis pela solução desses problemas. Essa história da organização dos moradores, na tentativa de resolução de seus problemas, será, agora abordada nesta seção.

Para resolverem os problemas relacionados à falta de água potável e energia elétrica, os moradores da Rua Paulo Guilayn criaram a Associação dos Amigos da Balsa, em 1969, a qual, segundo relato do seu João, foi a segunda associação de moradores de Pelotas.<sup>39</sup>

---

<sup>39</sup>Em entrevista concedida à autora, o Sr. João Islabão relatou que a primeira associação de moradores foi a do Bairro Simões Lopes, a segunda, a da Balsa, e a terceira, a do Bairro Fragata.

Essa associação evoluiu, promovendo a organização dos moradores e possibilitando sua atuação nas áreas social, médica e de lazer, conforme se pode perceber através dos relatos a seguir:

*Tudo o que temos no bairro deve-se à nossa organização. Fizemos uma associação e, através de abaixo-assinados, festas e reuniões conseguimos o pouco que temos referente a esgoto, bicas de água. A Associação tinha médico e enfermeira. Hoje, não funciona mais, é só fantasia (Sr. Virgílio).*

*Foi através da Associação que nós fundamos, que conseguimos as poucas coisas que temos. Os ingleses nunca se envolveram, e a prefeitura pouco fez. Tanto um como o outro foram nos deixando fazer. A luz, aqui em casa, foi eu e mais cinco moradores que pagamos para ligarem a rede. A água veio depois de abaixo-assinados e, assim mesmo, no início, apenas algumas bicas na rua (D. Cleni).*

*O pessoal que morava aqui se organizava. Para instalarem a água nesta travessa, o meu pai lutou muito. Tanto foi que, um dia eles instalaram a água. Mas era uma bica no meio da quadra, e tinha outra lá embaixo. Os moradores foram se organizando, exigindo, através da Associação... (seu Reni).*

Ilustrativo e rico em detalhes foi o depoimento do Sr. João Islabão, quanto às formas utilizadas para se conseguir a instalação de água e luz em uma parte da Rua Paulo Guilayn e adjacências:

*Quando eu vim para cá, não tinha luz. O pessoal daqui disse que ia na usina e não adiantava. Então, eu disse para o pessoal: eu conheço o engenheiro lá, vou falar com ele e ver o que acontece. Fui lá e falei com o engenheiro. Ele mandou procurar o Sr. Germano, que era o chefe da rede, e pedir para ele fazer a medição da área. No outro dia, o Sr. Germano foi lá e mediu do Matadouro Pelotense até minha casa. Mandou que eu fosse no outro dia de manhã ver o orçamento. No outro dia, fui lá, peguei o orçamento e trouxe para o pessoal. Fizemos umas reuniões, e só onze famílias quiseram pagar a rede. As despesas foram divididas em três partes: uma, nós pagamos, a outra, a Prefeitura teria que pagar, e a outra parte a usina assumiu. Aí, nós pagamos e botamos a luz. Vinha lá do matadouro. Só muitos anos depois que entrou a rede de luz para os outros moradores. Sobre a água, foi o seguinte: não tinha água aqui. Os moradores tinham que buscar lá nos poteiros dos burros, ou nos bebedouros dos animais, na*

*Tiradentes esquina Garibaldi. Ou então na D. Pedro II. Buscavam de barril. Vinham rodando os barris. Depois, parece que foi no período do Prefeito Fonseca,<sup>40</sup> colocaram umas duas ou três bicas aqui. Bem mais tarde, entrou o encanamento geral, e então, o pessoal pôde mandar ligar a água. Eu tenho guardado os papéis do que nós pagamos para a Prefeitura. Foi pouco, mas pagamos (Sr. João).*

Ressalta-se que o Sr. João Islabão referiu-se a uma parte da Rua Paulo Guilayn, a partir da esquina com a Rua João Thomas Munhoz, indo em direção ao centro da cidade. Sobre o modo como o restante da Rua Paulo Guilayn recebeu a energia elétrica, o Sr. Hugo assim relatou:

*Aqui não tinha luz e nem água. Não tenho bem certeza, mas acho que foi no Governo do Adolfo Fetter, por volta de 1959, que ele forneceu a luz da prefeitura para alguns moradores desta área. Depois, o outro prefeito deixou o pessoal continuar usando a luz da prefeitura, e começaram a ligar à revelia. Quando o Dr. Edemar Fetter foi eleito prefeito<sup>41</sup>, mandou cortar a luz, por causa da sobrecarga no transformador. Quando cortaram a luz, eu era presidente da Associação. O pessoal veio conversar comigo, e então fizemos uma comissão para irmos conversar com o prefeito.<sup>42</sup> Nessa reunião, o Prefeito reconheceu que havia mandado desligar a luz porque a prefeitura não conseguia pagar a luz para todo aquele povo, e os transformadores não agüentavam mais tanta carga. Dissemos para ele que nós queríamos a luz. Ele se comprometeu de falar com a usina e colocar os postes para que a Ligth ligasse a rede. Fez isso no outro dia, e os moradores puderam ligar sua luz. (Sr. Hugo).*

O Sr. João Islabão contou como os moradores do Bairro da Balsa construíram a Associação de Amigos e Moradores:

---

<sup>40</sup>O nome do Prefeito era Francisco Alves da Fonseca Louzada, que governou Pelotas de 1969 a 1972, pelo Partido da Arena.

<sup>41</sup>O Dr. Edemar Fetter foi eleito em 1964 e governou a cidade até 1969.

<sup>42</sup>O Sr. Hugo relatou que *a ...comissão foi para a prefeitura sem hora marcada. Chegando lá, o secretário disse que o Prefeito não poderia receber o pessoal da comissão, pois estava em reunião com as professoras do município. Então, decidimos esperar na porta até que o Prefeito nos recebesse. Quando nos viu, o Dr. Edemar nos chamou para conversarmos.*

*Nós fizemos uma associação. Eu, o falecido Damé, falecido Juarez Padilha, seu Djalma, seu Hugo, o Tio Patinhas, falecido Ramon Corrêa, falecido Juca, seu Clorestino. Fundamos, em 1969, e ficamos doze anos na diretoria. Era uma sede de chalé, na esquina que vai para o Anglo. Era sede de chalé, mas tinha tudo. Nós que construímos. Fazíamos festa, quermesse e fomos juntando dinheiro para construir a sede da Associação. A Associação tinha médico, ambulatório e até remédio grátis que nós pedíamos para doar aos sócios. Tinha um amplificador, quase uma discoteca. Os discos, nós pedíamos nas rádios da cidade. A sede era social. Tinha bar com frigider. Tinha todo tipo de jogo, desde jogo de cartas, para os velinhos, até ping-pong, e outros jogos. Tinha um departamento de futebol, que fazia excursão para todos os lugares. Nós fazíamos baile. Mas nossos bailes eram assim: tinha uma diretoria de negros e uma de brancos. Nos bailes de brancos, ia alguém da diretoria dos negros para fiscalizar e vice-versa. Colaborávamos na organização da comunidade católica. Mas, aí, começaram a falar mal de nós. Decidimos sair da diretoria, e o pessoal que assumiu vendeu tudo, inclusive a sede. Hoje, não temos mais nada.*<sup>43</sup>

Ao narrarem suas histórias da busca de soluções para seus problemas e para terem observados seus direitos à obtenção de água potável e energia elétrica, os moradores do Bairro da Balsa, demonstraram que sua organização trouxe resultados que ultrapassaram os limites das reivindicações, tendo a Associação de Moradores passado também, a atuar na área do lazer e da saúde para os seus sócios. Embora não tenham negado o total apoio que receberam do Estado, nas pessoas dos prefeitos e vereadores municipais, os moradores do Balsa tiveram lideranças locais cuja atuação foi decisiva quando de suas reivindicações e conquistas. Conforme reconheceu D. Cleni, *os ingleses e a prefeitura nunca se envolveram, apenas nos deixaram fazer as coisas...*

Construindo, mesmo que desordenadamente, suas moradias, os trabalhadores do Frigorífico escaparam também de problemas inerentes às vilas operárias construídas pelos patrões, como o controle da vida pessoal dos moradores e

---

<sup>43</sup>A sede da comunidade católica foi inaugurada recentemente, com o nome de Comunidade Católica Nossa Senhora das Vitórias. Sobre o fato de as outras diretorias que se sucederam terem terminado com o patrimônio da Associação, todos os moradores entrevistados, com exceção do Sr. Jacó, relataram o que, para eles, era muito triste: verem a completa desorganização em que se encontrava a Associação de moradores.

a disciplina do trabalho através da moradia,<sup>44</sup> a exemplo daquilo que esteve muito presente no início da industrialização brasileira. Outro problema típico das vilas operárias surgia quando do fechamento da empresa ou da transferência da razão social para outro grupo econômico, momentos esses que geravam pânico entre os trabalhadores, por não saberem se permaneceriam no trabalho e se teriam o direito de continuar morando na vila. Ainda outra preocupação de quem residia nas vilas operárias, relacionava-se ao momento da aposentadoria, porque quem se aposentava e não tinha outro membro da família trabalhando na fábrica e residindo na vila perdia o direito à moradia.<sup>45</sup>

Pelo exposto, conclui-se que, se, por um lado, os trabalhadores do Frigorífico não foram beneficiados com a construção de moradias, por outro, não tiveram um problema a mais no momento em que o Frigorífico fechou. Os moradores ficaram sem o emprego, o que ainda lamentavam ao concederem as entrevistas, mas ainda tinham suas casas para abrigarem suas famílias.<sup>46</sup>

O Frigorífico Anglo de Pelotas teve uma postura quanto ao lazer e à moradia bem diferentes da de outras grandes empresas que marcaram o processo da industrialização brasileira em São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco e, mesmo, no Rio Grande do Sul.

No Rio Grande do Sul, especificamente na indústria da carne, tem-se o exemplo da Companhia Armour, em Sant'Ana do Livramento, que, nos anos de 1910-20, construiu, em suas dependências, um edifício para os gerentes do

---

<sup>44</sup>BLAY, Eva Alternam. *Eu não tenho onde morar: Vilas operárias na cidade de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1985. p.23, 24,25.

<sup>45</sup>Um dos critérios utilizados pela empresa Matarazzo para a escolha dos pretendentes à casa na vila, era aqueles operários que tivessem pelo menos três ou quatro pessoas da mesma família trabalhando na fábrica. BLAY. op. cit. p.159.

<sup>46</sup>Provavelmente, esse tenha sido um dos fatores que contribuiu para que os trabalhadores relatassem, com tristeza, o fechamento do Anglo, e reconhecesse que tudo o que possuíam se devesse ao fato de terem trabalhado no Frigorífico.

Frigorífico morarem, uma casa para os funcionários solteiros, 32 casas para os funcionários casados, um clube esportivo com quadra de tênis e um campo de golf.<sup>47</sup>

O frigorífico Armour adotou uma atitude diferente daquela do Anglo de Pelotas, também diante do poder municipal. Sobre essa relação, Vera Albornoz relata o empréstimo feito pelo frigorífico Armour à prefeitura de Sant'Ana, no ano de 1930, para custear as despesas com o asfalto da cidade. Reciprocamente, em uma das cláusulas do contrato, a Prefeitura daquela cidade comprometia-se a não criar e nem a aumentar os impostos existentes de modo que pudessem vir afetar a Companhia. Sobre o processo de negociação que envolveu esse empréstimo, Vera Albornoz ressalta que: *Dessa maneira a municipalidade, perdeu totalmente o poder frente à Companhia Armour, que além de ser o maior poder econômico da cidade, na condição de credora da prefeitura, se tornou um poder maior que o local.*<sup>48</sup>

Percebe-se que o Anglo de Pelotas, também em relação ao Bairro da Balsa, manteve uma atitude oposta àquela que a companhia norte-americana instalada no Rio Grande do Sul, adotou para a cidade de Sant'Ana do Livramento. Ressalta-se que, em Pelotas, as vilas operárias planejadas e ou construídas pelos industrialistas não foram algo muito comum. Tem-se referência de apenas duas grandes empresas que construíram moradias para seus trabalhadores. Foram essas respectivamente, a indústria de couros e calçados Arthur Lange, que edificou moradias, clube de futebol, igreja e escola, entre outros benefícios, e a Granja pecuarista da família Fetter, que construiu quatro vilas para seus trabalhadores. Para uma análise mais detalhada dessas vilas, será necessário um estudo mais profundo, o qual se pretende realizar no curso de doutorado.

---

<sup>47</sup>Ver, sobre o frigorífico Armour a obra de: ALBORNOZ, Vera do Prado Lima. *O frigorífico Armour na fronteira Sant'Ana do Livramento e Rivera*. Porto Alegre: PUCRS, 1997. p.124.

<sup>48</sup>ALBORNOZ, Id. *ibid.*, p.151-153.

São desconhecidos maiores estudos sobre vilas operárias construídas no Rio Grande do Sul, o que não se permite afirmar que o que ocorreu em Pelotas, tenha sido igual ao que se verificou em outras cidades gaúchas. Tem-se conhecimento, apenas, dos casos da Fiação e Tecidos em Rio Grande, da J. Renner em Porto Alegre e da Companhia Armour em Sant'Ana do Livramento.

Concluindo-se o Bairro da Balsa foi ocupado nas décadas de 1950-60 por trabalhadores que, na sua grande maioria, pertenciam ao quadro de funcionários do Frigorífico Anglo. A iniciativa de ocupação desse espaço pelos trabalhadores deu-se pela necessidade de eles residirem próximo ao local de trabalho, razão pela qual eles transformaram a maior parte de um banhado em espaço de moradia.

#### **4 FATOS QUE MARCARAM A HISTÓRIA DE UMA *PRINCESA*: UM ESTUDO DAS RELAÇÕES ENTRE OS TRABALHADORES E OS DIRIGENTES DO FRIGORÍFICO ANGLO**

Ao se escrever a história de uma instituição, seja ela de que tipo for, e do contexto no qual ela se insira, é importante elegerem-se, para estudo, fatos que elucidem as relações entre ambos. Isso, naturalmente, também se aplica a este estudo sobre o Frigorífico Anglo, empresa estabelecida em Pelotas, RS, no período de 1944 até a década de 1970.

A partir desses pressupostos, neste capítulo apresentam-se seis fatos ocorridos em Pelotas, no decorrer das décadas de 1950 a 1970, que envolveram, de alguma forma, os trabalhadores do Frigorífico Anglo e cuja análise pode enriquecer o registro da história de Pelotas.<sup>1</sup> São esses eventos: a fundação do Clube Campestre; a enchente de 1956; a greve dos trabalhadores do Frigorífico em 1958; os problemas decorrentes das chuvas e aumento do preço da carne ocorridos no ano de 1959; o Movimento da Legalidade em Pelotas em 1961 e o episódio que envolveu dirigentes do Frigorífico e trabalhadores da empresa como consequência do feriado nacional, decretado quando do término da Copa do Mundo de Futebol em 1970. Tais recortes foram escolhidos em face da importância atribuída a eles pelos trabalhadores do

---

<sup>1</sup>Inúmeros são os estudos sobre as cidades, e, entre eles, destaca-se a reflexão de Ruben Oliven, em *A cidade como categoria sociológica*, no qual o autor propõe o estudo das diferentes relações que afetam a cidade. Cabe ainda lembrar o texto de Licrécia D'Allessio Ferrara, *As Máscaras da Cidade*, no qual a autora, através da análise da história das cidades desde o medievo, busca produzir uma lógica da manifestação da imagem urbana. Na perspectiva proposta por Oliven, analisam-se neste capítulo alguns fatos relacionados com a história de Pelotas, os quais tenham sido, de alguma forma, protagonizados pelos dirigentes e/ou trabalhadores do Frigorífico e moradores do Bairro da Balsa.

Frigorífico e pelos moradores do Bairro da Balsa.<sup>2</sup> O Sr. João Islabão, o Sr. Sílvio Paulo, o Sr. Hugo e o Sr. Vildeman Garcez, entre outros, deram depoimentos entusiasmados ao se referirem a esses acontecimentos.

Para se entenderem esses fatos sob a perspectiva das relações gerais,<sup>3</sup> é importante reportar-se ao ano de 1944, quando se apresentou, para Pelotas, a possibilidade de geração de mais empregos, com o funcionamento do Frigorífico Anglo, cuja história já foi retratada nos capítulos anteriores deste estudo. Pelotas possuía, no início da década de 1940, uma população de 104.553 pessoas<sup>4</sup> e era administrada pelo Prefeito nomeado Dr. José Júlio Albuquerque Barros,<sup>5</sup> que se mostrava *eufórico*, em seus discursos proferidos quando da inauguração do Frigorífico, em dezembro de 1943.

#### 4.1 Golf e festas: Clube Campestre - 1944

Ao se narrar a história do Frigorífico Anglo de Pelotas, é imprescindível citar-se o Clube Campestre. Poucos sabem que a história do Frigorífico e a do Clube

<sup>2</sup>Faz-se a distinção entre trabalhadores e moradores porque nem todos os trabalhadores entrevistados moraram no Bairro da Balsa. Em contrapartida, apenas uma moradora entrevistada não trabalhou diretamente no Frigorífico, tendo apenas prestado serviços de costura para a empresa.

<sup>3</sup>CHARTIER, Roger. A História hoje: dúvidas, desafios, propostas. Rio de Janeiro, *Estudos Históricos*, v. 7. n. 13, p.101, 1994.

<sup>4</sup>Fonte: IBGE. Anuário de Estatística do Brasil. 1940. esses números modificaram-se, principalmente, na década de 1960, especialmente no que tange ao êxodo de pessoas da zona rural para a urbana. Merece atenção o deslocamento populacional das regiões do interior do Rio Grande do Sul, principalmente de Canguçu, que, sozinha, representou 42,5% da população que se deslocou para Pelotas. Pelotas e Rio Grande tornaram-se pólos regionais atrativos para as populações rurais expulsas do campo quer pela liberação da mão-de-obra proveniente da mecanização do trabalho, quer pelas más condições sociais vigentes no País naquele período. Conforme dados do *Plano Diretor de Pelotas*, de julho de 1967, em 1950, a população citadina representava 44% do total. Em 1960 atingia 53%. Entre 1950 e 1960, a população urbana cresceu 50,8%, enquanto que a população rural diminuiu 9,9%. A população migrante do interior do estado do Rio Grande do Sul, nesse período, foi de 29,1%, sendo que a de outros estados e do exterior foi extremamente pequena, tendo apresentado um decréscimo de 1,4%.

<sup>5</sup>Seguiram-se a ele Dr. Sylvio da Cunha Echenique (1945-1946), e, ainda em 1946, o advogado Dr. Sérgio Abreu da Silveira e o prefeito nomeado Dr. Procópio Duval Gomes de Frestas (1946-1947). Informações obtidas junto à Sra. Sônia, funcionária do Museu da Biblioteca Pública Pelotense.

Campestre estão intrinsecamente relacionadas, sendo que, para a fundação do Clube, foi decisiva a participação dos dirigentes do Anglo.<sup>6</sup>

Para administrarem o Frigorífico, que pertencia ao grupo inglês dos irmãos *Vestey*, vieram residir, em Pelotas, famílias oriundas da Inglaterra e da Argentina e descendentes de ingleses estabelecidos em São Paulo e no Rio de Janeiro.<sup>7</sup> Além das famílias já constituídas que se mudaram para a cidade, vieram também homens solteiros, sendo que alguns deles, mais tarde, contraíram matrimônio com mulheres pelotenses, como foi o caso do Sr. Olmann, e do Sr. Cunningham.<sup>8</sup> Os homens solteiros que vinham para Pelotas instalavam-se no Clube dos Solteiros:

*No auge do Frigorífico Anglo, vinham da Inglaterra, para estagiar em Pelotas, muitos rapazes ingleses. O Anglo adquiriu a casa da família Echenique com o objetivo de transformá-la em um clube para festas e jogos e, também, hospedaria para abrigar os estagiários que ficavam breve período de tempo. (...) Com o enfraquecimento do Anglo, se tornou necessário vender o prédio, que foi adquirido pelo Sr. Mário Brum Braga, em 1973, e que recebeu o imóvel em condições quase que de abandono.<sup>9</sup>*

<sup>6</sup>Na época em que se pesquisava nas atas e arquivos do Clube Campestre - junho de 1998 - para a realização deste estudo, a então diretoria do Clube promovia uma campanha, entre os sócios, para que adiantassem as mensalidades, com vistas à realização de algumas reformas naquela entidade. Entre os sócios que já haviam confirmado a colaboração, estava o Sr. Cunningham, ex-gerente do Frigorífico, que iria pagar três mil reais, correspondentes a dez meses de mensalidade. Entende-se esse ato como indício da participação desse ex-dirigente do Frigorífico na fundação e manutenção do Clube Campestre.

<sup>7</sup>A procedência dessas famílias foi relatada por ex-dirigentes do Frigorífico, o Sr. Cunningham, em entrevista realizada em três de junho de 1998, e o John Griffiths, em resposta enviada por carta em 02 de agosto de 1998, também aparecendo nos relatos do Sr. Virgílio, Seu Sílvio, Sr. João Islabão, Seu Sebastião e Sr. Vildeman.

<sup>8</sup>O nome da esposa de Mr. Olmann era desconhecido pelos entrevistados já referidos. Contaram eles apenas que ela seria uma funcionária do clube Campestre, viúva e que já teria uma filha, a qual o Mr. Olmann teria assumido. A esposa do Sr. Cunningham, é a Sra. Ceres Maria Fonseca Cunningham, filha do Sr. Osvaldo Gaspar da Fonseca, falecido, que era proprietário de uma importante rede de lojas de calçados em Pelotas, as Lojas Hercílio.

<sup>9</sup>Texto encontrado em um trabalho realizado por alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPel, para a disciplina da Prof. Ana Oliveira. Neste mesmo trabalho, encontram-se, também, as certidões de venda e compra do prédio, o qual se situa na Rua Quinze de Novembro, onde funcionava até março de 1999, a Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Pelotas.

Com a chegada desses estrangeiros ingleses e de seus descendentes, Pelotas passou a figurar nos cenários nacional e internacional de esportes com o *golf*, desporto de origem inglesa, praticado por pessoas pertencentes às classes mais abastadas, provavelmente devido ao alto custo dos equipamentos requeridos.<sup>10</sup> Por tudo isso, os dirigentes estrangeiros do Anglo, juntamente com um grupo seletivo de pelotenses,<sup>11</sup> passaram a investir na formação do Clube e na construção dos campos de *golf*.

A fundação do Clube Campestre, alavancada pelos dirigentes do Frigorífico, introduziu um novo tipo de *status* na cidade: o de ser sócio daquela instituição recreativa. Quando os habitantes locais mais abastados conseguiam, oficialmente, participar dos jogos de *golf*, eram considerados membros da elite pelotense. O ambiente proporcionou maiores possibilidades de relacionamento entre essas pessoas privilegiadas e os dirigentes estrangeiros, permitindo aos pelotenses, inclusive, ampliarem seu conhecimento em nível da própria língua, pois palavras inglesas como *golf*, *ranking*, *scratch*, entre outras, passaram a fazer parte também do cotidiano dos sócios brasileiros.

Em dezesseis de outubro de 1944, dez meses após a reinauguração do Frigorífico Anglo, realizou-se, na Associação Comercial de Pelotas, a primeira reunião de diretoria do novo clube da cidade, o Clube Campestre.<sup>12</sup> Para efetuar o registro do Clube e responder, juridicamente pela entidade, foi nomeado o advogado Dr. Bruno de Mendonça e Lima, que também exercia funções semelhantes, no

---

<sup>10</sup>Pesquisa realizada nos Estados Unidos mostra que 10% da população branca joga *golf*, enquanto apenas 2% da população negra pratica esse esporte. Entre os motivos que fazem essa diferença numérica está o alto custo desse esporte, apontado tanto pelos negros que não o praticam como pelos adeptos do *golf*. *Revista Golf-Sport*, São Paulo, ano II. N 10, p.49-50, jun./jul. 1995.

<sup>11</sup>Na relação de sócios admitidos no Clube, aparecem nomes como Fernando Osório, Francisco Carúccio e Bruno Mendonça Lima, pessoas que pertenciam à classe mais abastada de Pelotas.

<sup>12</sup>*Livro das Atas de Diretoria*. Clube Campestre. Pelotas, 1944. Assinaram a ata dessa reunião os senhores: R. G. Pereira; S. H. Rathwell; A. R. Muddell; C. C. Wright; J. M. Gemmell; M. F. Bywaters; T. M. Clark; O'Connor; Forst; Mr. Rothwell; Hudson; Palmer; Anderson. Nomes como Muddell, Clark, e O'Connor foram recorrentes nas entrevistas com os ex-operários do Anglo.

Frigorífico Anglo, desde a década de 1920. Em 1945, a diretoria do Clube alugou, do Sr. Osny Ribas, um terreno, que se localizava no prolongamento do Bairro Fragata e, portanto, afastado do centro urbano de Pelotas.<sup>13</sup> Mais tarde, esse terreno, bem como as benfeitorias nele existentes, foram comprados pelo Clube.

O fato de o terreno alugado localizar-se longe do perímetro urbano obrigou a diretoria do Clube a negociar com a Companhia Light & Power, fornecedora de energia elétrica, para que fossem instalados transformadores e linhas de energia até a sede. Na ata de nº 25, de seis de junho de 1945, consta o que ficou acertado com a Companhia Light:

*O custo fornecido pela Light & Power para a corrente até o novo clube montou Cr\$ 4.500,00. A Companhia sugeriu que metade fosse pago por eles e metade pelo Clube Campestre, em mensalidades de não menos de Cr\$ 60,00. O Sr. Wright ficou autorizado a entrevistar a Light e arranjar os melhores termos possíveis.*

O empenho do Clube Campestre junto à Companhia Light para que fosse expandida a rede de energia elétrica, possibilitou aos moradores próximos daquele local usufruírem da mesma, resultando em estender o fornecimento dessa energia, para uma área periférica da cidade. Não é do interesse deste trabalho ressaltar e valorizar o número de pessoas favorecidas pelo ampliado desta rede. Entretanto, é importante dizer que, atualmente, o mesmo gerador que fornece luz ao clube, também beneficia com energia elétrica a alguns estabelecimentos comerciais que se localizam próximos ao mesmo.

Tão logo iniciou a sua organização, o Clube Campestre foi convidado, pela Companhia Swift, a participar de torneios de *golf* em Rio Grande, que ocorreram

---

<sup>13</sup>Até a conclusão deste estudo, o local onde estava o Clube Campestre, pertencia à cidade de Capão do Leão, que se emancipou de Pelotas em três de maio de 1982. Fonte: *IBGE*. Pelotas.

em abril, maio, julho e novembro de 1945.<sup>14</sup> Vê-se que o Clube Campestre, através de seu *carro-chefe*, o *golf*, veio a contribuir para que se reforçassem laços sociais entre as cidades co-irmãs.

No dia 25 de junho de 1998, no jornal *Diário Popular*, foi publicada reportagem sobre o Clube Campestre, contendo o histórico dos principais títulos conquistados nos torneios de *golf*, estaduais, nacionais e internacionais. A referida reportagem apontou o que muitos pelotenses desconhecem ainda hoje: ... *o Golf talvez seja o esporte que mais tem projetado Pelotas em nível nacional e internacional...*

Analisando-se as atas de diretoria do Clube Campestre, foi verificada a presença de funcionários do Frigorífico Anglo, como sócios e integrantes da diretoria do Clube, conforme mostra o quadro a seguir:

**Quadro 1:** Relação de alguns dirigentes do Clube Campestre e seu registro como funcionários do Frigorífico Anglo

<b>Dirigentes do Clube Campestre</b>	<b>Função desempenhada no Frigorífico Anglo</b>
A. R. Muddell	-----
O'Connor	-----
Mr. Rothwell	-----
Hudson	-----
Palmer	Os trabalhadores entrevistados referem-se a ele como um ótimo gerente.
Gabriel Novaes Jr.	Chefe do Departamento Pessoal do Anglo em 1956.
Ernest Cunningham	Diretor-Geral do Anglo em São Paulo, ano 1943.
Cranfield	Gerente do Frigorífico em 1946.
M. F. ByWaters	-----
Anderson	-----
Patrick Murray	Chefe de Departamento Pessoal em 1943.

Fonte: Atas de Diretoria do Clube Campestre referentes aos anos de 1944,1945,1946,1947 e 1953, notas da imprensa local e entrevistas com ex-funcionários do Anglo.

<sup>14</sup>*Ata de Diretoria do Clube Campestre*. Pelotas, N 17, 29 mar. de 1945.

Além dessas evidências, encontrou-se o registro da decisão da diretoria do clube de procurar os dirigentes do Anglo, e propor-lhes a compra de 120 a 150 ações do Campestre, ... *a fim de auxiliar a imediata compra do imóvel que estamos ocupando*. As ações deveriam ser, posteriormente, vendidas pelo Frigorífico aos seus funcionários, que se tornariam novos sócios acionistas do Clube. Nesse sentido, a diretoria do Clube enviou ofício ao Sr. E. Cunningham, Diretor-Presidente da S. A. Anglo do Brasil, em São Paulo, oficializando a proposta de compra de ações.<sup>15</sup> De acordo com a ata nº 88 de reunião da diretoria,<sup>16</sup> o Sr. Cranfield, gerente do Frigorífico em Pelotas e jogador de golfe no Clube, informou, verbalmente, que fora aceita a proposta da compra das ações do Clube pelo Frigorífico. Como consequência, a ata nº 89, de 11 de março de 1947, registra o recebimento de um ofício da S. A. Frigorífico Anglo, informando a compra de 25 ações do Clube Campestre. A direção do Clube, então, decidiu convocar uma assembléia para a aprovação do acordo com aquela empresa, ... *segundo o qual os seus funcionários até o número de 25 sem possuir ações, poderão gozar dos mesmos direitos e deveres dos sócios acionistas*.

Não foi possível saber-se através da consulta às atas de reunião de diretoria do Clube, quantos funcionários do Frigorífico foram beneficiados por esse acordo. Entretanto, pôde se inferir que ele foi cumprido, tendo favorecido alguns empregados, a exemplo do que consta nas atas de oito de julho de 1947, a qual registra ter sido admitido um novo sócio, Sr. Joseph Smethurst, funcionário do Frigorífico Anglo, a quem será oficiado para se saber se ele desejaria possuir ações próprias ou utilizar as de propriedades da Companhia. Em primeiro de julho de 1953, os senhores Mozart Bianchi da Rocha, Arthur Kraft, Frederico Marco Segatto e

---

<sup>15</sup>*Ata de Diretoria do Clube Campestre*. Pelotas. Nº 80. 05 de novembro de 1946.

<sup>16</sup>*Ata de Diretoria do Clube Campestre*. Pelotas. nº 88 de 25 de fevereiro de 1947.

Franco Percy Willierns Granthan também foram admitidos como novos sócios utilizando ações do Frigorífico Anglo.<sup>17</sup>

Em junho de 1947, o Frigorífico Anglo promoveu um torneio de *golf* no Clube Campestre. Ainda em junho desse mesmo ano, o Frigorífico enviou dois pedreiros e um carpinteiro para reformarem as paredes do prédio ocupado pelo Clube, que apresentavam algumas fendas. Além da mão-de-obra, o Frigorífico forneceu ainda o material necessário para as reformas.<sup>18</sup> As evidências (data de fundação do Clube, nomes idênticos de dirigentes do Clube e de funcionários do Frigorífico, compra de ações, torneios<sup>19</sup> e benefícios do Frigorífico para o Clube) encontradas na história da fundação do Campestre fazem com que se evidencie a estreita ligação que ocorreu entre o Frigorífico Anglo e o Clube.

O Sr. Olivem Cunnigham, em entrevista,<sup>20</sup> afirmou que o Clube Campestre foi fundado pelos dirigentes do Anglo com o apoio dos proprietários ingleses da empresa, porque essa era uma maneira de oferecerem lazer aos seus operários graduados e, assim, mantê-los satisfeitos no local em que se encontravam, afastados de seus países de origem. O Sr. Cunnigham ressaltou que essa era uma prática de todas as companhias estrangeiras instaladas fora de seus países.<sup>21</sup> Perguntado sobre como era o relacionamento dos dirigentes ingleses com a cidade de Pelotas, ele respondeu da seguinte maneira:

---

<sup>17</sup>*Ata de Diretoria do Clube Campestre*. Pelotas. nº 102 de 08 de julho de 1947 e 284 de 01 de julho de 1953.

<sup>18</sup>*Ata de Diretoria do Clube Campestre*. Pelotas. nº 99 e 100. junho de 1947.

<sup>19</sup>Em junho de 1959, o Frigorífico Anglo ofereceu taça para o campeão do torneio de Golf Bandeira, M. Cunnigham.

<sup>20</sup>Sr. Oliver Cunnigham. Entrevista concedida em três de junho de 1998, na sede do Clube Campestre.

<sup>21</sup>A informação do Sr. Cunnigham encontra respaldo na construção de um clube de golf em Rio Grande, pela Swift, e em Sant'Ana do Livramento pela Armour. Em 13 de novembro de 1959, o Clube Campestre de Pelotas participou, em Rosário do Sul, do Campeonato Estadual de Golf, que se realizou no campo da Swift, tendo conquistado o segundo lugar. *Diário Popular*. Pelotas, 13 e 24 de novembro de 1959.

*Não sei o que você está procurando de relação com a cidade. Mas como, normalmente, a Diretoria era estrangeira, eles tinham a ver com a cidade. Isto aqui não (Referência ao Clube Campestre). Isto aqui parece que eles foram instrumentais em fundar. Uma das poucas coisas que realmente decidiram fazer... Mas isto também era tradicional naquela época. Em todos os grandes frigoríficos que viviam nos estrangeiros. Ter lazer para estes estrangeiros, senão não mantinham eles nesses países. Uma maneira de manter estes estrangeiros aqui. Porque era o que eles tinham lá no país deles. Estas coisas... A Armour tinha nas instalações deles mesmos... A Swift tinha... Todos eles tinham clube de golf.*

A exemplo do ocorreu em Pelotas, em Barretos, São Paulo, em 1937, foi fundado, o clube de *golf* da Companhia, com o nome de Anglo Golf Clube, sendo que o campo onde está localizado pertence ao Frigorífico Anglo.<sup>22</sup>

Vimos, até aqui, o modo como se deu a formação de um clube diretamente ligado à necessidade de lazer dos **dirigentes** do Anglo, em prol de mantê-los num país estrangeiro. Mas quanto ao lazer dos **operários** do Anglo? É pouco provável que os trabalhadores pelotenses da área de produção do Frigorífico tenham podido participar dos benefícios sociais do Clube Campestre. Segundo alguns dos entrevistados,<sup>23</sup> o Sr. Cunningham era visto, pelos trabalhadores, como um dos dirigentes mais populares que o Frigorífico tinha. Sendo que o Sr. João Islabão fez referências ao time de futebol criado por esse Diretor-Geral:

*O mister Cunningham, conheço desde guri quando ele veio para cá. Tinha participação no Departamento de Esportes do Anglo. Tinha até uma sede.*<sup>24</sup>

Percorrendo-se os noticiários sobre futebol local, nos anos de 1944 e 1945, encontram-se referências a dois times de futebol que se identificavam com nomes dos setores do Frigorífico Anglo: Oficina do Anglo e Escritório Geral do Anglo. Esses dois times participavam dos campeonatos da cidade e eram filiados à

<sup>22</sup>GONZALEZ, Mário. *Golf no Brasil*. Rio de Janeiro: B. Borges Edições, 1987.

<sup>23</sup>Sr. João Islabão e o Sr. Vildeman foram alguns dos que relataram sobre a popularidade do Sr. Cunningham.

<sup>24</sup>Trecho da entrevista do Sr. João Islabão, concedida à autora em fevereiro de 1998.

Associação de Esportes do Futebol Menor.<sup>25</sup> No dia três de julho de 1959, o jornal *Diário Popular* registrou que ocorreria, dia quatro de julho, uma *peleja* entre solteiros e casados do Frigorífico Anglo, no estádio da Associação Portuguesa de Desportos, e que, logo após, seria oferecido um churrasco para os jogadores. Dois aspectos chamam a atenção sobre este jogo. Primeiro, a referida nota estava assinada pela diretoria dos dois times, o que demonstra que eles não haviam sido organizados pelos dirigentes do Frigorífico. Segundo, o jogo foi realizado num estádio pertencente a outra organização, de onde se deduz não ter havido a construção oficial de um estádio de futebol para os trabalhadores do Anglo. Provavelmente, esse jogo tenha sido apenas, o resultado de uma organização interna de alguns trabalhadores.

A prática de as empresas possuírem um time de futebol com a participação de seus trabalhadores era comum, no Brasil, desde a época em que o futebol começou a ser praticado no País.<sup>26</sup> Pelotas registra, para o período estudado neste trabalho, algumas empresas importantes que possuíam times de futebol. Entre elas, citamos a Fiação e Tecidos, que possuía campo para a prática desse esporte nas dependências da fábrica e cujo time denominava-se Fiateci, e participava ativamente dos torneios locais. Outro time bastante conhecido era o Clube Atlético Bancário, do qual participavam apenas os profissionais da categoria dos bancários.<sup>27</sup>

---

<sup>25</sup>*Diário Popular*. Pelotas, anos de 1944 e 1945.

<sup>26</sup>*Revista da USP*, São Paulo, nº 22, p 42, jun./jul./ago. de 1994. CALDAS, Waldenyr. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro., e ANTUNES, Fátima Martins Rodrigues Ferreira, O Futebol nas fábricas, p.104-105.

<sup>27</sup>Dados extraídos das colunas de esporte do *Diário Popular* e de *A Opinião Pública* nos anos de 1944 e 1945. Além dos já citados, encontraram-se outros times que faziam parte do futebol amador da cidade naquele período. Eram eles: Grêmio Esportivo Canto da Várzea; Livraria do Globo; Sete de Setembro; Forte da Graça Futebol Clube; Grêmio Futebol 24 de abril; Ferragem Bromberg; Juventude Futebol Clube, Cruzeiro do Sul; Esporte Clube Tiradentes; Arealense Futebol Clube. Entretanto, nos anos subseqüentes, não se encontram mais referências aos times dos setores do Frigorífico Anglo. Em março de 1959, aconteceu o Campeonato de Futebol Amador, do qual não se encontrou registro de nenhum time com o nome do Frigorífico. Ainda em março daquele mesmo ano, o Fiateci Futebol Clube promoveu um certame para arrecadar fundos e instalar a iluminação elétrica em seu estádio, denominado *Garrafa Vazia*, quando o nome do Anglo também não aparecia como participantes. *Diário Popular*, Pelotas, 13 de jan. e 15 e 20 de mar. de 1959.

As referências encontradas sobre os dois times de futebol amador que levavam o nome de Anglo não autorizam se afirmar que eles tenham sido organizados e mantidos pelo Frigorífico. De qualquer forma, carregavam o nome da empresa e, provavelmente, eram formados por jogadores dos referidos setores do Frigorífico.

O tema do lazer dos trabalhadores do Anglo já foi abordado nesta dissertação, quando se constatou que esse tipo de atividade foi fruto da própria organização dos operários, enquanto moradores do Bairro da Balsa.<sup>28</sup> A existência de um clube de solteiros para os ingleses e a fundação do Clube Campestre, claramente ligadas a iniciativa dos dirigentes do Frigorífico Anglo, provavelmente, não tenham apresentado nenhuma alternativa de lazer para os trabalhadores pelotense da empresa. A criação do Clube Campestre, especificamente, trouxe outras formas de benefícios, tendo colaborado para a aproximação de duas culturas diferentes - a inglesa e a brasileira - e a elevação do nome da cidade de Pelotas no cenário do *Golf* internacional.<sup>29</sup>

#### **4.2 1956: uma cidade semidestruída pelas águas**

Assim como na vida social dos privilegiados, o Frigorífico Anglo teve uma participação significativa, também participou no auxílio aos flagelados pela

---

<sup>28</sup>Ver, no segundo capítulo, *As conquistas dos moradores do Bairro da Balsa*.

<sup>29</sup>*No seu 55º aniversário, o Clube Campestre de Pelotas conseguiu mais uma conquista histórica, através do golfista Fernando Mechereffe, 16 anos, em abril de 1999, alcançou a liderança do ranking brasileiro do Golfe. Antes dele, apenas seu tio Ricardo Mechereffe e Octávio Villar haviam conseguido entrar para a galeria dos “número um”. Mechereffe chegou a tal posição sagrando-se vencedor do campeonato aberto de Curitiba, segunda etapa do ranking brasileiro. Mechereffe, que se prepara para estudar e jogar golfe nos Estados Unidos, se constitui-se hoje na maior promessa do golfe brasileiro. Mais uma vez, Octávio Villar e Fernando Mechereffe, que já haviam sido convocados para a Seleção Brasileira no último Sul-Americano mantiveram o golfe pelotense no topo do Brasil. Reportagem publicada no Diário Popular. em sete de abr. de 1999.*

enchente que assolou Pelotas em 1956. As chuvas que caíram durante a tarde do dia onze de fevereiro provocaram a enchente nas áreas da Vila Castilhos, Bairro Fragata, Largo fronteiro à Light, Entreposto e Escola Técnica, Posto da Lomba, Bairro Simões Lopes, gare da Estação Ferroviária, Ruas Vieira Pimenta, Av. Saldanha Marinho, Praça do Pavão, Barão de Santa Tecla, Marechal Deodoro, Uruguai e Moreira César até a Rua General Osório e Estrada do Passo do Retiro.<sup>30</sup> Nesse ano o Prefeito era o Sr. Adolfo Fetter, economista, do Partido Socialista Democrático, que havia assumido o posto em janeiro do corrente.

A inundação da Usina da Ligth, localizada no Largo da Marechal Floriano, deixou a cidade às escuras, ensejando a oportunidade de o Frigorífico então, fornecer, com o seu gerador próprio, luz para a área central de Pelotas, permitindo o pleno funcionamento do Hospital da Beneficência Portuguesa. A fim de que se possa perceber a importância que esse gesto teve para a cidade, relata-se a triste situação vivida pelos pelotenses por ocasião dessa enchente.

No jornal *Diário Popular*, do dia 13 de fevereiro de 1956, e no jornal *A Opinião Pública* do dia 21 de fevereiro do mesmo ano,<sup>31</sup> encontram-se registrados aspectos da enchente que assolou as áreas urbanas e rurais da cidade de Pelotas. Segundo essas reportagens, choveu torrencialmente entre as doze e as quatorze horas. Apesar de a chuva ter ocorrido em tempo relativamente pequeno, sua intensidade foi avassaladora, fazendo com que algumas áreas da cidade e suas adjacências ficassem totalmente inundadas pelo *elemento líquido*. Ilustrativo é o relato do Sr. Manoel Alves Filho, vice-presidente do Clube de Natação e Regatas Pelotenses, que participou ativamente no serviço de salvamento, durante a enchente:

---

<sup>30</sup>Chamamos a atenção para o fato de que algumas localidades atingidas pelas águas, mudaram de nome. É o caso específico do largo da Rua Marechal Floriano que atualmente denomina-se Praça 20 de Setembro.

<sup>31</sup>A diferença de datas nos jornais, justifica-se porque a cidade ficou sem energia elétrica. A luz foi emprestada pelo Frigorífico Anglo, o que possibilitou ao *Diário Popular*, circular dois dias após a enchente.

*O espetáculo na Vila Castilhos era pavoroso, indiscritível mesmo. Dezenas de residências estavam sob as águas, com homens, mulheres e crianças empoleiradas nos telhados. Caíques particulares transportavam flagelados desordenadamente. Gritos de angústia cortavam o espaço. Clamava-se por parentes e desaparecidos, muitos haviam perdido o domínio dos nervos. E, enquanto, o elemento líquido continuava a subir inexoravelmente, tudo levando de roldão. Entre aquela confusão dantesca, entrecortada de gritos e pânico generalizado, a água alcançou os trilhos da Viação Férrea e chegou a superá-los, fato nunca antes registrado<sup>32</sup> (grifo da autora).*

As áreas da cidade que foram mais atingidas pela fúria das águas, eram as situadas próximas ao arroio Santa Bárbara, também a Vila Castilhos, o Bairro Fragata, e o Retiro. Ficou inundado também, o leito da viação férrea, onde caíram vários pontilhões das linhas de Canguçu, Fragata e do Capão Seco. As águas atingiram também a rodovia, destruindo pontes e interrompendo o transporte rodoviário entre Pelotas e Porto Alegre. A cidade ficou isolada do resto do Estado, mantendo ligação apenas com Rio Grande.

Conforme já se informou, a usina *Light & Power* fornecedora da energia elétrica para a cidade, foi inundada pelas águas, deixando Pelotas às escuras. No dia 18 de fevereiro, os jornais *A Opinião Pública* e *A Alvorada*, referiram-se à inundação da usina e conseqüente falta de força e energia elétrica. Ressaltaram a disponibilidade do Frigorífico Anglo, fornecendo luz para uma parte da cidade, compreendida entre a zona do Porto até a Rua Marechal Deodoro e Rua Três de Maio. No *Diário Popular*, do dia 21 de fevereiro, consta a seguinte informação, sobre a falta da energia elétrica:

---

<sup>32</sup>*Diário Popular*. Pelotas, 17 de fevereiro de 1956. Os jornais locais denominavam as águas das enchentes de: *elemento líquido*.

*Por falta de energia elétrica motivada pela catastrófica inundação que abateu a cidade no último dia 11, sendo, inclusive a usina da Light and Power invadida pelas águas, nosso jornal deixou de circular, normalmente na semana passada. Graças a energia elétrica fornecida pelo Frigorífico Anglo S.A., através da Light, que possibilitou o funcionamento das máquinas, conseguimos fazer com que o Diário Popular fosse posto em circulação, divulgando ampla cobertura da mais violenta inundação que a história de Pelotas registra (grifo da autora).*

A enchente que assolou Pelotas em 1956, foi considerada como a maior e a que mais causou prejuízo, pela imprensa, pelos órgãos públicos<sup>33</sup> e pelas pessoas que a vivenciaram<sup>34</sup>. Pelotas já havia presenciado outras enchentes em sua história, mas até aquele momento nenhuma havia causado tantos danos, com tanta fúria em tão pouco tempo. Um histórico sobre as grandes inundações que assolaram a cidade, publicado no *Diário Popular*, de 13 de fevereiro de 1956, mostrava, em 1898, Pelotas havia sido atingida por uma enchente depois de quase um mês de chuvas, em 1914, também a enchente se originou de chuvas prolongadas. No verão de 1924, havia ocorrido uma grande enchente, onde as águas do Passo do Retiro invadiram a casa comercial do major Gustavo Brauner. A enchente de 1941, era considerada até aquele momento como a maior de todas. A mesma reportagem chamava a atenção para: *a enchente que presentemente assola Pelotas se caracteriza, especialmente, pela violência com que as águas inundaram extensas áreas, dentro de breve espaço de tempo.*<sup>35</sup>

---

<sup>33</sup>*Câmara Municipal - Ofícios*. Pelotas, 1956. *Anais Da Câmara Municipal*. Pelotas, janeiro-abril de 1956.

<sup>34</sup>O relato dessa enchente esteve presente do decorrer da vida da autora, pois os pais residiam na vila próxima da Ponte do Retiro e foram vítimas da mesma, conseguindo salvar apenas suas vidas, perdendo todos os bens materiais que possuíam, bem como documentação, incluindo a Carteira Profissional do pai. Essa perda lhe marcou a vida profissional, trazendo-lhe transtornos por ocasião de sua aposentadoria na década de 1990.

<sup>35</sup>A enchente de 11 de fevereiro, além dos prejuízos habituais da inundação, deixou um número superior a quinhentas pessoas flageladas e, causando a morte de outras treze, algumas arrastadas pela violência das águas. No dia 17 de fevereiro, o *Diário Popular*, registra o apelo do Delegado de Polícia Sr. Ely de Pinho Faustino, para quem tenha conhecimento do desaparecimento de alguém, comuniquem à delegacia, já que ainda continuam recolhidos ao necrotério três cadáveres sem identificação.

A situação de calamidade que atingiu a cidade de Pelotas, em decorrência das chuvas, pôde ser avaliada nos jornais locais e nos documentos oficiais da Câmara de Vereadores, quanto à destruição de estradas, de casas, de estabelecimentos comerciais, da inundação da usina, e pelo número de vítimas fatais. Um aspecto que merece atenção é que, naquele final de semana, iniciaria os festejos carnavalescos na cidade. Diante da calamitosa situação, as autoridades civis e militares reuniram-se e deliberaram proibirem os festejos de carnaval, a partir das 19 horas. Em nota oficial, assinada pelo delegado de polícia, publicada no dia 13 de fevereiro de 1956, no jornal *Diário Popular*, consta a seguinte ordem:

*A delegacia de policia, em reunião havida na Prefeitura Municipal, em que tomaram parte autoridades locais, diante da grave e dolorosa ocorrência que assumiu proporções de calamidade pública avisa que fica proibida, após às 19 horas quaisquer manifestação de caráter carnavalesco, solicitando, ainda que, até a regularização do serviço de fornecimento de luz o ordeiro povo desta terra se recolha às suas residências numa preciosa colaboração à ordem pública. Esperam todas as autoridades locais da maior compreensão e acatamento às instruções presentes.*

*13 de fevereiro de 1956*

*ELY PINHEIRO FAUSTINO, Delegado de Polícia<sup>36</sup>*

Quanto às possíveis causas da tão avassaladora enchente, travou-se na região, uma acirrada discussão. Segundo o engenheiro Fernando Navarro, do Departamento Nacional de Obras e Saneamento em Pelotas, em entrevista concedida ao *Diário Popular*, do dia 13 de fevereiro, o motivo teria sido o extravasamento do arroio Pelotas sobre o arroio Santa Bárbara, em local próximo à granja do Sr. Elgar

---

<sup>36</sup>A ordem da Delegacia de Polícia, proibindo o carnaval, foi cumprida até que se restabelecesse a normalidade na cidade. Em 17 de fevereiro, neste mesmo jornal na p. 2, encontrou-se um convite para os festejos carnavalescos em Pelotas, que ocorreriam no dia 18 de fevereiro, a partir das 12 horas. Percebe-se que o carnaval ocorreu, embora atrasado e durante o dia, já que ainda não havia luz em toda a cidade.

Hadler. Porém na segunda entrevista, no dia 21 de fevereiro, ao jornal *A Opinião Pública*, Fernando Navarro, descartou a sua primeira idéia, e declarou que analisando melhor a situação, podia afirmar que são infundados os boatos de que a responsabilidade seria do Departamento Nacional de Obras e Saneamento, devido à paralisação das obras de canalização do Santa Bárbara, *e que a verdadeira causa foi, exatamente o grande volume de água que caiu sábado por volta das 12 horas.*

Na 7ª Sessão da Comissão Representativa da Câmara de Vereadores de Pelotas,<sup>37</sup> o assunto mais discutido em 16 de fevereiro de 1956, foi a grande enchente do dia onze. A Sessão iniciou com a justificativa do Presidente, vereador Jaime Gonçalves Wetzel, do Partido Socialista Democrático, pela sua ausência na cidade,<sup>38</sup> durante a enchente. Logo após, o vereador Francisco Ribeiro da Silva, do Partido União Democrática Nacional, iniciou falando da luta incessante do homem contra a natureza e como esse homem tem conseguido forças para sobreviver. Segundo ele, a maior preocupação da população pelotense, naquele momento, era buscar explicações técnicas para a catástrofe que atingiu a cidade no sábado. Entre as hipóteses surgidas, estavam as mais variadas explicações como: a ruptura de taipas de açudes, passagem das águas do arroio Pelotas, entre outras. Para que ficasse esclarecido o verdadeiro motivo da inundação, o vereador Francisco apresentou, para a aprovação da Casa, um requerimento em caráter de urgência, solicitando ao Departamento Nacional de Obras e Saneamento, os esclarecimentos oficiais dos motivos da enchente.

Os debates na Sessão da Câmara continuaram ainda, em torno dos motivos que poderiam ter causado a inundação. Carlos Sica, vereador do Partido Libertador, responsabilizou o ex-Prefeito Mário Meneghetti, por ter suspenso as obras de saneamento do arroio Santa Bárbara, que, segundo Carlos Sica, o Prefeito,

---

<sup>37</sup>*Anais da Câmara de Vereadores de Pelotas*. 16 de fevereiro de 1956.

<sup>38</sup>Segundo ele, estivera ausente por ter ido ao seu estabelecimento agropecuário e ter ficado impossibilitado de voltar, com a queda do aterro no Passo do Retiro.

teria desviado o dinheiro, para patrocinar a campanha eleitoral do seu candidato, nas eleições que haviam ocorrido, no ano de 1955. Carlos Sica, também, propôs que o Departamento Nacional de Obras e Saneamento apurasse as causas da enchente e encaminhou uma lei que proibia as construções de novas edificações na Vila Castilhos<sup>39</sup> e, áreas próximas ao arroio Santa Bárbara.

O vereador do Partido Social Democrata Wolney Vieira, defendeu a idéia de que o ocorrido deveu-se ao arrombamento dos açudes da granja do Sr. Adolfo Fetter, que ficava localizada do outro lado do Retiro. O Sr. Maximiano Cirne, vereador do Partido Social Progressista, afirmou que a culpa não cabia nem ao atual governo, muito menos ao governo anterior, porque ... *o imprevisto não é dado ao homem entender*. Para ele, a enchente poderia ter sido evitada se o Santa Bárbara tivesse sido projetado com canais mais largos e profundos. Ele lembrou que há alguns anos quando a população ficou sabendo que o curso do Arroio seria mudado, começou a entulha-lo. Segundo o vereador Maximiano Cirne:

*Quem não passou pela rua D. Pedro II. e não olhou o Santa Bárbara e não verificou que está quase que entulhado pelo lixo, casca de arroz, detritos? Numa tromba de água como esta a água encontrou resistência, anteparo e foi quando não pode com seu volume de água, com sua correnteza extraordinária abrir o leito e atingir o São Gonçalo. Esse represamento foi o que deu, em consequência a enchente na vertente, que depois se espraiou por toda a zona banhada pelo Santa Bárbara.<sup>40</sup>*

<sup>39</sup>A Vila Castilhos localiza-se no prolongamento do arroio Santa Bárbara, indo para o centro da cidade. Historicamente é uma zona muito atingida pelas enchentes.

<sup>40</sup>Na seqüência do debate, os vereadores, aludiam ao canal do arroio Pepino, todo canalizado de alvenaria, mas que, nada mais era, que um depósito de latas, cachorros mortos, imundícies e aguapés. Referiam-se às construções que estavam sendo realizadas na zona da Várzea, pois, sendo esta, uma área muito baixa, conseqüentemente, seus moradores seriam as próximas vítimas das enchentes. Para o vereador Maximiano Cirne a cidade estava expandindo-se ao contrário do que deveria ser. Estendia-se somente para a zona baixa,... *a Prefeitura deveria levar mais a sério, no seu departamento técnico esta questão das construções*. O que se percebe nos debates da Câmara é que, em 1956, o Poder Legislativo em Pelotas, discutia os problemas das enchentes e previa outros maiores ainda, como resultado da urbanização não planejada da cidade.

A enchente passou, deixando um rastro de destruição. Mobilizou as autoridades civis e militares e a população em geral. Os auxílios vieram de vários lados: das cidades vizinhas, das entidades esportivas e dos grupos empresariais e religiosos de Pelotas, entre outros. Quando voltou a circular, em 13 de fevereiro, o *Diário Popular*, trazia em suas páginas, além dos relatos sobre a trágica enchente e suas conseqüências, as diversas ações de solidariedade que estavam sendo desenvolvidas em Pelotas.

Na página três, do *Diário Popular*, do dia 13 de fevereiro, constava que a Rádio Minuano da cidade de Rio Grande realizaria programação especial em solidariedade à população de Pelotas, solicitando aos motoristas que possuíssem aparelhos receptores em seus veículos, que sintonizassem a programação, já que não havia energia elétrica. Ainda nessa página era divulgada lista, contendo os nomes de grupos que estavam auxiliando a população pelotense, com alimentos e roupas.<sup>41</sup>

Segundo constava na página dois, do *Diário Popular*, no dia 17 de fevereiro, as entidades esportivas, decidiram promover partidas de futebol entre seleções das cidades de Pelotas e Rio Grande. A primeira das partidas foi realizada no domingo, dia 18, e a toda renda do espetáculo reverteu em benefício dos flagelados da cidade. A promoção das entidades esportivas demonstrou uma situação

---

<sup>41</sup>Relação dos grupos divulgados: Loja Maçonaria Fraternidade nº 3, Pepsi-Cola, Rádio Cultura, Rádio Pelotense, Kolinos, Clubes Caixeiral e Comercial, Centro Israelita Pelotense, Ginásio Santa Margarida, Casa Norma e Tropa dos Bandeirantes. Esses grupos atuaram junto à Sub-Prefeitura de Pelotas. A Associação Comercial de Pelotas, A Liga Pelotense de Futebol e a Associação dos Cronistas Esportivos de Pelotas promoveram campanhas e espetáculos esportivos em prol dos flagelados. Na Campanha coordenada pela Associação Comercial de Pelotas, somaram-se outros órgãos, além dos já citados: o Jôquei Clube de Rio Grande, a rádio Rio-grandina e Minuano, os Diários Associados do Rio Grande do Sul, Sindicato dos Trabalhadores na Estiva de Rio Grande e Pelotas, Sindicato dos Trabalhadores em Carnes e Derivados e, ainda uma empresa de Caxias do Sul - Tecidos e Artefatos Kalil Sehbe S/A. Os trabalhadores do Frigorífico Anglo, pertenciam enquanto categoria ao Sindicato dos Trabalhadores de Carnes e Derivados e, a participação deles na campanha em prol dos flagelados de Pelotas, caracterizou mais um envolvimento daqueles trabalhadores com a cidade. *Diário Popular*, Pelotas, 17-18 fev. 1956.

de fraternal convivência entre futebol e cidade e, mais do que isso, a participação do esporte nas questões gerais que envolviam a vivência das famílias pelotenses.<sup>42</sup>

No *Diário Popular*, do dia 22 de fevereiro, encontrou-se mais uma relação de contribuição aos flagelados de Pelotas, onde constava o Frigorífico Anglo, com a doação de Cr\$ 3.300,00. Percebe-se, que no triste episódio que atingiu a *Princesa do Sul* em 1956, o Frigorífico envolveu-se, enquanto empresa, pelo menos em dois momentos - fornecendo luz e contribuindo com donativos - e por meio de seus trabalhadores, agindo através do seu sindicato.

O Poder Público Municipal Executivo e Legislativo tomaram várias providências no sentido de resolverem a situação de calamidade que se instalou em Pelotas, endereçando correspondência ao Governo do Estado e órgãos do Poder Federal, com pedido de alimentos, roupas, remédios e verbas para reconstrução de casas e estradas. Em 16 de fevereiro de 1956, constou nos *Ofícios da Câmara Municipal de Pelotas*, o telegrama enviado, pelo Legislativo pelotense ao Presidente do Brasil:

Excelentíssimo Senhor.

Tenho a honra de comunicar a V. Excia., que a Comissão representativa desta Câmara Municipal, em resolução plenária, resolveu, por unanimidade, secundar o apelo dirigido a V. Excia. pelo Prefeito de Pelotas, pleiteando auxílio para minorar os efeitos catastróficos causados pela enchente que, a 11 do corrente, assolou grande parte desta cidade e zonas rurais.

Renovo a V. Excia. os protestos de meu elevado apreço e consideração.

Jayme Gonçalves Wetzel  
Presidente

Ao. Ex.mo. Sr. Dr. Juscelino Kubitschek  
D. D Presidente da República

---

<sup>42</sup>O envolvimento com a cidadania pelotense por parte dos dirigentes esportivos, ainda se faz presente na cidade através de promoções realizadas pelo principais times em prol da população pelotense. Ilustrativo deste envolvimento foi o sorteio, ocorrido, enquanto realizava-se esta pesquisa, de *kits desemprego*, oferecido pelo Grêmio Esportivo Brasil, na partida realizada em 10 de abril de 1999, na cidade de Pelotas, que visava a premiar alguns torcedores desempregados. Vale lembrar a participação das torcidas organizadas deste mesmo time em benefício do Pronto Socorro da Fundação de Apoio Universitário.

Rio de Janeiro

Apesar do apelo do Poder Público Municipal, às autoridades estaduais e federais, a recuperação das zonas atingidas pela enchente deu-se muito mais pela solidariedade imediata da população, de grupos empresariais, sindicais e religiosos de Pelotas e das cidades vizinhas, do que por estes órgãos.<sup>43</sup>

No jornal *A Opinião Pública* de 05 de agosto de 1958 - exatamente dois anos e seis meses depois da enchente - constava um ofício da Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional, oriundo de Porto Alegre e dirigido à Associação Comercial de Pelotas. O referido ofício respondia sobre os processos relativos ao pagamento de indenizações por prejuízos causados pela enchente de fevereiro de 1956, registrando que:

*Parte dos processos referentes aos pedidos de auxílio a que alude o telegrama de fls. 1/4, originário do Rio Grande do Sul, foi para o cumprimento das exigências, reencaminhada à Delegacia do Tesouro Nacional naquele Estado, com a devida recomendação de que seja reconstituída a missão que teve por incumbência a apuração dos prejuízos ocasionados por fatores naturais nos municípios de Jaguarão e Pelotas.*

Saudações

João de Oliveira Castro Viana - Chefe de Gabinete<sup>44</sup>

<sup>43</sup>Quanto às indenizações solicitadas pelos moradores prejudicados com a enchente, elas ainda tramitavam nos órgãos competentes após dois anos do fato ocorrido. Verificou no dia seis de junho de 1958, registrado no jornal *A Opinião Pública*, a resposta do Ministro da Fazenda ao deputado gaúcho Adylio Martins, referentes aos 2.101 processos oriundos do Rio Grande do Sul, relacionados com os prejuízos causados pela enchente de fevereiro de 1956. Segundo o Ministro, os processos chegaram ao Rio em 12 de abril de 1958, e estavam sendo examinados em separado, medida essa que se encontrava em fase final. Para a apuração desses prejuízos, foi designada uma comissão no Rio Grande do Sul, que já ultimou os trabalhos, *os quais estão sendo examinados pela diretoria Geral da Fazenda Nacional, devendo serem os pagamentos brevemente iniciados.*

<sup>44</sup>Além de não terem sido reparados os danos da cheia, ainda não se resolveram possíveis problemas causadores da mesma, como se verificou no jornal *A Opinião Pública* de 19 de maio de 1959 que publicou um memorial dos Sindicatos de Trabalhadores, dirigido ao Presidente da República. O referido memorial cobrava a canalização do Santa Bárbara e o saneamento na zona da Várzea e denunciava os usos indevidos das verbas que vieram para os flagelados de 1956, e que, segundo eles, havia sido utilizada para fins políticos. Assinava o memorial, o Sr. Lourenço Brasil de Freitas, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Carnes e Derivados.

Ao relatar-se a enchente de 1958, retratou-se a participação cidadã dos trabalhadores pelotenses, que liderados pelos seus sindicatos e entidades esportivas,<sup>45</sup> estiveram envolvidos na ajuda solidária aos flagelados. Ressaltou-se também a importância do envolvimento dos empresários locais e de cidades vizinhas, bem como do Poder Público Municipal Executivo e Legislativo. Registrou-se que a participação dos dirigentes do Frigorífico Anglo, nesse episódio vivenciado pelos pelotenses, foi de fundamental importância, tanto ao fornecer a energia elétrica para alguns pontos da cidade, como na colaboração com donativos aos flagelados. Igualmente como os outros órgãos e empresas que se envolveram no socorro à cidade, os dirigentes do Frigorífico tiveram um gesto humanitário que demonstrou seu envolvimento com os cidadãos do lugar, onde trabalhavam e residiam.

#### 4.3 A greve do Frigorífico Anglo em 1958.

*Era muito bom trabalhar no Frigorífico. Eles eram muito justos. Um minuto trabalhado a mais, era um minuto pago a mais. Todos os nossos direitos eram respeitados. E, em dia. Sempre o pagamento em dia.. Se o dia do pagamento caísse no domingo era efetuado na sexta Se sexta fosse feriado, eles pagavam na quinta..<sup>46</sup>*

O fragmento do discurso acima revela a idéia de *justiça e legalidade* que os trabalhadores percebiam na administração do Frigorífico Anglo. Porém, isso não significa que eles não tivessem sentido a necessidade, eventualmente, de utilizarem os instrumentos de repúdio à infração de seus direitos - a greve.

---

<sup>45</sup>O Sr. Patrick Murray, era chefe do Departamento Pessoal do Frigorífico em 1943, e foi eleito para a diretoria do Grêmio Esportivo Brasil em fevereiro de 1944. *Diário Popular*. Pelotas. 01 de fev. de 1944.

<sup>46</sup>D. Maria Teresa Teixeira, seu Onofre Miranda, seu Alberto, D. Maria de Lourdes, em entrevistas concedidas em Setembro de 1995. Sr. Virgílio, Seu Jacó Moreira, Sr. João Islabão, seu Hugo Huckembeck, seu Sílvio Cavalheiro, seu Vildeman Garcez, em entrevistas concedidas em janeiro e fevereiro de 1998.

Em junho de 1958, o Sindicato dos Trabalhadores de Carnes e Derivados, organizou com os trabalhadores do Frigorífico, uma grande manifestação. Em dois de junho de 1958, o jornal *A Opinião Pública* publicou nota onde o delegado Ely de Pinho Faustino, titular da Delegacia de Ordem Política e Social, avisava que a greve do Frigorífico Anglo era ilegal e *que os trabalhadores honestos não devem se deixar levar por cantos de sereias*.<sup>47</sup> Essa nota chamou atenção pelo fato de que a greve sequer havido iniciado, já que foi decretada em quatro de junho de 1958.

O Sindicato dos Trabalhadores respondeu ao Delegado Ely Faustino, em nota publicada no jornal *A Opinião Pública* de quatro de junho de 1958, que a Delegacia de Ordem Política e Social não dispunha de direito legal para decidir sobre a legalidade ou não da greve e que esta atribuição era da primeira Instância do Tribunal Regional do Trabalho, da 4ª Região e, em segunda Instância, do Tribunal Superior do Trabalho. A nota ainda afirmava que:

*As conseqüências do movimento são de ordem exclusivamente trabalhistas para os operários, o que foge às preocupações da autoridade policial, por mais humanas que elas sejam. ...Lamentamos, finalmente que o ilustre titular da Delegacia de Ordem Política e Social, tenha confundido os fatos, como se depreende de seu aviso, pois este sindicato ajuizou contra a S. A. Frigorífico Anglo um dissídio coletivo, para melhoria de salários, adotando o rito do Decreto lei nº 9070, que permite a paralisação do trabalho, geral ou parcial. É elementar e evidente que, tendo sido o litígio ajuizado dentro das normas do citado Diploma Legal, poderá haver greve geral ou parcial, dos operários do Anglo, sem o mais mínimo desrespeito à ordem e à lei”.*

*Pelotas, 03 de junho de 1956*

*Lourenço Brasil de Freitas*

*Presidente*

---

<sup>47</sup>*A Opinião Pública*. Pelotas, 02 jun. 1958.

No dia quatro de junho de 1958, o jornal *A Opinião Pública*, registrou que desde à zero hora daquele dia (04) irrompera um movimento grevista no Frigorífico Anglo, onde há já algum tempo o Sindicato dos Trabalhadores estava em litígio, tendo inclusive instaurado o Dissídio Coletivo. O secretário do Sindicato, Sr. Francisco dos Santos, informou ao jornal que os trabalhadores haviam aceitado uma proposta conciliatória do Ministério do Trabalho, correspondendo ao aumento de 25%, faltando somente discutir a data de pagamento. Ressaltou o secretário que *cumprida as exigências legais e como o Anglo nada respondesse, deliberaram então os trabalhadores entrar em greve, de cujo movimento estão participando todos os trabalhadores da empresa. O Sindicato se mantém em Assembléia permanente e o movimento é de caráter pacífico.*

Em entrevista por telefone ao repórter do jornal *A Opinião Pública* o Sr. Gabriel Novais, Gerente do Frigorífico Anglo, informou que o movimento atingiu todas as seções da empresa e apenas algumas mulheres haviam assumido o serviço pela manhã. Comunicou ainda que nenhuma anormalidade ocorreu e que foram tomadas as providências de praxe, estando o Frigorífico guardado por soldados do policiamento.

Em Pelotas, a organização sindical primava pela união e solidariedade, conforme notícias divulgadas na imprensa. No dia seis de junho, quatro dias após a divulgação do delegado Ely Faustino, sobre a ilegalidade da greve no Anglo, foi publicada no jornal *A Opinião Pública*, uma moção de solidariedade onde doze

sindicatos<sup>48</sup> de Pelotas tornavam público seu apoio e *solidariedade irrestrita* aos trabalhadores do Frigorífico Anglo, empenhados na luta de melhores salários. Outrossim, a moção também manifestava desagravo ao Presidente da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias da Alimentação do Rio Grande do Sul e do Sindicato dos Trabalhadores de Carnes e Derivados, pelo tratamento ofensivo dispensado pelo Delegado da Ordem Política e Social.

A greve no Frigorífico Anglo repercutiu na cidade, no Estado e no País. Para Pelotas vieram autoridades ligadas ao Ministério do Trabalho, como o próprio Delegado do Trabalho, Dr. Clay de Araújo, o Presidente da Federação dos Trabalhadores na Indústria de Alimentação do Rio Grande do Sul, Sr. Bento Lopes Godoy, e o Sr. Severo Dellmar delegado da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria para, juntamente, com os trabalhadores e dirigentes do Frigorífico, apressarem as negociações e porem fim à greve.<sup>49</sup>

Merece atenção no episódio da greve, a posição dos dirigentes ingleses da empresa. Aparentemente eles se mantiveram *discretos*, mantendo conversas evasivas, pelo telefone, conforme registrou o jornal *A Opinião Pública*:

---

<sup>48</sup>Relação dos sindicatos que assinaram a Moção de solidariedade: Sindicato da Fiação e Tecidos de Pelotas, Sindicato do Trigo, Milho, Mandioca, Arroz, Doces e conservas Alimentícias de Pelotas, Metalúrgicas, Mecânicas e do Material Elétrico de Pelotas, Comércio e Hoteleiros e similares de Pelotas, Vidros, Cristais e Louças de Pelotas, Condutores Rodoviários de Pelotas, Gráficos de Pelotas, Alfaiates, Costureiras e Trabalhadores nas indústrias de roupas e chapéus de senhora e de calçados de Pelotas, Empresa de Carris Urbanos de Pelotas, Bancários de Pelotas, Empregados do Comércio de Pelotas, Indústria de Construção e do imobiliário de Pelotas. O Sindicato do Trigo, milho, mandioca, arroz, doces e conservas alimentícias de Pelotas, mais tarde unificou-se ao Sindicato dos Trabalhadores em Carnes e Derivados, tornando-se o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Alimentação de Pelotas.

<sup>49</sup>*A Opinião Pública*. Pelotas, 06-07 jun. 1958.

*Em contato telefônico mantido hoje de manhã com o Sr. Gabriel Novais, Gerente da S. A. Frigorífico Anglo, fomos informados que essa empresa aguarda a decisão da Justiça Trabalhista, de vez que foi impetrado dissídio coletivo, que será julgado nos próximos dias (...) O Sr. Gabriel Novais cingiu-se a declarar que os resultados da reunião eram do conhecimento do Delegado Regional do Trabalho que dela participou, escusando-se delicadamente a entrar em maiores detalhes a respeito do assunto.<sup>50</sup>*

Apesar da atitude discreta por parte dos dirigentes do Frigorífico, em passar para a justiça a decisão da greve, eles não deixaram de pressionarem os operários, para que voltassem ao trabalho. No dia seis de junho, no jornal *A Opinião Pública*, o Sr. Francisco dos Santos, secretário do Sindicato dos Trabalhadores de Carne e Derivados, respondeu à reportagem, sobre a nota divulgada pela direção da empresa. Nessa nota, os dirigentes solicitavam o retorno dos trabalhadores ao serviço, sob pena de medidas punitivas aos faltosos. Segundo o Sr. Francisco os trabalhadores receberam a nota *com muita coragem, a qual serviu apenas para acentuar a coesão já existente e o espírito de solidariedade que inspira a sua classe.*<sup>51</sup>

Durante as negociações que deram término a greve, os trabalhadores e a direção do Frigorífico contaram com a colaboração conciliatória do Delegado do Trabalho, Dr. Clay de Araújo. No dia seguinte à assembléia geral dos funcionários, em que decidiram pôr fim à greve, o Delegado do Trabalho, concedeu entrevista à imprensa local. Entre outros assuntos ressaltou seu empenho em terminar com o movimento paredista, buscando uma proposta conciliatória. O Dr. Clay de Araújo, explicou que, em uma assembléia com cerca de novecentos trabalhadores, submeteu a nova proposta, *esclarecendo na ocasião que a greve estava prejudicando a economia nacional, de vez que o governo da união para conseguir divisas, firmara um contrato de exportação de carnes, cujos riscos da mesma, alheios a sua vontade estavam cobertos pelo governo.* Segundo ele, os trabalhadores avaliaram as

<sup>50</sup>*A Opinião Pública*. Pelotas, 07 jun. 1958

<sup>51</sup>*A Opinião Pública*. Pelotas, 06 jun. 1958

circunstâncias expostas e, *patrioticamente*, resolveram aceitar a proposta, pondo fim ao movimento de greve<sup>52</sup>.

Oito dias após ter sido deflagrado o movimento paredista, nos quais os trabalhadores se mantiveram unidos, terminou a greve, sendo que a categoria reunida em Assembléia Geral, aceitou as propostas que foram discutidas e acordadas entre Sindicato, Ministério do Trabalho e dirigentes do Frigorífico Anglo,<sup>53</sup> conforme anexo:

#### **TERMO DO ACORDO EM DISSÍDIO COLETIVO**

*A S.A. frigorífico Anglo e o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Carnes e Derivados, da Torrefação e Moagem de Café e de Fumo de Pelotas, da classe de seus empregados, por seus representantes abaixo nomeados, ajustam e estabelecem o seguinte, com relação ao Dissídio coletivo, ora em curso:*

*1º) As partes se comprometem aguardar a solução do dissídio coletivo, pela Justiça do Trabalho.*

*2º) As condições que forem estabelecidas vigorarão para as partes de 1º de maio de 1958, independentemente da data da decisão.*

*3º) Para efeito de revisão das ditas condições, porém vigorará a data fixada na decisão do Tribunal Regional do Trabalho.*

*4º) A empresa pagará aos grevistas os domingos dias 08 e 15 do corrente e o feriado do dia 05, independentemente da frequência aos dias úteis nesse.*

*5º) A empresa não adotará represália de qualquer espécie contra nenhum grevista, pela sua participação no movimento.*

*6º) O Sindicato se compromete a interromper a greve a partir desta data aguardando os empregados, normalmente de qualquer categoria ou seção, no serviço.*

*E por assim estarem de acordo, assinam o presente instrumento, em duas vias na presença das testemunhas abaixo.*

*Pelotas, 10 de junho de 1958*

*Mr. Alexandre; Sindicato dos Trabalhadores de Carne e Derivados, da Torrefação de Moagem de Café e do Fumo de Pelotas - Presidente Lourenço Brasil de Freitas, Bento Lopes Godoy e Clay Hordman de Araújo.*

Os trabalhadores do Frigorífico mantiveram-se unidos e paralisados por oito dias, forçando os patrões a discutirem com eles um aumento de salário.

Relatando sobre a greve do Anglo, o Dr. Clóvis Russomano,<sup>54</sup> colocou que:

<sup>52</sup>A *Opinião Pública* Pelotas, 12 jun. 1958

<sup>53</sup>A *Opinião Pública*. Pelotas, 11 jun. 1958

<sup>54</sup>Dr. Clóvis Russomano, foi advogado de vários Sindicatos de Trabalhadores, desde o ano de 1948 até 1976. Quando concedeu a entrevista era representante jurídico do Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil de Pelotas. Entrevista em nove de abril de 1999.

*A greve ocorreu e foram oito dias de muita negociação. Nós estávamos negociando aumento de salário e a greve foi precipitada pela presença do Presidente da Federação dos Trabalhadores da Alimentação, em Pelotas. Porque eu sempre digo, a greve é como uma arma que o sujeito carrega na cintura. Enquanto não pegar nela o outro não sabe o que vai acontecer e está com medo, sem saber se eu vou atirar ou não. Uma vez disparada não tem mais volta. Foram oito dias tumultuados, em que todos os trabalhadores do Anglo permaneceram parados esperando o fim das negociações. A greve terminou, porque conforme foi cogitado na época, ambos os lados estavam no seu limite. Do lado do Frigorífico, não havia mais reserva de carnes para a venda. Do lado do trabalhador, estava difícil ficar sem salário. Eu sempre digo, era naquele tempo, ainda é hoje, o trabalhador brasileiro trabalha de dia para comer de noite. Imagine uma semana sem trabalho e todo aquele desgaste.*

Ao ser perguntado sobre outras possíveis greves em Pelotas naquele período, e se havia ocorrido repressão por parte dos dirigentes do Frigorífico aos trabalhadores grevistas, o Dr. Clóvis respondeu:

*Não. Em Pelotas, naquele momento foi greve só do Anglo. Aliás não era muito comum greves em Pelotas, principalmente neste período. O Frigorífico fez somente essa greve. A vitória da greve não foi muito expressiva. Mas o que ficou acordado entre as partes foi rigorosamente cumprido. Aliás, uma característica dos dirigentes do Anglo, era cumprir sempre a Lei. Como ingleses, eles eram rigorosos no cumprimento das leis. As poucas causas que se moveu contra eles, eram matéria de muita discussão e rendiam bastante, porque era difícil ganhar, já que eles eram muito cumpridores da lei. Como todo patrão, reagiram mal, mas foram negociar. Não houve repressão nenhuma. Uma vez terminada a greve e, assinado o acordo, tudo voltou ao normal, sendo que eles não mais falaram sobre aquilo. Afinal eles eram ingleses e sabiam respeitar as leis.*

O discurso do Dr. Clóvis, retratou também o que os trabalhadores deixam transparecer em suas falas: a questão da *legalidade e justiça* que, segundo eles, eram praticadas pelos dirigentes ingleses. Entretanto, apesar da preocupação em cumprirem a lei, eles forçaram os trabalhadores, a recorrerem à paralisação do

trabalho, para verem seus salários aumentados. A prática de *cumprir a lei* por parte dos dirigentes do Anglo, ocorreu também ao término da greve, pois o aumento de salário pleiteado pelos trabalhadores, conforme o acordo assinado pelas partes envolvidas, e confirmado no depoimento do Dr. Clóvis, foi passado para a decisão da Justiça do Trabalho.<sup>55</sup>

O Frigorífico voltou às manchetes nos jornais da cidade ainda em 1958. Em doze de agosto de 1958, *A Opinião Pública*, registrou que o Anglo havia aumentado o preço da carne que era entregue aos retalhistas.<sup>56</sup> Nesse mesmo dia, segundo o noticiário, o Dr. João Neves Antunes, secretário da Comissão Municipal de Abastecimento e Preços (COMAP), iria reunir-se com o Sr. Adolfo Fetter, Prefeito da cidade e também Presidente deste órgão, para discutirem e darem os devidos encaminhamentos ao assunto. Em entrevista telefônica concedida ao jornal, nesse mesmo dia, o Sr. Gabriel Novais, gerente do Frigorífico, informou que não havia ocorrido aumento, apenas atualização dos preços que já estavam liberados pelo Governo Federal, desde o ano passado. No entanto, escusou-se a fornecer maiores detalhes sobre os preços agora estabelecidos.

O aumento no preço da carne gerou em Pelotas um movimento contra a carestia coordenado pelos Sindicatos Reunidos, o qual contou com o apoio da Câmara de Vereadores. Os Sindicatos Reunidos elaboraram um documento protestando contra a carestia e organizaram assembléias e comícios contra o aumento dos preços.<sup>57</sup> O protesto dos Sindicatos dos Trabalhadores e a intervenção da Comissão Municipal de Abastecimento e Preços, forçou os dirigentes do Frigorífico a recuarem na sua decisão de aumentar o preço da carne.<sup>58</sup>

---

<sup>55</sup>Ver *Termo do Acordo em Dissídio Coletivo*. art. 1º. p. 27.

<sup>56</sup>*Marchantes e retalhistas*, eram os comerciantes que compravam carne dos frigoríficos e matadouros, para venderem a varejo em seus estabelecimentos comerciais ou *açougues*.

<sup>57</sup>*A Opinião Pública*. Pelotas, 29-30 out. 1958, 1º-3 nov. 1958.

<sup>58</sup>*A Opinião Pública*. Pelotas, 22 out. 1958.

Ao relatarem-se alguns aspectos da greve dos trabalhadores do Frigorífico Anglo, a participação da empresa na decisão de aumento dos preços da carne, e a organização dos trabalhadores pelotenses no movimento contra a carestia de vida, apresentou-se elementos que relacionaram-se intrinsecamente na história daquela instituição com a cidade de Pelotas. Apontou-se também, para a possibilidade de estudos mais profundos, principalmente, referentes a greve, que precisam ser analisados, envolvendo outros aspectos: como realmente ocorreu a organização dos trabalhadores do Anglo? Como se dava permanentemente o relacionamento patrão-estrangeiro - operário-brasileiro? Como repercutiu a greve na cidade? Qual foi o envolvimento das lideranças locais nesse episódio?

#### **4.4 Chuvas e aumento de preços: a luta e a organização dos trabalhadores pelotenses em 1959**

Os fatos historiados sob este título, tem em comum, aos já descritos anteriormente, como o das chuvas e do aumento de preço da carne, as relações entre patrões e trabalhadores do Frigorífico Anglo e a sociedade pelotense. Optou-se por analisá-los cronologicamente separados nos anos de 1958 e 1959, por entender-se que a cada ano os trabalhadores pelotenses, buscaram soluções novas para *velhos problemas*. Os dois fatos elegidos para análise ocuparam espaço nas manchetes da imprensa local permanentemente, no ano de 1959, o que deve-se ao fato de que, tanto as chuvas como o aumento do preço da carne, marcaram o cotidiano dos pelotenses nesse ano.

O jornal *A Opinião Pública*, do mês de abril de 1959 registrou mais uma devastadora enchente em Pelotas e arredores. Dessa feita, a água fez transbordar o canal São Gonçalo e zonas próximas, causando um expressivo número de

flagelados.<sup>59</sup> Segundo a imprensa essa enchente, pode ser comparada com a de fevereiro de 1956.

No dia 18 de junho de 1959, *A Opinião Pública*, anunciou que a Prefeitura de Pelotas elaborou um plano para conceder moradia própria em lugar adequado, a mais de cem famílias das vilas inundadas pelas enchentes. As moradias seriam construídas com verbas do Governo Federal, enviada através do Governo do Estado. No dia 21 de junho, no mesmo jornal, a bancada do Partido Trabalhista Brasileiro acusou o então Prefeito de Pelotas, Sr. Adolfo Fetter, de desvio dessas verbas.

Enquanto os Poderes Municipais Executivo e Legislativo discutiam suas ações, sem conseguirem resolverem os problemas dos flagelados, a cidade foi novamente ameaçada com um aumento do preço da carne. Em primeiro de julho de 1959, no *A Opinião Pública*, os retalhistas pelotenses denunciaram que o Frigorífico Anglo, de Pelotas e o Swift, de Rio Grande aumentaram em Cr\$ 2,00 o preço do quilo da carne.<sup>60</sup>

Os trabalhadores pelotenses ainda estavam às voltas com o aumento do preço da carne e novamente sofriam o flagelo das águas. Em julho, as chuvas voltaram a cair e fizeram subir canal o São Gonçalo, acarretando o flagelo de mais de 100 pessoas. Com o aumento do volume das águas, as barcas do São Gonçalo, que faziam a travessia Pelotas-Rio Grande, foram suspensas e os ônibus interurbanos com saída de Pelotas, tiveram suas linhas impedidas de trafegar.<sup>61</sup> Em agosto de

---

<sup>59</sup>*A Opinião Pública*.. Pelotas, 16-29 abr.1959.

<sup>60</sup>No dia seis de julho, o jornal *A Opinião Pública* registrou a reunião que ocorreu entre os *marchantes* e dirigentes de alguns frigoríficos, com o Prefeito de Pelotas e Presidente da Comissão Municipal de Abastecimento de Preços. A reunião tratou sobre o aumento da carne e contou com a presença dos representantes do Matadouro Pelotense e do Frigorífico Anglo. No final da reunião, o prefeito, Sr. Adolfo Fetter, decidiu por não liberar o preço da carne.

<sup>61</sup>*A Opinião Pública*.. Pelotas, 08-14 jul. 1959.

1959, embora tivessem cessado as chuvas, o São Gonçalo continuava a subir, acarretando uma situação de flagelo e desolação na cidade. No dia 31 de agosto foi celebrada missa na Catedral São Francisco de Paula, para que as chuvas parassem e acabassem as enchentes.<sup>62</sup>

Ainda no mês de agosto de 1959, voltaram os problemas causados pelo aumento do preço da carne. Embora o Prefeito de Pelotas, houvesse tabelado o preço da carne e os retalhistas lhe oferecido apoio irrestrito, os frigoríficos responsáveis pela distribuição da mesma, aumentaram o quilo do boi casado.<sup>63</sup> No dia doze agosto *A Opinião Pública*, registrou que havia sumido a carne verde (fresca) dos açougues pelotenses. O referido jornal publicou também que os retalhistas foram compelidos a comprar carne do Frigorífico Anglo, por ser o único que dispunha do produto. A briga dos retalhistas pelotenses, com os frigoríficos perdurou por todo mês de agosto, a ponto de faltar carne para abastecer a população por várias vezes. O quadro seguinte, elaborado a partir das pesquisas nos jornais pelotenses, demonstra os problemas vividos pela população, com as enchentes e o aumento do preço da carne:

## **Quadro 2:** Principais manchetes da imprensa local no mês de agosto de 1959

---

<sup>62</sup>*A Opinião Pública*.. Pelotas, 28-31 ago. 1959.

<sup>63</sup>*Boi Casado* era a carne que os retalhistas adquiriam, e que comportava todos os tipos de corte. Vinha *casado* o corte bom e o ruim.

DATA	A OPINIÃO PÚBLICA	DATA	DIÁRIO POPULAR
07/08/	Carne tabelada pela COMAP	05/08	Rio: suspender exportações de carne não resolverá caso de abastecimento interno.
08/08	Retalhistas ao lado do Sr. Adolfo Fetter.	06/08	Preço da carne: reunião hoje.
14/08	Normaliza-se o abastecimento da carne.	07/08	Carne voltará aos preços do mês findo.
18/08	Outra vez: açougueiros estão sem carne para abastecimento.	15/08	Carne: vai se normalizando o abastecimento a população.
21/08	Pelotas sem carne.	19/08	Porto Alegre: Brizola diz que exportações de carne serão proibidas.
22/08	Falta de carne continua ainda.	22/08	Prefeitura e Secretaria da Economia empenhadas em solucionar o problema da carne em Pelotas.
24/08	Vila Castilhos ficou com duas quadras alagadas. Comício contra carestia hoje.	23/08	O abastecimento será assegurado se não houver aumento de preço.
25/08	Será mantida a tabela da COMAP. O comício contra a carestia foi realizado ontem à noite.	25/08	Mantido os preços da Carne! Satisfeito o Prefeito local.
26/08	Perigo das enchentes chegou com a chuva	27/08	Perigo da enchente ronda novamente a nossa cidade.
27/08	Mais de 700 flagelados em mais uma enchente em Pelotas.	28/08	Enchente: flagelados mais de 500.
28/08	Enchente estacionada em nossa cidade.	29/08	Inalterada a situação da enchente em nossa cidade.
29/08	Vento favorável, mas o São Gonçalo está 2,26 acima do normal.	30/08	Pelotas: agravou-se a situação da enchente: mais de 1500 flagelados.
31/08	Enchente: flagelo e desolação.		

Em agosto de 1959, os trabalhadores locais, liderados por seus sindicatos de classe reiniciaram<sup>64</sup> movimentos de protesto contra o alto custo de vida, conforme publicação do dia 21 de agosto, no jornal *A Opinião Pública*:

*Está definitivamente programado para o próximo dia 24, no largo da Prefeitura, um comício promovido pelos sindicatos de trabalhadores, associações profissionais e União Pelotense dos Estudantes secundários, com a finalidade de protestar contra o alto custo de vida, problema que se vem agravando assustadoramente nos últimos dias. A fim de que não sejam prejudicadas as homenagens que o PTB prestará à memória de Getúlio Vargas, o comício terá início às 19,30 horas encerrando às 21 horas.*

<sup>64</sup>Os trabalhadores pelotenses através de seus Sindicatos Reunidos, permaneciam mobilizados e irmanados a um movimento de trabalhadores que estava ocorrendo a nível nacional contra a carestia de vida e por melhores salários, conforme notícia da imprensa local. *Diário Popular*. Pelotas, 10 jan. 1959.

*A Opinião Pública* do dia 25 de agosto comentou que o comício contra a carestia havia sido realizado na noite anterior, e marcou o início da jornada dos trabalhadores pelotenses contra o alto custo de vida, a luta pela lei da Previdência Social, pelo direito de greve e pela instituição de salário móvel. Naquele comício, também ficou programada uma greve geral, para o dia três de outubro do corrente ano, caso não fossem aprovadas, até aquela data, as referidas reivindicações.<sup>65</sup>

O mês de setembro iniciou com o problema do preço alto e da falta da carne. Conforme registrou o jornal *A Opinião Pública* de três de setembro de 1959, os açougues negavam-se a cumprir a tabela de preços. O Prefeito Adolfo Fetter pedia a colaboração do povo para que adquirissem o produto no Mercado Público e na Cooperativa Sudeste, onde ele ainda existia em abundância. Em nove de setembro, nesse jornal o Prefeito de Pelotas comunicava que iria pedir a intervenção da Comissão Federal de Abastecimento e Preços nos frigoríficos. A crise da carne, que atingiu a população pelotense, perdurou pelo mês de outubro.<sup>66</sup>

O aumento do preço e a ausência da carne deveriam parecerem pequenos problemas, para os pelotenses, diante do fato de que em setembro de 1959, novas enchentes ocorrem na cidade, acarretando um expressivo número de flagelados na zona da Várzea.<sup>67</sup> Dessa vez, as águas, além de causarem flagelados, inundaram várias ruas, que permaneceram sem comunicação por vários dias. No dia 24 de setembro, *A Opinião Pública*, registrou que os telegramas não podiam ser entregues nas ruas alagadas pela enchente. Note-se que essas chuvas reiniciaram em 16 de setembro.

---

<sup>65</sup>Em 16 de setembro, o jornal publicou nota sobre a reunião dos sindicatos, Associações de Classes locais, que, integradas em âmbito nacional ao movimento dos trabalhadores, mantêm-se firme no propósito de ir à greve em 03 de outubro, caso não sejam aprovados suas reivindicações. *A Opinião Pública*. Pelotas, 16 set. 1959. As reivindicações são: Projeto de lei que regulamenta o direito de greve, Lei Orgânica de Previdência Social, Adoção do Salário Móvel e contenção dos preços dos gêneros de primeira necessidade.

<sup>66</sup>*A Opinião Pública*, Pelotas, 23-27 out. 1959.

<sup>67</sup>*A Opinião Pública*. Pelotas, 16-30 set. e 03-31 out. 1959. Na zona da Várzea, fica localizado o Bairro da Balsa, objeto de estudo deste trabalho.

Em entrevista concedida à autora, o Sr. Sebastião dos Santos, ex-operário do Frigorífico,<sup>68</sup> relatou as discussões entre os trabalhadores do Anglo e o Prefeito de Pelotas, para colocarem uma bomba de recalque e esvaziarem a Várzea. O Sr. Sebastião lembrou que formaram uma comissão dos Sindicatos e Igreja e gestionaram junto à Prefeitura Municipal o apoio para fazerem funcionar uma bomba junto ao arroio do Pepino. Entretanto, segundo ele, o Prefeito manteve-se irredutível, proibindo-os de colocarem a bomba em funcionamento, porque de nada iria adiantar. Sobre uma dessas reuniões, o Sr. Sebastião relatou o seguinte:

*Sr. Prefeito, estamos todos embaixo d'água. Nem o asseio público entra mais. Vamos despejar na rua? Estamos sujeitos a criar uma calamidade pública e, o Sr. é responsável por isso. Nós vamos tentar, Sr. Prefeito. Temos o apoio do Joel Monteiro das bombas, o Fonseca Júnior vai ajudar com o trator, a areia e o óleo. Vamos criar uma barragem no Pepino, e escoar a água. Às quatro horas da tarde, de sábado, estaremos colocando a bomba.*

O argumento do Sr. Adolfo Fetter foi o de que, a água voltaria a subir. A comissão insistiu e colocou a bomba em funcionamento. O Sr. Sebastião lembrou que, quando começou a funcionar a bomba, o Prefeito chegou guarnecido por dois policiais da Brigada Militar, contemplou os trabalhos, e foi embora. Relatou ainda que comunicaram ao Governador do Estado, Sr. Leonel Brizola, que sobrevoou a cidade, na manhã daquele domingo e, resolveu solicitar verbas ao Governo Federal, pois, o Governador, entendia ser da competência daquele órgão a instalação das bombas de recalques. O então, Presidente da República, Dr. Juscelino Kubitschek, mandou colocar as bombas.<sup>69</sup>

<sup>68</sup>O Sr. Sebastião era delegado sindical, e chegou a Presidente do Sindicato, em 1963.

<sup>69</sup>A luta dos trabalhadores pelotenses em busca de soluções para a inundação das ruas, relatada pelo Sr. Sebastião, também foi registrada na *Opinião Pública*, dos dias 30 de setembro e 02,03,08 de outubro de 1959. Alguns meses depois a Prefeitura recebeu verba do Governo Federal para a instalação da referida bomba, instalada no arroio Pepino, e que levou o nome do Governador Leonel Brizola. Em 22 de outubro de 1959, *A Opinião Pública*, registrou a chegada em Pelotas, de uma bomba de recalque, para pôr fim ao caos na Várzea. As chuvas voltaram a cair fortes em Outubro, ocasionando 720 flagelados. *A Opinião Pública* de 12 de novembro colocou que os problemas das cheias será resolvido pela bomba de 3.000 litros, instalada na Várzea.

Para a população pelotense, o ano de 1959 foi marcado por muitos momentos difíceis de suportar: aumentos sucessivos da carne, desrespeito por parte dos frigoríficos e açougues das tabelas de preços e, chuvas constantes que inundaram algumas áreas da cidades por diversas vezes. Percebe-se, nesses momentos, a intervenção dos trabalhadores, organizados em seus sindicatos, que se mobilizaram através de comissões, chegando, inclusive, a intervir nas funções do Poder Executivo.<sup>70</sup>

Ressalta-se como bastante significativa a participação dos trabalhadores do Frigorífico Anglo, associados atuantes do Sindicato dos Trabalhadores de Carnes e Derivados, e também a participação indireta dos dirigentes da empresa que, de alguma forma, permitiram que seus trabalhadores, líderes sindicais, participassem das reuniões, em seus horários de trabalho, onde eram discutida a instalação da bomba de recalque, conforme relatou o Sr. Sebastião dos Santos:

*Nesse ano o chefe era o Mr. Alexandre Kerl. Eu conversava muito com ele. Até a respeito de sindicato. Porque o sindicato no mundo foi criado na Inglaterra. Por isso, eu aprendi muito com ele. Eu disse a ele, que nós tínhamos que resolver o problema da bomba, para escoar a Várzea, que o Prefeito não queria deixar, e que a comissão iria se reunir de manhã. Ele me disse: O Sr. vai nessa comissão. O Sr. vem aqui trabalhar, sai, e depois volta, fica por sua conta.*

#### **4.5 O Movimento da Legalidade e os trabalhadores pelotenses**

O estudo que segue, tem, como objetivo principal, registrar dois aspectos do movimento Legalista, de 1961, que ocorreram na cidade de Pelotas, liderado pelos

---

<sup>70</sup>Instalação da bomba de recalque, para esvaziar a água da Várzea.

sindicatos, partidos políticos e associações, de forma a ajudar na narrativa sobre o Frigorífico Anglo nesta cidade. O primeiro relaciona-se com a posição do Executivo pelotense, ocupado na época pelo Dr. João Carlos Gastal, do Partido Trabalhista Brasileiro, que, imediatamente, após o desencadeamento do movimento pela Legalidade, liderado pelo então Governador Leonel Brizola, declarou seu apoio, iniciando ativas mobilizações. O segundo aspecto apresentado neste estudo, pretende relatar o envolvimento dos trabalhadores do Frigorífico nessas mobilizações a partir da atuação no Sindicato dos Trabalhadores de Carnes e Derivados.

No dia 24 de agosto de 1961, *A Opinião Pública*, destacou a seguinte reportagem:

*Realizou-se ontem à noite na sede da Associação Municipal de Pelotas, uma reunião de todas as entidades dos trabalhadores da “Princesa do Sul”, onde foi debatida amplamente a elevação constante do custo de vida que gradativamente vai assolando a bolsa do pobre. (...) ao final da reunião os trabalhadores resolveram convocar uma Assembléia Geral convocando a presença de representantes sindicais e associações. A reunião será realizada amanhã, dia 25, na Casa do Trabalhador, oportunidade que será redigida um memorial a ser entregue ao Presidente Jânio Quadros, por ocasião de sua visita ao nosso Estado.*

Enquanto os trabalhadores pelotenses realizavam uma reunião e propunham ações em prol de seus problemas, o Presidente do Brasil, Jânio Quadros, renunciava ao seu cargo. A atitude do Presidente brasileiro mudou de rumo, naquele momento, as reivindicações dos trabalhadores pelotenses, que dois dias depois estavam envolvidos com mobilizações, para garantir o cumprimento da Constituição brasileira e a posse do vice-presidente.

Nesse panorama nacional instável, o Prefeito Dr. João Carlos Gastal, conclamou a *população pelotense a manter a paz e a tranqüilidade aguardando o*

*desenrolar dos acontecimentos que afetam a vida política da alta administração nacional.*<sup>71</sup>

A *Opinião Pública* do dia 28 de agosto transcreveu na íntegra o discurso do Governador Leonel Brizola, que entre outras afirmações, declarou: *Resistirei até a morte!* Registrou ainda o apoio do comandante do III Exército, que, contrariando ordens superiores, declarou apoio ao governo do estado do Rio Grande do Sul. Também o comando da V Zona aérea rebelou-se contra a determinação do Ministro da Guerra e negou-se a bombardear o Palácio Piratini. Ainda nesse jornal, no mesmo dia, foi divulgada a nota do Conselho Regional de Desportos, que determinou a transferência do Grenal, jogo entre o Grêmio Futebol Porto-alegrense e Sport Clube Internacional, considerado o maior clássico do Rio Grande do Sul, em função do momento de apreensão, por que passava o nosso país. Em Pelotas, conforme notícia publicada no jornal *A Opinião Pública*<sup>72</sup> formou-se a Comissão inter-partidária para a defesa da legalidade, por iniciativa do Prefeito Municipal.

O Comitê Popular Pró-defesa da Constituição convocou, através da imprensa local, a população em geral para a grande concentração que seria realizada às 18 horas do mesmo dia, em frente à Prefeitura Municipal.<sup>73</sup> Alertaram que, se o tempo não permitisse, a concentração se realizaria na Casa do Trabalhador. Logo após a sua fundação, o referido comitê enviou mensagem ao Governador Leonel Brizola, com o seguinte teor:

---

<sup>71</sup>A *Opinião Pública*.. Pelotas: 25 ago. 1961.

<sup>72</sup>A *Opinião Pública*. Pelotas, 28 ago. 1961.

<sup>73</sup>Por ter sido palco de inúmeras manifestações políticas, sindicais e populares, o espaço compreendido entre a Prefeitura Municipal e o Mercado Público, recebeu proposta de projeto-lei oriunda da Bancada do Partido dos Trabalhadores, de autoria do vereador Milton Martins, que propõe que o referido espaço passe a denominar-se *Largo da Legalidade*. Câmara de Vereadores de Pelotas. *Decreto Legislativo*. 28 de setembro de 1998.

*Temos a grande satisfação de levar ao conhecimento de V. Excia, que em reunião hoje realizada com a presença do Prefeito Municipal, Presidente da Câmara de Vereadores, Presidentes dos Sindicatos, Associações de Professores, entidades estudantis e representantes do PTB, PRP, Pr e PSP, foi fundado o Comitê Popular Pró-Defesa da Constituição, já programado um ato público para amanhã às 18 horas em frente à Prefeitura Municipal. Esperamos assim, concretizar apoio incondicional à arrojada luta de V. Excia, empunhando a bandeira da legalidade constitucional, que é a posse do Dr. João Goulart, Presidente da República. Saudações Legalistas.<sup>74</sup>*

Ainda no dia 29 de agosto, *A Opinião Pública*, divulgou que toda a navegação na Lagoa dos Patos havia sido interrompida por ordem do Governo do Estado, estando assim impedido o tráfego marítimo entre Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande. Essa medida foi determinada para dificultar eventuais operações de navios de guerra.

Segundo consta no *A Opinião Pública*, do dia 30 de agosto, os radialistas e jornalistas de Pelotas, também formaram um Comitê Pró-Legalidade, cujo ato de inauguração teve o prestígio do Prefeito de Pelotas, Vereadores, líderes sindicais, estudantis e populares *integrados no vigoroso movimento que vem se desenvolvendo nesta cidade.*

Os *Anais da Câmara Municipal de Pelotas*,<sup>75</sup> registraram que aquela casa esteve em Sessão Permanente, aberta em 25 de agosto de 1961, tendo sido encerrada somente em 12 de setembro de 1961, após a votação do regime parlamentarista. A Câmara era presidida nesse ano, pelo vereador Sr. Wolney da Silva Vieira, do Partido Social Democrático, que abriu a Sessão Permanente e extraordinária, colocando que *... esta tem como finalidade manifestar vigilância desta casa à legalidade de defesa*

<sup>74</sup>Nota publicada na *Opinião Pública*. Pelotas, 29 ago. 1961.

<sup>75</sup>*Anais da Câmara Municipal de Pelotas*. Sessão n 83. 25-28 ago. e 12 set. 1961.

*do regime constitucional, tendo em vista a renúncia do Sr. Presidente Jânio da Silva Quadros, hoje verificada.*

Os Vereadores presentes nessa sessão, que contava também com a presença da população pelotense que lá permanecia vigilante, à espera de notícias e discutindo os rumos do movimento, proferiram inúmeros discursos. Ilustrativo do sentimento que pairava no Legislativo pelotense é um fragmento do discurso do vereador Francisco Lages dos Santos, do Partido Trabalhista Brasileiro sobre a manifestação dos trabalhadores pelotenses:

*... E, nós que fomos eleitos pelo povo, dentro deste regime no qual podemos falar livremente, no cumprimento de um grande dever cívico, estamos reunidos no Legislativo de nossa cidade para levar o nosso pronunciamento a todos os céus do Rio Grande do Sul e do Brasil, pela manutenção do regime democrático. É, mais um alerta ao povo brasileiro, que os brasileiros, independente de sentimentos políticos, tem que se unificar em torno da sua bandeira de tantas glórias, para que amanhã ou depois, este Brasil não seja transformado em uma verdadeira colônia de “trusts” que querem dominar este Brasil de tantas glórias. Os operários já se manifestaram e estão em reunião permanente na Casa do Trabalhador.<sup>76</sup>*

Estava ocorrendo em Pelotas, na Faculdade de Direito, durante o ano de 1961, um curso destinado à formação de líderes sindicais, promovido pelo Instituto de Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas. Com o agravamento da crise nacional o Instituto achou por bem suspender as palestras, até que a situação política se normalizasse.<sup>77</sup>

O Sr. Vildeman Vicentini Garcez,<sup>78</sup> ex-trabalhador do Frigorífico e líder sindical, em entrevista à autora, lembrou-se da organização do sindicato e referiu-se à greve de apoio ao Jango, em que a quarta parte dos trabalhadores da cidade

<sup>76</sup>Anais da Câmara Municipal de Pelotas. Pelotas, 25 ago. 1961.

<sup>77</sup>A Opinião Pública.. Pelotas, 30 ago. 1961.

<sup>78</sup>O Sr. Vildeman faleceu alguns meses, depois de ter concedido essa entrevista.

paralisaram. Perguntado acerca dos funcionários do Frigorífico sobre essa paralisação, ele respondeu:

*Participaram. Naquela época tinha uns 1500 trabalhadores, associados ao nosso sindicato, que era o mais forte da cidade. E o Anglo cedeu. Deixou que participassem. Eles precisavam do governo e não eram trouxas. Queriam lucros. No dia da greve pela legalidade, fizemos uma assembléia na Casa do Trabalhador. A casa estava cheia. Depois saímos em passeata até o centro da cidade. O comércio fechou suas portas com medo dos trabalhadores.*

A fundação dos Comitês Pró-Legalidade (popular e dos radialistas), os atos públicos, as assembléias e passeatas organizadas pelo Poder Público Municipal e líderes sindicais demonstraram a participação relevante dos trabalhadores de Pelotas, na defesa da Constituição. Destacou-se nesse movimento a representação dos trabalhadores do Frigorífico Anglo, que enquanto líderes sindicais organizados, aglutinaram a categoria no movimento. Também ressaltou-se a liderança do Prefeito na época, Dr. João Carlos Gastal, que imediatamente posicionou-se à favor do movimento, liderando a organização do comitê Pró-Legalidade em Pelotas.<sup>79</sup> A cidade manteve-se, mobilizada até o momento em que o Congresso votou pelo Parlamentarismo e garantiu a posse de João Goulart.<sup>80</sup>

#### 4.6 Entre os valores do patrão e os da nação, como fica o operário?

<sup>79</sup>Ressalta-se que o Dr. João Carlos Gastal era partidário político do Governador Leonel Brizola.

<sup>80</sup>A *Opinião Pública*, Pelotas, 31 ago. e 07 set. 1961.

Nesta seção, pretende-se refletir sobre acontecimentos que tiveram lugar, quando a Seleção Brasileira de Futebol foi campeã do mundo na Copa de 1970, buscando-se resgatarem os conflitos surgidos entre os dirigentes ingleses e os operários pelotenses do Anglo, por ocasião das festividades pelo título conquistado.

Quando o Brasil inteiro festejava o título de melhor futebol do mundo e vibrava de alegria e orgulho, com todos os seus cidadãos, igualados através do futebol e orgulhosos de serem brasileiros,<sup>81</sup> em Pelotas, no Bairro da Balsa, os trabalhadores do Frigorífico Anglo eram bruscamente, despertados pelo apito da fábrica, que os chamava para trabalhar, contrariando o que dispunha decreto presidencial, conforme mostra o texto a seguir, publicado na imprensa pelotense:<sup>82</sup>

“O Presidente da República usando da atribuição que lhe confere o artigo 81, item 3 da Constituição, considerando o alcance da conquista pela Seleção Brasileira de Futebol da Taça Jules Rimet:

Considerando a necessidade de dar a todos os brasileiros a possibilidade de celebrar condignamente esta vitória e de manifestar o seu regozijo pelo regresso dos campeões decreta:

Art. 1 - Fica suspenso o trabalho em todo o território nacional no dia 23 de junho de 1970, exceto as atividades essenciais.

Art. 2 - Revogam-se as disposições contrárias.

Essa atitude do Anglo foi um dos tantos fatos rotineiros que permearam a vida dos trabalhadores do Frigorífico. No entanto, para além do registro da indignação momentânea dos operários, cabe perguntar-se o sentido exato do gesto do dirigente inglês ao ordenar que os funcionários do Frigorífico comparecessem ao trabalho. Até que ponto este gesto teria *ofendido* os operários e a nação?

---

<sup>81</sup>Sobre o orgulho de ser brasileiro proporcionado pelo futebol, ver entre outros: DA MATTA, Roberto. Antropologia do Óbvio. (notas em torno do futebol brasileiro). *Revista da USP*, São Paulo, n. 22, p.17, 1994. *Foi, portanto, só com o futebol que conseguimos, no Brasil, somar Estado nacional e sociedade. E, assim fazendo, sentir, pela avassaladora e formidável experiência de vitória em três Copas do Mundo, a confiança na nossa capacidade como povo criativo e generoso. Povo que podia vencer como país moderno, que podia, também, finalmente, cantar com orgulho o seu hino, e perder-se emocionado dentro do campo verde da bandeira nacional”.*

<sup>82</sup>*Diário Popular*, Pelotas, 23 jun. 1970.

Antes de se refletir sobre esse acontecimento, é pertinente que se faça uma rápida retrospectiva da história do futebol brasileiro, para que se entenda o motivo pelo qual esse esporte tornou-se, em tão curto espaço de tempo, um elemento importante da cultura nacional.

Assim como o *golf*, o futebol é originário da Inglaterra. Em seus primórdios, no Brasil, ele era um esporte restrito a um pequeno grupo de adeptos, com melhores condições financeiras, pois era um desporto caro, já que o material para sua prática era quase todo importado das Ilhas Britânicas.

Segundo Waldenyr Caldas,<sup>83</sup> o futebol foi trazido para o Brasil por Charles W. Miller, um brasileiro de origem inglesa, que, ao voltar da Inglaterra, onde tinha ido estudar, trouxe, em sua bagagem, uma bola de futebol.

No início, a prática desse esporte, estava limitada, somente, aos empresários ingleses, mas, em pouco tempo, os operários das empresas britânicas começaram a fazer parte dos times de futebol o que lhes rendia sempre promoções no trabalho.<sup>84</sup> O Brasil, em pouco tempo, tornou-se internacionalmente conhecido como o *país do futebol*, desporto que, juntamente com o samba e o carnaval, constituiu-se em um dos elementos mais representativos da nossa cultura.<sup>85</sup> O nível de desenvolvimento do futebol no Brasil é tão grande, que, dificilmente, se pode encontrar, entre os brasileiros, alguém que não conheça os fundamentos básicos

---

<sup>83</sup> Sobre a origem do futebol no Brasil, ver: CALDAS, Waldenyr. *Pontapé inicial: memória do futebol brasileiro. 1894-1933*. São Paulo: IBRASA, 1990.

<sup>84</sup> Sobre a trajetória do futebol nas empresas inglesas, no início do século XX, no Brasil, ver: SEVCENKO, Nicolau. *Futebol, metrópoles e desastinos*, p.36. Também; CALDAS, Waldenyr. *Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro*. p.42. *Revista da USP*. N 22. São Paulo, 1994.

<sup>85</sup> *Diz um ditado popular que no Brasil só existem três coisas sérias: a cachaça, o jogo do bicho e o futebol. Curioso que esta lista de unanimidade nacionais seja constituída por uma bebida alcoólica - um "espírito" que ajuda a comemorar as alegrias e a esquecer as frustrações; uma loteria clandestina que junta números com animais, sonhos com o desejo de fácil ascensão social, políticos profissionais e "homens de bem" com notórios interventores; e, finalmente, um esporte moderno inventado pelos ingleses e adotado pelos brasileiros com uma paixão somente igualada por sua perícia em praticá-lo. Vale igualmente observar que, dentre essas instituições, o futebol é certamente a mais moderna e a que chegou ao Brasil por meio de um bem documentado processo de difusão cultural.* DAMATTA, Roberto. *Antropologia do Óbvio. Revista da USP*, São Paulo, n.22, p.1, 1994.

desse esporte e que não arrisque um palpite ou opinião sobre os jogos de seu time ou da seleção brasileira.

No Brasil, o futebol adquiriu significados que não estavam presentes no seu país de origem, passando a fazer parte do universo cultural brasileiro, ao ponto de não ser mais entendido por aqueles que lhe haviam dado forma. A *racionalidade inglesa* desapareceu do jeito brasileiro de jogar e de festejar. Ao transpor o oceano, essa *racionalidade* adquiriu peculiaridades muito especiais, e o futebol um significado diferente daquele de ser apenas uma forma de lazer e disciplina: tornou-se um elemento cultural incorporado à vida do cidadão brasileiro. O futebol passou a ser expressão de vida, de orgulho e de cidadania brasileira.<sup>86</sup>

Discutindo peculiaridades do futebol brasileiro, Roberto Da Matta<sup>87</sup> chama atenção, entre outros, para o fato de que o *futebol tem servido como um instrumento privilegiado de dramatizações de muitos aspectos da sociedade brasileira*. Primeiro, como *código de integração social*; segundo, como *força integrativa*, principalmente para o povo pobre e destituído, que vive através desse esporte a experiência da vitória e do êxito; e, terceiro, o futebol proporciona, à sociedade brasileira, *a experiência de igualdade e justiça social*. Cabe transcreverem-se alguns fragmentos do texto de DaMatta, para que se possa melhor compreender esses três aspectos do futebol incorporados à cultura brasileira:

---

<sup>86</sup>Sobre o processo de transformação do futebol inglês no Brasil e sua incorporação na cultura brasileira, com elementos próprios, ver: LOPES, José Sérgio Leite, A vitória do futebol que incorporou a pelada. p.66,69,75,76, DAMATTA. p.12, ainda: COSTA, Francisco, O futebol na ponta da caneta. p.89, 90. *Revista da USP*. N. 22. São Paulo, 1994. Ilustrativo desse fato é a narração de um gol feito pelo time brasileiro contra um clube britânico, em sua terceira excursão ao Brasil, e que nos narrado por Mário Filho: ... *os ingleses tomaram toas as medidas contra o gol. Aquele gol não podia entrar. Era uma falta, Jair ajeitou a bola, os ingleses formaram barreira compacta, de lado, Jair só podia chutar em cima do arqueiro. E foi o que fez. Swindin, curvou-se, preparou-se para amortecer a bola antes de aconchegá-la ao peito. A bola, porém, na hora de Swindin, para, fez assim com as mãos, desviou-se e foi sacudir as redes do Arsenal. Os ingleses não aceitaram aquele gol...Queriam jogar um futebol sem surpresas daquela espécie, lógico, matemático*". In: COSTA, op. cit., p. 90.

<sup>87</sup>DAMATTA, Roberto. op. cit., p.16-17.

*Produzindo um espetáculo complexo, mas governado por regras simples que todos conhecem, o futebol reafirma simbolicamente o melhor, o mais capaz e o que tem mais mérito pode efetivamente vencer. (...) E, melhor que tudo, que as regras valem para todos. Para os times campeões e para os times comuns, para os ricos e pobres, para negros e brancos, para os sãos e os doentes. Nesse sentido profundo, portanto, o futebol nos dá uma potente lição de democracia, pois conforme sabemos, vendo nosso time jogar, as leis têm que ser obedecidas por todos, são universais, são transparentes, e há um juiz que as representa no calor da disputa. (...) Tal afirmação das regras do jogo conduz a uma alternância entre vitoriosos e perdedores que projetada na vida social, é a base da mais autêntica experiência democrática. (...) Para mim, essa é a mais bela lição de igualdade que um povo massacrado pela injustiça pode receber. Ora, é precisamente por ter essa capacidade de juntar o formal com o informal, as leis com a realidade que no Brasil - e, de resto, em todo Terceiro Mundo -, o futebol se transformou num campo imbatível de todo tipo de emoções.<sup>88</sup>*

Geertz<sup>89</sup> aponta que a cultura é (...) *como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (...) ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível - isto é, descritos com densidade.* Seguindo-se esse conceito de cultura, pode-se entender a ressignificação que o futebol adquire no Brasil e, então, perceber-se o vulto que assumiu o gesto do chefe inglês para os operários brasileiros do Anglo, ao terem sido impedidos de festejar o título de campeões mundiais de futebol. Se, para um inglês, pode ser difícil entender o motivo de se parar um país e fazer-se feriado nacional para se festejar um simples título de futebol, para os brasileiros, proibir-se alguém de participar dessas comemorações consiste-se em uma verdadeira falta de respeito para com os campeões, mais do

<sup>88</sup>DAMATTA, Roberto. Antropologia do Óbvio. *Revista da USP*. Nº 22. São Paulo, p.17, 1994.

<sup>89</sup> GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 24. Além do conceito de cultura em Geertz, lembra-se o conceito utilizado por: BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, [s/d]. p.309. *Nesta altura vale a pena insistir em que existem faixas culturais fora da Universidade. Para tanto, é indispensável reter o conceito antropológico de termo cultura como conjunto de modos de ser, viver, pensar e falar de uma dada formação social...*

que isso, em uma ofensa para os cidadãos brasileiros, por não se observar o direito de vivenciarem suas manifestações culturais.<sup>90</sup>

Ainda quanto à análise de Roberto DaMatta, acerca do significado do esporte no mundo contemporâneo, registra-se que o autor considera ser o futebol dotado de uma *aura paradoxal*. Ao mesmo tempo que esse esporte é autônomo, marcado por regras, valores, objetos próprios, ele também é arte, que não está a serviço direto do mundo diário do trabalho e do dinheiro. Também como arte, o futebol denuncia o *utilitarismo como valor, que entroniza a idéia de progresso, outro traço básico da racionalidade burguesa*. Nas palavras de DaMatta:

*Voltadas antes de tudo para si mesmas, esporte e arte são esferas da vida que negam o utilitarismo dominante e, por isso mesmo, promovem um efeito de pausa, feriado, ou descontinuidade com a sofreguidão exigida pela lógica do lucro, do trabalho e do êxito a todo custo. Se o objetivo do trabalho é enriquecer a sociedade, transformando-a em corpo poderoso, o alvo do esporte é muito mais difícil de estabelecer. Tudo indica que o esporte tem um lado instrumental ou prático que permite “fazer” coisas e promover riqueza; mas ele tem também um enorme eixo expressivo e/ou simbólico que apenas diz e, com os rituais, revela quem somos.<sup>91</sup>*

Pelo que foi visto até agora, pode-se dizer que o representante do Anglo atingiu não só os operários do Frigorífico, mas toda a nação brasileira, ao não acatar o feriado nacional decretado em comemoração à conquista, pelo Brasil, da Copa do Mundo de Futebol, em 1970. Evidência disso é que o então gerente do Frigorífico só não foi mandado de volta para a Inglaterra, por estar casado com uma brasileira, contudo, ele foi afastado de seu cargo no Anglo de Pelotas.<sup>92</sup>

---

<sup>90</sup>Apesar de não se desconsiderar a situação política vivida pelo Brasil naquele momento, o que, provavelmente, tenha levado o Presidente a decretar o feriado, este trabalho contempla a análise de um fato que ocorreu singularmente com os trabalhadores do Frigorífico Anglo, e, portanto, analisa-o a partir da perspectiva da cultura desses trabalhadores.

<sup>91</sup>DAMATTA, Roberto. Antropologia do Óbvio. *Revista da USP*. N° 22. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1994. p. 13.

<sup>92</sup>Conforme entrevistas concedidas pelo Sr. Sílvio Cavalheiro, por João Islabão e por Alberto.

Alguns dos trabalhadores entrevistados lembram-se desse episódio de formas diferentes.<sup>93</sup> O Sr. Hugo Huckembeck, disse que não se lembrava direito. O Sr. Cunningham não quis falar sobre o episódio, mas confirmou que, em 1970, Mr. Olmann deixou a gerência do Frigorífico, sendo esta assumida pelo entrevistado. O Sr. Sebastião dos Santos, de 84 anos, trabalhador do Frigorífico de agosto de 1942 até aposentar-se, em 1969, disse que não gostaria de falar sobre o episódio do feriado, porque o Mr. Olmann já havia morrido: *se ele fosse vivo, eu gostaria de falar. O Olmann queria tratar os brasileiros embaixo dos pés. Era um ditador.*

Vejamos o que ocorreu naquele dia, conforme relato do Srs. Sílvio, João Islabão e Alberto:

*Sobre a Copa de 70, não deu feriado. Ainda me lembro que o mister Olmann era o Gerente. Falaram para ele, e ele disse não ser feriado. (...) No fim do período, chegou o Exército com o pessoal do Sindicato, e coisa e tal, e multaram a firma. Prometeram deportá-lo do País caso eles desobedecessem novamente (Sílvio).*

*O gerente era o Mr. Olmann. O Governo deu feriado. As fábricas não podiam apitar, e o Mr. Olmann mandou apitar a fábrica e disse “que do portão para fora, manda o Ministério, mas, do portão para dentro, mando eu”. O Ministério veio, o Anglo levou uma multa. Ele - Mr. Olmann -, foi chamado na Inglaterra e perdeu sua função de gerente (João Islabão).*

*O gringo - Olmann - mandou apitar a fábrica. Foi despedido e só não foi expulso para a Inglaterra porque era casado com uma brasileira (Alberto).*

Ao ser perguntado sobre os motivos que teriam levado o gerente do Frigorífico a não dar o feriado, o Sr. João respondeu: *Autoritarismo. Puro Autoritarismo.* O *autoritarismo* do Mr. Olmann também foi apontado por outros

---

<sup>93</sup>Conforme entrevistas concedidas, à autora, pelo Sr. Hugo Huckembeck; pelo Sr. Cunningham e pelo Sr. Sebastião.

trabalhadores,<sup>94</sup> não só pelo episódio da Copa de 70, mas pela maneira como ele tratava os empregados.

Os reais motivos que levaram o dirigente inglês a não permitir o feriado, provavelmente, não possam ser recuperados jamais. As dificuldades para a resposta a essa questão relacionam-se ao total desaparecimento das fontes. O gerente do Frigorífico naquele período, o Sr. Olmann, já faleceu, e a documentação do Frigorífico foi destruída, restando apenas as fichas dos trabalhadores, na unidade da Anglo em Barretos, São Paulo. Verificou-se a mesma perda de documentos na Delegacia Regional do Trabalho e no Sindicato dos Trabalhadores.<sup>95</sup> Contudo, apesar de já ser falecida a pessoa que poderia responder sobre os reais motivos da proibição do feriado e apesar da ausência de documentos escritos, tem-se a credibilidade do fato através dos relatos dos trabalhadores, que, além de terem narrado o episódio, deixaram transparecer que o motivo do conflito teria sido apenas o autoritarismo de Mr. Olmann.

Além do autoritarismo de Mr. Olmann, poder-se-ia, também, deduzir que o gesto do gerente inglês estaria relacionado a despeito, por ser o Brasil o campeão, e não a Inglaterra.<sup>96</sup> Afinal de contas, o país que dera origem ao futebol

<sup>94</sup>Seu Sebastião, Sr. Alberto, e seu Vildeman, deixaram escapar nos seus relatos o lado *autoritário* do Mr. Olmann.

<sup>95</sup>Em consulta à Delegacia Regional do Trabalho, foi informado haver total desconhecimento sobre livros do período de 1970, já que os arquivos são guardados somente até cinco após a data do ocorrido. Já no Sindicato dos Trabalhadores, foi alegado que, no período referente, os trabalhadores do Frigorífico pertenciam enquanto categoria profissional, ao Sindicato de Carnes e Derivados, o qual, juntamente com mais três sindicatos, foram unificados por volta de 1974-76, formando o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria da Alimentação. Os dirigentes atuais desconhecem o que foi feito da documentação dos antigos sindicatos, lembrando, ainda que, naquele período, por causa da Ditadura Militar brasileira, foram queimados muitos documentos dos sindicatos.

<sup>96</sup>Na Copa de 1970, o Brasil jogou contra a Inglaterra no mesmo grupo. Nessa partida, o time brasileiro venceu o inglês por 1x0, com gol marcado por Jairzinho, o qual segundo Francisco Costa, talvez tenha sido o mais espetacular de todos os tempos. Costa reproduz a narração desse gol, realizada por Nelson Rodrigues, em *A Pátria em Chuteiras*. “*Tostão recebeu de Paulo César e dribla um inglês, mais outro, outro mais. Em seguida vira para Pelé. Este entrega a Jairzinho, que ultrapassa um sétimo inglês e encaçapa*”. Costa complementa esta narração com o seguinte: (...) *o lance foi pelo lado esquerdo do ataque brasileiro, que Tostão recebeu a bola no bico da grande área, avançou até a metade da mesma, sempre em direção à linha de fundo e então, quando a pressão já era demasiada ele soltou a bola para Pelé, que estava na meia-lua. O que aconteceu aí dá tese de*

fora a Inglaterra e esta havia conquistado o último título de Campeã do Mundo em 1966.<sup>97</sup> Outra razão para não se ter fechado a fábrica pode ter sido a necessidade urgente de entregar-se mercadoria. O que se pode afirmar, contudo, é que o gesto do gerente do Anglo poderia ter ocasionado uma crise de relações diplomáticas entre Brasil e Inglaterra. Prova disso é que Mr. Olmann foi demitido e só permaneceu no Brasil porque era casado com uma brasileira, conforme relato dos trabalhadores, já transcritos anteriormente.

Ao mesmo tempo em que os trabalhadores do Anglo não podiam comemorar o Tri-Campeonato, em Pelotas, foram programados eventos com características de carnaval, para que a população pelotense pudesse festejar, como brasileiros, a grande vitória. Na semana que antecedeu o grande jogo no México, o carnaval foi preparado pelas entidades esportivas e associações de moradores, conforme nota publicada no *Diário Popular*:

*PELOTAS, TERÁ CARNAVAL SE BRASIL VENCER A COPA.  
ESCOLAS E BLOCOS SE PREPARAM PARA SAIS ÀS RUAS  
DOMINGO.*

*Carnaval na Santa Teresinha para festejar o Tri-Campeonato. A Associação de Moradores do Bairro Santa Teresinha, através de seu presidente Sr. Rubens Ávila Rodrigues, promove desfile da escola de samba, Bloco do Cantão e a participação dos clubes de futebol: Grêmio Esportivo Brasil; Teresinha Futebol Clube; C. A. 1º de Maio; Abastecedora Futebol Clube; Ginásio Atlético Humaitá e Grêmio Esportivo Três Vendas.<sup>98</sup>*

---

*pós-graduação, porque o crioulo pegou a bola e se livrou dela magistralmente, como se fosse batata quente. A zaga inglesa em pânico pulou em cima de Pelé já sem bola. Ela estava com Jair, que entrava pelo lado direito no melhor do seu estilo, embalado como um touro. Sir. Goldon Banks, brilhante guarda-meta do esquadrão de sua majestade, recém-campeão mundial em 66, quando saltou já era tarde". Revista da USP. N. 22. São Paulo, p.89, 1994.*

<sup>97</sup>No *Diário Popular*, de 04 de junho de 1998, no caderno Diário da Copa, encontramos o seguinte sobre a seleção inglesa: "A Inglaterra preferiu a Colômbia, e não o próprio México para fazer sua adaptação à altitude em 1970. Ainda em Bogotá, o capitão da equipe, Bobby Moore, foi acusado de roubar um bracelete. Na chegada ao México, a seleção inglesa acabou ainda mais antipatizada, pois foi constatado que os ingleses traziam até sua própria água..

<sup>98</sup>*Diário Popular*, Pelotas, 19-20 jun. 1970.

Outro dado importante para se avaliar a importância do futebol como elemento cultural para os trabalhadores, principalmente no Rio Grande do Sul, é o fato de que o primeiro time de futebol brasileiro foi fundado por ingleses, em 1900, na cidade vizinha de Rio Grande.<sup>99</sup> Isso é motivo de orgulho e certamente reforça o sentimento de nacionalismo do povo rio-grandense no momento em que o Brasil é conhecido, mundialmente, pelo que tem de melhor. Tal fato serviu para que se compreendessem a tristeza e a indignação dos trabalhadores do Frigorífico, que não puderam extravasar sua alegria quando da chegada dos campeões, apesar do orgulho de estarem muito próximos e ligados à terra que ensinou o Brasil a jogar, Rio Grande, e, mais ainda, que este futebol tivesse surgido influenciado por ingleses, e que, naquele momento, *outros ingleses* impediam os brasileiros de festejarem a grande vitória.

Em Pelotas, na Câmara Municipal de Vereadores, sucedeu-se uma discussão que merece atenção especial, por entender-se que ela reforça a importância do futebol como elemento cultural. Na sessão do dia 24 de junho de 1970, o vereador Sérgio Chim dos Santos solicitou o envio de um ofício ao Presidente da Confederação Brasileira de Desportos, em nome do povo de Pelotas, com votos de congratulações pela vitória no Campeonato Mundial de Futebol. No entanto, o que realmente provocou grandes discussões foi a proposição do Vereador Astílio

---

<sup>99</sup>Na bibliografia consultada sobre o surgimento do futebol no Brasil, existe consenso quanto ao fato de sua origem ser inglesa. Quanto ao lugar e tempo de seu surgimento, a bibliografia aponta sempre para a década de 1910, no Rio de Janeiro, com o time *The Bangu Athletic Club*, da Companhia Têxtil Progresso. Ver entre outros: CALDAS, Waldenir. *Pontapé inicial: memória do Futebol brasileiro. 1894-1933*. São Paulo: IBRASA, 1990. p.24. Entretanto, a pesquisa empírica de trabalho, mostrou que o primeiro time de futebol brasileiro surgiu por influência inglesa, na cidade de Rio Grande - RS, em 1900. “*E, tudo começou em 1900. O feito do Brasil no México tem para os riograndinos um sabor diferente, todo especial, pois este feito, como os anteriores de 1958 na Suécia e 1962 no Chile, estão em consonância com um, muito mais remoto, que nos leva ao longínquo ano de 1900, quando o Esporte Clube Rio Grande surgiu e com ele o futebol brasileiro. Daquela plêiade de valores, muitos deles descendentes de ingleses, um único ainda reside em Rio Grande e outro mora na Inglaterra. Ambos, desde domingo, devem estar experimentando uma alegria que nós somente podemos adivinhar. Aqui, o Sr. Oscar Schimidt, de avançada idade, mas ainda perfeitamente lúcido, é o único dos grandes fundadores do mais antigo clube de futebol do Brasil Tri-Campeão*”. *Diário Popular*, Pelotas, 23 jun. 1970.

Antunes, que propunha conceder-se o Título de Cidadão Pelotense ao Sr. Edson Arantes do Nascimento - o Pelé.

Essa proposta recebeu a aprovação, por quase unanimidade, dos vereadores pelotenses, sendo que se posicionou contra, apenas, o vereador Vieira da Cunha, porque considerava que outras pessoas haviam feito muito por Pelotas e não tinham sido merecedoras desse título, além da proposição ir contra o Regimento Orgânico da Casa. Vereadores como Dário de Oliveira e Sérgio Chim dos Santos defendiam a proposta argumentando que Pelé poderia ser considerado como o mais importante produto cultural que o Brasil possuía, chegando a denominá-lo de *Rei Café*, fazendo referência à exportação de café, que, embora brasileira, era um produto mais paulista. No entanto, Pelé era *produto essencialmente* nacional. O Vereador José Karini, também defensor da proposta, chamou a atenção para a publicação do *Correio do Povo*, que trazia, em suas páginas de esportes, a posição dos jornais de Londres, com postura inversa à do dirigente da empresa britânica de Pelotas, consideravam Edson Arantes do Nascimento como *cidadão do mundo, não pertencendo exclusivamente ao Brasil*.<sup>100</sup>

A proposta dos vereadores de conceder o Título de Cidadão Pelotense ao jogador da Seleção Brasileira ressalta a importância que teve o título de Campeão Mundial de Futebol para a comunidade pelotense. Um dos argumentos que os vereadores usaram para defender sua proposta, era o de que, na solenidade de recebimento do título, o jogador far-se-ia presente na cidade, trazendo, com ele, um aparato televisivo, que iria projetar Pelotas para o resto do País. Porém, o que instiga nesse episódio, é que, ressaltando a importância do futebol enquanto elemento cultural do povo pelotense, os vereadores, legítimos representantes desse povo, não questionaram o fato de os empresários ingleses do Frigorífico Anglo terem impedido

---

<sup>100</sup> *Anais da Câmara Municipal de Vereadores de Pelotas*. Pelotas: Sessão nº 62 e 64. 24-25 de junho de 1970.

que um expressivo número de trabalhadores festejassem o título de Campeões Mundiais.

Como já se referiu anteriormente neste capítulo, em três momentos diferentes - times de futebol do Anglo, organização de atividades esportivas em Pelotas para ajudar os flagelados e suspensão do Grenal no período da Legalidade -, o futebol está, historicamente, presente no cotidiano dos trabalhadores pelotenses como um elemento cultural. Entretanto, o que transparece através do episódio da proibição do feriado é que os dirigentes ingleses do Frigorífico Anglo ignoraram, e até desrespeitaram, a historicidade desse esporte como importante elemento cultural brasileiro.

Quando se faz referência ao episódio do feriado da Copa de Futebol de 1970, do qual fizeram parte os trabalhadores do Frigorífico, vem, à tona, um fato quase desconhecido, parte da história desses trabalhadores, dos dirigentes do Frigorífico e da cidade de Pelotas. Através dele, também ressalta-se a importância do futebol como elemento impregnado na cultura brasileira, e, nesse caso, mais específico, na cultura dos trabalhadores pelotenses.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi o de investigar se houve a participação ou não dos dirigentes ingleses do Frigorífico Anglo na ocupação e desenvolvimento do Bairro da Balsa, em Pelotas, e as relações estabelecidas entre os trabalhadores da empresa e os moradores daquele bairro. A constatação da existência de um bairro com características operárias, localizado próximo de uma grande indústria estrangeira, foi o fator motivador deste estudo.

A pesquisa demonstrou que a ocupação do espaço urbano no Bairro da Balsa ocorreu espontaneamente, entre os anos de 1950-60, por iniciativa de um expressivo número de trabalhadores do Frigorífico Anglo, devido à necessidade de eles morarem perto da fábrica e porque muitos deles se deslocavam de outras cidades ou zona rural para a cidade de Pelotas, aonde chegavam empobrecidos e sem condições de adquirir um local para morar em áreas saneadas.

Foi realizada pesquisa bibliográfica, análise de jornais e de documentos oficiais, além de entrevistas, tendo-se concluído o que segue.

Pelotas, até os anos 90 do século XIX, teve, na economia do charque, seu principal impulsionador econômico, social e político, tendo o monopólio dessa atividade no Rio Grande do Sul. Nos últimos anos da mesma época, começaram a surgir outras charqueadas no interior do estado, que passaram a dividir, com a *Princesa do Sul*, o mercado consumidor de charque.

Na década de 1910, Pelotas já promovia discussões e projetos para solucionar o problema de uma economia em decadência e com um mercado restrito. Inserida no contexto de um estado de economia agropecuária e que iniciava seus primeiros ensaios rumo a outras atividades, como a criação de frigoríficos, Pelotas foi a cidade escolhida pelos pecuaristas para abrigar em 1917, o projeto de um frigorífico nacional, financiado por capital exclusivamente gaúcho, patrocinado pelo Banco Pelotense. Em 1917, teve início, para a economia da cidade, uma nova era, com a possibilidade de industrialização da carne. Entretanto, a construção do novo frigorífico levou mais tempo do que o previsto por seus organizadores, tendo-se perdido, então, o grande *boom* da I Guerra Mundial. Além disso, o frigorífico nacional não conseguiu sobreviver à concorrência com os frigoríficos estrangeiros que se instalavam no Rio Grande do Sul.

No ano de 1917, instalaram-se, no Rio Grande do Sul, a Swift, em Rio Grande e Rosário do Sul, e a Armour em Sant'Ana do Livramento, ambas com capital norte-americano. Em 1918, também em Livramento, começou a funcionar outra companhia norte-americana, a *Wilson and Co. Ltd.* Em 1921, sem condições de competir com os *trusts* internacionais, tendo tido apenas um ano de abate de animais, a Companhia Frigorífica Rio Grande, instalada às margens do canal São Gonçalo, em Pelotas, foi vendida para uma companhia de capital inglês, que, em 1924, passou a denominar-se S. A. Frigorífico Anglo. O Frigorífico Rio Grande, agora com capital inglês, produziu charque e carne enlatada até 1926, quando encerrou suas atividades.

A implantação definitiva da companhia inglesa de propriedade da família *Vestey* ocorreu em 1943. Essa implantação contribuiu para a elevação econômica, social e cultural da cidade de Pelotas no estado e no País. O Frigorífico Anglo reinaugurou modernas instalações em Pelotas, em dezembro de 1943, momento em que a humanidade vivia sob o terror da Segunda Grande Guerra, e que

o Brasil já havia se posicionado ao lado dos países Aliados, com o objetivo de alavancar os investimentos na indústria pesada.

A localização afastada dos territórios onde se desenrolava o conflito, a necessidade de produção de carne enlatada para os exércitos, a tomada de posição ao lado dos países Aliados e o processo de industrialização em que o País se inseria foram, sem dúvida nenhuma, alguns fatores decisivos para que a família *Vestey* voltasse a investir no Frigorífico Anglo em Pelotas. Somaram-se, a esses fatores, as leis de impostos no Rio Grande do Sul, que ofereciam vantagens, por trinta anos, para as indústrias nacionais ou estrangeiras que viessem instalar-se no estado para produzir carne frigorificada.

A instalação e o desenvolvimento de uma indústria estrangeira do porte da Anglo, em Pelotas, teve inúmeros reflexos sobre o desenvolvimento econômico da cidade. Durante os anos em que funcionou, produzindo carne frigorificada, charque, conservas de frutas e legumes, a Anglo de Pelotas empregou, em média de 1500 a 2000 trabalhadores, com proventos superiores ao mínimo garantido pela lei nacional que regulava os salários. Multiplicando-se o número de funcionários pelos salários pagos, constatou-se que o Frigorífico proporcionava uma circulação de dinheiro e de mercadorias pela cidade bastante expressiva, além da grande oferta de empregos pela empresa. Ressalta-se que o maior lucro financeiro do Frigorífico não ficava na cidade ou no estado, já que a empresa era de propriedade de família inglesa, que residia em Liverpool, Inglaterra.

Pelo impulso econômico que o Frigorífico Anglo trouxe para Pelotas, registra-se sua influência indireta no processo de ocupação do Bairro da Balsa, o que refuta a hipótese inicial de que o Frigorífico poderia ter sido determinante para a habitação daquele espaço. Instalado muito próximo a uma área ainda não ocupada, o Frigorífico contribuiu para aquele espaço fosse tomado, basicamente por seus

trabalhadores, oriundos de outras cidades e da zona rural de Pelotas, que necessitavam morar próximos ao local de trabalho.

Funcionando num período em que o capitalismo industrial passava por mudanças, tendo sido introduzida a alta tecnologia, e dispondo de mão-de-obra especializada em abate, o Frigorífico não necessitou investir na construção de vilas para seus trabalhadores. Na década de 1940, o estágio de desenvolvimento pelo qual passava o capitalismo não estimulava mais o recrutamento de trabalhadores não-qualificados, mantidos sob a custódia dos empresários através da construção de vilas operárias. Além disso, devido a sua história, Pelotas possuía uma mão-de-obra permanente, disponível e com tradição em trabalhos de abate, oriunda das antigas charqueadas. Assim, o Frigorífico Anglo não planejou e nem construiu moradias para seus trabalhadores, mas, ao garantir emprego com uma remuneração razoável para a época, contribuiu, indiretamente, para o desenvolvimento do Bairro da Balsa.

Ao se narrar a história do Frigorífico Anglo e da ocupação do Bairro Balsa, buscou-se resgatar outras formas de relacionamentos entre a empresa, seus dirigentes, os trabalhadores e os moradores daquele bairro. Escolheram-se, para análise, seis acontecimentos que, de alguma forma, envolveram os dirigentes do Anglo e a comunidade pelotense: a fundação do Clube Campestre pelos dirigentes ingleses do Frigorífico, as enchentes que assolaram Pelotas em 1956, a relação estabelecida entre trabalhadores e dirigentes na greve de 1958, a responsabilidade daqueles dirigentes sobre os aumentos abusivos da carne em 1959, o envolvimento dos dirigentes políticos de Pelotas e dos trabalhadores do Frigorífico no Movimento da Legalidade em 1961 e, por fim, a atitude arbitrária de um dirigente do Anglo, que impediu os trabalhadores de festejarem o feriado nacional decretado pela conquista da Copa Mundial de Futebol em 1970.

Através do estudo desses fatos, chegou-se à compreensão de que os dirigentes do Frigorífico, ao contribuírem para a formação do Clube Campestre, colaboraram para a criação de um espaço social e de uma nova categoria de *status quo* que marcaram a história da sociedade pelotense. Com relação às enchentes de 1956, os ingleses foram solidários, ao contribuírem com a cidade através da cedência de energia elétrica e de doações aos flagelados pelotenses. No entanto, quando da greve dos trabalhadores ocorrida em 1958, os dirigentes do Anglo atitudes arbitrarias, comuns à maior parte da classe patronal. No ano de 1959, os dirigentes do Frigorífico adotaram, uma posição ambígua com relação à sociedade pelotense, pois ao mesmo tempo em que forçaram o aumento do preço da carne, permitiam aos seus trabalhadores que eram líderes sindicais, participarem das comissões e atos que buscavam resolver os problemas das cheias na cidade. No Movimento da Legalidade, em 1961, foi fundamental a participação do Sindicato de Carnes e Derivados, do qual os trabalhadores do Anglo faziam parte. Percebe-se que, então, os dirigentes do Frigorífico mantiveram uma atitude neutra, permitindo que seus trabalhadores participassem dos Comitês e Passeatas. Com relação ao episódio do feriado alusivo à conquista da Copa de Futebol de 1970, pode-se afirmar que a atitude do dirigente inglês do Frigorífico foi autoritária e arbitrária, ao impedir seus trabalhadores de gozarem o feriado decretado pelo Presidente brasileiro.

A partir dessas análises, foi possível mostrarem-se diferentes ângulos dos dirigentes ingleses do Frigorífico, que ora tomavam atitudes esnobes, como quando da fundação do Clube Campestre, ora apresentavam-se como humanitários, quando colaboraram com a cidade na enchente de 1956, através da cedência de energia elétrica e ajuda aos flagelados, e ora mostravam-se como negociantes arbitrários, como quando do aumento abusivo do preço da carne, ou como patrões autoritários, proibindo a participação de seus empregados no feriado em 1970.

Por outro lado, mostrou-se o envolvimento dos trabalhadores do Frigorífico nos mesmos episódios, seja através do modo como construíram o Bairro da Balsa, seja através de suas formas de organização sindical, discutindo e posicionando-se contra os aumentos da carne, utilizando-se da greve para garantirem aumento de seus salários e participando da defesa da constitucionalidade, por ocasião do Movimento da Legalidade em 1961 e contestando, através de seu sindicato, a proibição de vivenciarem o feriado de 1970.

Muitas outras questões foram surgindo, no decorrer da pesquisa, relativas à ingerência ou não dos dirigentes estrangeiros na vida de seus trabalhadores e na cidade de Pelotas, as quais não seriam pertinentes para a análise proposta neste trabalho.

De qualquer modo, tomou-se conhecimento da existência de, pelo menos, seis vilas operárias construídas por empresários em Pelotas, a Vila Lange de propriedade dos também donos da empresa Arthur Lange, ligada ao ramo de curtume e fabricação de calçados, e as quatro vilas construídas nas granjas rurais de propriedade da família Fetter, Vila D. Olga, Santo Antônio, São José e Emília Nova. Sobre elas, caberia uma análise profunda, buscando-se entender as relações que se fizeram presentes para a construção das moradias, por parte dos empresários, e as conseqüências desse processo para os trabalhadores e para a cidade de Pelotas.

Tais evidências serão objeto de futuro estudo, o que será de enorme valia para o conhecimento da história da *Princesa do Sul* e de seus súditos tradicionais ou daqueles oriundos dos movimentos migratórios, que ela motivou em seus momentos de opulência e glória, ou até mesmo, dos *aristocratas* que tenha hospedado ao longo de sua existência.

**ANEXOS**

**PERGUNTAS QUE ORIENTARAM AS ENTREVISTAS:**

Nome:

Idade:

Endereço:

Quando veio morar no Bairro da Balsa?

Casa alugada ou própria?

Qual era a situação do bairro nesta época ? (Ruas , Escola, Saúde)

Trabalhou no Frigorífico? Em que período?

Como foi trabalhar no Anglo?

Qual a relação que havia entre os ingleses dirigentes do Frigorífico e os moradores do bairro?

Os ingleses costumavam participar da vida da comunidade?

Em que medida eles colaboraram com os moradores?

Existem organizações no Bairro, Sindicatos, Associações? Como elas surgiram?

Na sua opinião, o Frigorífico contribuiu para a formação deste Bairro?

Alguma coisa mais que Você gostaria de contar sobre o Frigorífico, ou dos Ingleses, ou até mesmo do Bairro?

## RELAÇÃO DE NOMES DAS PESSOAS ENTREVISTADAS

Alberto	setembro de 1995
Maria de Lourdes	setembro de 1995
Maria Teresa Teixeira	Setembro de 1995
Onofre Miranda	Setembro de 1995
José Mário Schiavon	Outubro de 1995
Virgílio	Fevereiro de 1998
Cleni	Fevereiro de 1998
Sílvio Cavalheiro Paulo	Fevereiro de 1998
João Islabão	Fevereiro de 1998
Hugo Huckembeck	Fevereiro de 1998
Jacó Moreira	Fevereiro de 1998
Sebastião dos Santos	Fevereiro de 1998
Vildeman Garcez	Fevereiro de 1998
Oliver Murray Cunningham	Junho de 1998
Reni Oliveira Brito	Fevereiro de 1999
Jesus Corrêa Conceição	Fevereiro de 1999
Osni	Fevereiro de 1999
Clóvis Russomano	Abril de 1999

### **Entrevistas respondidas por cartas**

Mr. Jonh G. Griffiths	Agosto de 1999
Ex-gerente do Frigorífico	Outubro de 1999

## 7 BIBLIOGRAFIA

- ALBORNOZ, Vera do Prado Lima. *O frigorífico Armour na fronteira Sant'Ana do Livramento-Rivera*. Porto Alegre: PUCRS, 1997
- ALONSO, José Antônio Filho. *Crescimento econômico da Região do Rio Grande do Sul: causas e perspectivas*. Porto Alegre: FEE, 1994.
- ALVIN, Rosilene, LOPES, José Sérgio Leite. Vila operária e cidadania. *Revista da USP*. 1994.
- AMADO, Janaína e FERREIRA Marieta de Moraes. (coord) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- ANJOS, Marcos Hallal. *Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX*. Porto Alegre: PUCRS, 1996.
- ANTONACCI, Maria Antonieta. A Revolução de 23: as oposições na República Velha. IN: César Guilhermino. *RS: Economia e Política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.
- ANTUNES, Fátima Martins Rodrigues Ferreira. O Futebol nas Fábricas. *Revista da USP*. nº 22, São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1994.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, Rio de Janeiro. *NBR - 10520*, apresentação de citações em documentos. Rio de Janeiro, 1988. 3p.
- \_\_\_\_\_. Projeto 14: 02.02-002; apresentação de dissertações e teses; procedimento. Rio de Janeiro, 1984. 18p.
- \_\_\_\_\_. *NBR - 6023*; referências bibliográficas. Rio de Janeiro, 1989. 19p.
- \_\_\_\_\_. *NBR - 6027*; Sumário. Rio de Janeiro, 1989. 2p.
- \_\_\_\_\_. *NBR - 6028*; Resumo. Rio de Janeiro, 1989. 1p.

- AURORA, Antônio Jayme. *O Garoto do Porto*. Porto Alegre: Ed. Gráfica Metrópole S.A. (s/d)
- AZEVEDO, Vânia Regina. *Processo de acumulação de capital e suas conseqüências sócio-econômicas na agricultura: o caso de Pelotas*. Porto Alegre; UFRGS, 1986 (dissertação mimeografada)
- BAARSCH, Marius. *Estrutura e desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Sulina, 1959.
- BAKOS, Margaret Marchiori. A cidade está na moda há pouco tempo. *Estudos Iberos-Americanos*. Porto Alegre: PUCRS, nº 1, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Porto Alegre e seus eternos intendentes*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- BLAY, Eva Alterman. *Eu não tenho onde morar: vilas operárias na cidade de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1985.
- \_\_\_\_\_. (org.) *A luta pelo espaço: textos de sociologia urbana*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- BORBA, Sheila Villanova. Notas sobre o papel da indústria na estruturação das áreas urbanas. *Ensaio da FEE*: Porto Alegre, (15) 1994.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras s/d.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.
- BOVO, José Murari. *Desenvolvimento Econômico e Urbanização: influência do capital inglês na estrutura urbana da cidade de São Paulo (1850-1930)*. São Paulo: 1974. (mimeografado).
- BURKE, Peter. *A escrita da história*. Novas Perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.
- CALDAS, Waldenyr. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. *Revista da USP*. nº 22, São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1994.
- CALDAS, Waldenyr. *Pontapé inicial: memória do futebol brasileiro: 1894-1930*. São Paulo: IBRASA, 1990.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984
- CAMPOS, Pedro Moacyr. O reconhecimento do Império. IN. Holanda, Sérgio Buarque de. (org.). *O Brasil Monárquico Tomo II*. São Paulo, Difel, 1976. (Col. História Geral da Civilização Brasileira)

- CARR, Philip. *Os ingleses são assim*. (trad. de Othon M. Garcia) Porto Alegre: Ed. Livraria do Globo, 1941.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2.ed. aum. e rev., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [s/d].
- FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*. Rio de Janeiro: 2º Ed. Livraria José Olympio, 1977.
- CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade; uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1980.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, s/d
- \_\_\_\_\_. A visão do historiador modernista. IN: AMADO, Janaína e FERREIRA Marieta de Moraes (coord). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- COSTA, Francisco. O futebol na ponta da caneta. *Revista da USP*. nº 22, São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1994.
- CRUZ, Glenda Pereira da. Pelotas: espaço urbano construído no início da República. IN: Weimer Günter (org.) *Urbanismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992
- DA MATTA, Roberto. Carnavais, Paradas e Procissões. *Carnavais Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- \_\_\_\_\_. Antropologia do Óbvio. (notas em torno do futebol brasileiro). *Revista da USP*. nº 22. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1994.
- \_\_\_\_\_. *A casa e a rua* São Paulo: Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_. Você sabe com quem está falando? *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos*. E outros episódios da história cultural francesa. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo*. Sociedade e Cultura no início da França moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- ENGEL, Magali. *História da cultura: Buscas e caminhos*. Ágora. Niterói: NUPEHC-UFF, nº 1, 2º semestre de 1993.
- EU, Conde D'. *Viagem militar ao Rio Grande do Sul*. São Paulo: Itatiaia, 1981.

- FAGUNDES, Lígia Ketzer e outros. *Memórias da Indústria Gaúcha: 1889-1930*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, FEE, 1987.
- FAUSTO, Bóris. *História Geral da Civilização Brasileira: O Brasil Republicano*. Tomo III (sociedade e política-1930-1964). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1991.
- \_\_\_\_\_. *História do Brasil*. 5º ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1997.
- FERRARA, Lucrécia D'Alléssio. As máscaras da cidade. *Revista da USP*. nº 5. São Paulo: 1990.
- FREGA, Ana. *El Pluralismo uruguayo (1919-1933)*. Cambios Sociales y Político, Série Investigaciones 54. Montevideo: ClaeH, Set. 1987.
- FRANÇA, Júnia Lessa et al. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 3.ed. rev. aum. Belo Horizonte: UFMG, 1996.
- Frigoríficos*. Porto Alegre. Gundlach, 1889.
- GEERTZ, C. *Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GERTZ, Rene. O integralismo na zona colonial alemã. IN: LANDO, Aldair Marli. Org. [et. alii] Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 195-232.
- \_\_\_\_\_. *O Fascismo do sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- GILL, Lorena Almeida. "Clientelchiks": Os judeus da Prestação em Pelotas (RS) 1920-1945. Porto Alegre, PUCRS, 1998 (mimeografado)
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GITAHY, Maria Lúcia Caira. *Ventos do Mar: Trabalhadores do Porto, Movimento Operário e Cultura Urbana em Santos: 1889-1914*. São Paulo: Ed. Universidade Paulista, 1992.
- GONZALEZ, Mário. *Golf no Brasil*. Rio de Janeiro: B. Borges Edições, 1987.
- HOLANDA. Sérgio Buarque. Tentativas de Mitologia. Guinsburg. J. *Coleção Debates*. São Paulo: Ed. Perspectiva, (s/d)
- HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. (trad. Jefferson Luiz Camargo) São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- KOVARICK. Lúcio. *A espoliação urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LAGEMAN, Eugênio. *O Banco Pelotense e o Sistema Financeiro Regional*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

- LEVER, Janet. *A loucura do futebol*. Rio de Janeiro. Record, 1983.
- LEVISON, R. *Trustes e Cartéis*. Porto Alegre: Ed. Livraria do Globo, 1945.
- LIPIETZ, Alain. *Audácia: uma alternativa para o século 21*. (trad. Estela dos Santos Abreu) São Paulo: Nobel, 1991.
- LONER, Beatriz Ana. *Jornais Pelotenses Diários na República Velha*. Pelotas: *Ecos Revistas*, 1998
- LOPES, José Sérgio Leite. *O vapor do Diabo: o trabalho dos operários do açúcar*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2º ed. 1978.
- \_\_\_\_\_. *A tecelagem dos conflitos de classe na "cidade das chaminés"*. São Paulo/Brasília, Marco Zero/Editora da UNB, 1988
- \_\_\_\_\_. *A vitória do futebol que incorporou a pelada*. *Revista da USP*, nº 22. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1994.
- LUCENA, Célia Toledo. *Bairro do Bexiga: A sobrevivência cultural*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.
- MACEDO, Francisco Riopardense. *Os ingleses no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Edições Nação, 1975.
- MAGALHÃES, Mário Osório. *História e Tradições da cidade de Pelotas*. Porto Alegre: 2º Ed. Instituto Estadual do Livro, 1981
- \_\_\_\_\_. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: Ed. UFPEL/ Livraria Mundial, 1993
- \_\_\_\_\_. (org) *João Simões Lopes Neto: História de Pelotas*. Pelotas: Armazém Literário, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Os Passeios da cidade antiga*. (guia antigo das ruas de Pelotas) Pelotas: Armazém Literário, 1994
- \_\_\_\_\_. *Pelotas no século XIX*. Pelotas: Livraria Mundial, 1994.
- MARQUES, Alvarino Fontoura. *O episódio do ciclo do charque*. Porto Alegre: Edigal, 1987.
- \_\_\_\_\_. *A evolução das charqueadas riograndenses*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Economia do Charque. O charque nas artes. Culinária do charque*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992.

- MARTINS, José de Souza. *Conde Matarazzo: o empresário e a empresa: estudo de sociologia do desenvolvimento*. 2º ed. São Paulo: HUCITEC, 1976.
- MERTZ, Marli. A burguesia industrial gaúcha e suas tentativas de organização: de sua origem a 1930. Porto Alegre: *Ensaio da FEE*, ano 12, nº 2, 1991.
- OLIVEN, Ruben. A cidade como categoria sociológica. *Revista Dados*, Rio de Janeiro, 19, 1978
- \_\_\_\_\_. A Malandragem na Música Popular Brasileira. IN: *Violência e Cultura no Brasil*. Petrópolis; Vozes, 1985.
- \_\_\_\_\_. *A parte e o todo: diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis: Vozes, 1992
- ORTIZ, Renato. Estado, Cultura e Identidade Nacional, Memória Coletiva e Sincretismo Científico e Da Raça à Cultura. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_. Do Nacional Popular ao Internacional-Popular. *A moderna Tradição Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- OSÓRIO, Fernando Luis. *A cidade de Pelotas*. 2º ed. Pelotas/ Porto Alegre: Globo, 1962.
- PANTALEÃO, Olga. A presença inglesa. IN: Holanda, Sérgio Buarque de. org. *O Brasil Monárquico II*. São Paulo: Difel, 1976. (Col. História Geral da Civilização Brasileira).
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *República Velha Gaúcha: charqueadas, frigoríficos, criadores*. Porto Alegre: Movimento/IEL, 1980.
- \_\_\_\_\_. *RS: a economia e poder dos anos 30*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Pecuária e Indústria: formas de realização do capitalismo na sociedade gaúcha no século XIX*. Porto Alegre: Movimento, 1986
- \_\_\_\_\_. *A burguesia gaúcha: Dominação do capital e disciplina do trabalho (RS:1889-1930)*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- \_\_\_\_\_. *História da indústria sul-riograndense*. Guaíba: Riocel, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Os industriais da República*. Porto Alegre: IEL, 1991.
- PIMENTEL, Fortunato. *Assuntos Gerais de Pelotas*. Porto Alegre: Gundlach, 1940.

- \_\_\_\_\_. *Charqueadas e Frigoríficos*. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1940.
- \_\_\_\_\_. *Rio Grande do Sul e suas riquezas*. Porto Alegre: Continente, 1944.
- PINTO, Celi Regina J. *Positivismo: um projeto político alternativo (RS: 1889-1930)*. Porto Alegre: LPM, 1986.
- RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985
- (RE) *Introduzindo a História Oral no Brasil*. I Encontro Regional de História Oral Sudeste-Sul. São Paulo: Revista da USP, 1995.
- REICHEL, Heloisa Jochims. A industrialização do Rio Grande do Sul na República Velha. IN: CÉSAR, Guilhermino. *RS: Economia e Política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.
- Revista Brasileira de História*. n 6. Pensando a classe operária: os trabalhadores sujeitos ao imaginário acadêmico. São Paulo: Marco Zero, 1984.
- Revista Brasileira de História: Memória, História, Historiografia*. Nº 25,26. São Paulo: Marco Zero, 1993.
- Revista de Pós-Graduação em História*. Universidade Estadual de Paulista. Assis, São Paulo: 1993.
- RODRIGUES, Nelson. A Pátria em Chuteiras. In: COSTA, Francisco. O futebol na ponta da caneta. *Revista da USP*. nº 22. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1994.
- ROSA, Mário. *Geografia de Pelotas*. Pelotas: Grafosul, 1986
- SEVCENKO, Nicolau. Futebol, Metrôpoles e Desatinos. *Revista da USP*. nº 22, São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1994.
- SILVA, Gracilda Alves de Azevedo. *Bangú: A fábrica e o bairro: um estudo histórico (1889-1990)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1985. (dissertação mestrado)
- SILVA, Neuza Regina Janke. *Relatório da FAPERGS*. 1996. (mimeografado).
- SILVA. Marcos A. *República em Migalhas: História regional e Local*. São Paulo: Marco Zero, 1990.
- SIMONSEN, Roberto C. *Ensaio Sociais Políticos e Econômicos*. São Paulo: Edição da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, 1943.

- SINGER, Paul. *Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana*. São Paulo: Nacional, 1977.
- SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. *Capitalismo e Urbanização*. São Paulo: Contexto, 1968 (col. Repensando a Geografia)
- STREET, Jorge. *Idéias sociais de Jorge Street*. Textos selecionados por Evaristo de Moraes Filho Brasília: Senado Federal; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1980.
- SUZIGAM, Wilson. *Os investimentos estrangeiros no início da industrialização do Brasil*. Campinas: UNICAMP/ IE, 1994.
- SZMRECÁNYI, Tamás. Apontamentos para uma história econômica do Brasil no período 1920-1950. Porto Alegre: *Ensaio FEE*, 1986.
- TAMBARA, Elomar. *RS: modernização e crise na agricultura*. 2º ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- \_\_\_\_\_. Círculo Operário e Igreja: a formação da classe trabalhadora. IN: GHIGGI, Gomercindo. *Trabalho, conhecimento e formação do trabalhador*. Pelotas: Ed. Universitária, UFPel, 1993, p.55-81.
- \_\_\_\_\_. Positivismo e educação no Rio Grande do Sul. IN: GRAEBIN, Cleuza Maria Gomes, LEAL, Elisabete. *Revisitando o positivismo*. Canoas: Ed. La Salle, 1998, p.178-182.
- THOMPSON, Edward P. *Tradición, revuelta y consciencia de clase*. Estudios sobre la crisis de la sociedad pré-industrial. 2º ed. Barcelona: Crítica, 1984.
- VIEIRA, Sidnei Gonçalves. *A fragmentação social do espaço urbano: uma análise da (RE)produção do espaço urbano em Pelotas, RS*. Porto Alegre: UFRGS, 1997.
- WEBER, Regina. Relatos de quem colhe relatos: Pesquisa em História Oral e Ciências Sociais. *DADOS, Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, Vol, 39, n 1, 1996.

## 7.1 FONTES

### Jornais:

*A Alvorada*. Pelotas.

*A Opinião Pública.* Pelotas  
*Diário Popular.* Pelotas

### **Periódicos:**

*Albúm de Pelotas.* Centenário da Independência do Brasil. Pelotas: Setembro 1922.

*Almanaque Correio do Povo.* Porto Alegre: Globo, 1921-1927.

*Ilustração Pelotense.* Pelotas: N 1. 1921

PARADEDADA, Florentino (direção) *Almanaque de Pelotas.* Pelotas: Litografia Guarany, (1921-1926)

PARADEDADA, Florentino. (direção) *Almanaque de Pelotas.* Pelotas: Livraria do Globo, (1927-1930)

### **Documentos Diversos**

*Anais da Câmara Municipal.* Pelotas: 1956-1961-1970

Anuário de Estatística do Brasil. *IBGE.* Pelotas: 1940.

*Câmara Municipal.* Ofícios. Pelotas. 1956.

*Consolidação das Leis do Trabalho. (1º de maio de 1943)* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993

Decreto Legislativo: *Câmara Municipal de Pelotas.* Pelotas: 28 de setembro de 1998.

*Departamento Estadual de Estatística.* (órgão regional do IBGE). Rio Grande do Sul. Brasil: 1948.

Diagnóstico. *Prefeitura Municipal de Pelotas. Departamento de Planejamento Governamental.* Pelotas, abril de 1997.

Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. *IBGE.* Rio de Janeiro: 1959.

*Estado do Rio Grande do Sul: Leis da Assembléia dos Representantes. Exercício de 1917.* Porto Alegre: Ofic. Gráf. A Federação, 1916.

*Estatutos da Companhia Frigorífica Rio Grande.* Pelotas, 1915.

Histórico do Saneamento de Pelotas. (1850-1992) *SANEP.* Pelotas: 1992. (mimeografado)

Livro 3 L, folhas 147 a 156 sob nº 16714 e 16749. fevereiro de 1921, *1º Registro de Imóveis.* Pelotas.

Livro 3-N, fls. 241, nº 16.920. março de 1953, *2º Registro de Imóveis.* Pelotas.

*Livro de Atas da Diretoria do Clube Campestre.* Pelotas. 1944-1945-1946-1947-1953

*Mensagem e proposta de orçamento enviadas à Assembléia de Representantes do Estado do Rio Grande do Sul, pelo Presidente Antônio Augusto Borges de Medeiros.* Porto Alegre: Gráfica A Federação, 1919.

*Plano Diretor de Pelotas.* Pelotas, 1967.

*Revista Golf-Sport.* São Paulo: Ed. Pinus Ltda. Ano II. nº 10, 1995

*Saneamento de Pelotas. (Novos Estudos).* Relatórios de Projetos. Pelotas: Globo, 1947-50.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)